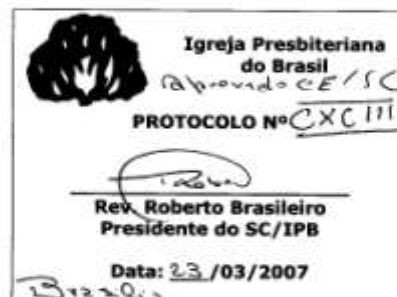


RELATÓRIO DA COMISSÃO:
Legislação e Justiça I
Sub-comissão IV



Quanto ao documento 065 - 095

Ementa: Referente ao livro indicado pela Comissão do Vestibular para leitura dos candidatos ao Seminários - Quanto a indicação de livros para Vestibular Unificado, encaminhamento de resoluções da PBHZ

Considerando

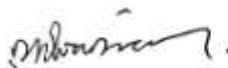
1. Que a JET tomou todas as providências conforme reclamadas pelos solicitantes;
2. Que houve pedido formal de perdão configurando arrendimento.

A CE-SC/IPB-2007 RESOLVE

1. Louvar a Deus pela postura zelosa do Sínodo de Belo Horizonte no trato do assunto em epígrafe.
2. Lamentar o ocorrido
3. Reconhecer que as providências tomadas pela JET com o intuito de corrigir e evitar a repetição dos fatos são satisfatórias.

Sala das Sessões, 23 de março de 2007

Relator Rev. Domingos Dias



Sub-relator Rev. Sirgisberto Queiroga da Costa

Membros

Rev. Roney Protes Faria

Rev. Jorge Correa Filho





**IGREJA PRESBITERIANA DO
BRASIL**
SECRETARIA EXECUTIVA
COMISSÃO EXECUTIVA - 19 A 24 DE MARÇO
- BRASÍLIA - DF

Folha

Belo Horizonte, 19 de março de 2007.

Comissão Executiva do Supremo Concílio da
Igreja Presbiteriana do Brasil

Rev. Roberto Brasileiro Silva
MD Presidente do Supremo Concílio IPB

Estimado irmão

Cumpre-me o dever encaminhar a esta Reunião CE/IPB o documento assim ementado:

De: Sinodo de Belo Horizonte

Ementa:

**Referente ao livro indicado pela Comissão do Vestibular para leitura dos
candidatos aos Seminários**

Rogando as mais ricas bênçãos de Deus sobre a vida da Igreja Presbiteriana do Brasil e sua
douta Comissão Executiva, ora reunida em nossa Capital Federal, registro meu apreço e
consideração.

Fraternalmente em Cristo,

Rev. Ludgero Bonilha Morais
Secretário Executivo do Supremo Concílio da
Igreja Presbiteriana do Brasil

PROTOCOLO Nº 065

Destino:

Supremo Concílio

Rev. Roberto Brasileiro
Presidente do SC/IPB

Data: 19/03/2007

SÍNODO BELO HORIZONTE



Secretário Executivo: Rev. Carnot Jacy Roque Júnior
Av. do Contorno, 3.999 – Apto. 03
Bairro Santa Efigênia – B Hte. - MG
CEP: 30.110 - 090 – FONE: 3225 0389

Da: Secretaria Executiva do Sinodo Belo Horizonte

Para: SECRETARIA EXECUTIVA DO SUPREMO CONCILIO DA IPB

Assunto: Remessa de Documentos

Sr. Secretário Executivo,

O Sinodo Belo Horizonte, após deliberações ocorridas em suas Reuniões Extraordinárias dos dias 31/01/07 e 09/02/07, resolveu encaminhar a essa Secretaria Executiva visando a próxima reunião da CE/SC, os seguintes documentos:


N.º DOCTO.	ASSUNTO	RECIBO
S/N.º	Docto. do Presbitério Sudoeste de Belo Horizonte referente aos votos dos Arts. 9º letra "b" do capitulo III; 33 e do 88, todos da CI IPB.	
S/N.º	Docto. do Presbitério Inconfidentes referente aos votos dos Arts. 9º letra "b" do capitulo III; 33 e do 88, todos da CI/IPB.	
S/N.º	Docto. do Presbitério Inconfidentes referente à Resolução SC-IPB-2006 Decisão 70-2002	
11	Docto. do PALT referente ao livro indicado pela Comissão do Vestibular para leitura pelos candidatos	
12	Docto. do PBHZ referente ao livro indicado pela Comissão do Vestibular para leitura pelos candidatos	
13	Docto. do PBHZ referente ao livro indicado pela Comissão do Vestibular para leitura pelos candidatos	

04 Do Sinodo Belo Horizonte referente ao livro indicado pela comissão do Vestibular.

15	Docto. do PALT referente ao a programas televisivos que agridem a moral	
17	Docto. do PBHZ referente à matéria veiculada no Jornal "Extra" de 29 de outubro de 2.006 Escola de Samba, próximo Carnaval	
18	Docto. do PBHZ - Posicionamento sobre validação dos diplomas do STPRDNE	
19	Docto. do PBHZ - Estudo sobre o número de Seminários	
20	Docto. do PBHZ - Referente à Maçonaria	
21	Docto. do PBHZ - Referente à Maçonaria	

Sem mais para o momento, subscrevo-me atenciosamente.

Em Cristo Senhor da Igreja,



Rev. Carnot Jaey Roque Júnior

Secretário Executivo

EXTRAORDINARIA - SBH
Dia 09/02/2007 Doc. Nº 04
Despacho

Presidente:

IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL

SÍNODO BELO HORIZONTE

Belo Horizonte, 09 de Fevereiro de 2007

Comissão Executiva do Supremo Concílio da
Igreja Presbiteriana do Brasil
Rev. Roberto Brasileiro Silva
MD Presidente

Estimados irmãos:

O Sínodo Belo Horizonte tomou conhecimento, através de dois de seus Concílios presbiteriais, (Presbitério das Alterosas e Presbitério Belo Horizonte), acerca do "Vestibular Unificado - Bacharel em Teologia - 2007", coordenado nacionalmente pelo Rev. Valdir Ferreira da Cunha, sob ordens da Junta de Educação Teológica da Igreja Presbiteriana do Brasil, entre outras coisas, o livro de leitura obrigatória para todos os candidatos inscritos no vestibular, a saber: "Poema Sujo" de Ferreira Goullar.

Este livro, de leitura obrigatória a todos os candidatos ao ministério da Igreja Presbiteriana do Brasil, inscritos no Vestibular 2007, causou grande consternação em diversos cantos da denominação, aonde chegou a triste notícia.

O Sínodo Belo Horizonte soma-se na preocupação de seus presbitérios, que denunciam tal procedimento imoral, tornando todas as palavras dos documentos originais provindos do Rev. Geraldo Silveira Filho, do Conselho da Sexta Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte, do Presbitério Belo Horizonte e do Presbitério das Alterosas, suas próprias palavras, solicitando com veemência, que a CE/SC-IPB tome as medidas cabíveis e responsabilizadoras em tal ato.

Rev. César Guimarães do Carmo - Relator


Rev. Cleómines Anacleto Figueiredo

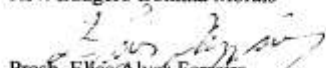
Reunido aos
doctos 11, 12 e 13
da R.E/S.B.H.
de 31/01/07


Carmel Jacy Roque Jr.
Secretário Executivo do SSBH


Rev. Geraldo Silveira Filho

Rev. Nilton Marques da Silva


Rev. Ludgero Bonilha Morais


Presb. Elias Alves Ferreira


Presb. Jefferson Francisco de Paula


Presb. Rary-Fernandes Ferreira

DOC
Bebe-se o DOC
documentos que o SE-
PACT encaminha a comissão
com os arquivos
31-01-2003

IGREJA
PRESBITERIANA
DO BRASIL

PRESBITERIO DAS ALTEROSAS
(SÍNODO BELO HORIZONTE)

Rev. Ronaldo Gonçalves
Secretário Executivo – Fone: (31) 3352.9569
Rua Rio Salgado, 125 – Novo Riacho
32.280-490 - Contagem – MG

Belo Horizonte, 31 de janeiro de 2007.

A
CE/IPB – A/C: Rev. Ludgero Bonilha Moraes

VIA SÍNODO BELO HORIZONTE

Assunto : Comunicação e solicitação

Referência : Vestibular dos seminários

"Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes". (I Coríntios 15,33)

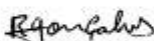
Amados irmãos,

Nosso concílio recebeu, por via de uma de suas igrejas, um exemplar do livro "Poema Sujo", da autoria de Ferreira Gullar, a partir da informação passada por um de nossos vestibulandos. Trata-se de uma obra literária requerida em exame de Vestibular Unificado para nossos seminários, ano 2007. Como se pode constatar facilmente, é uma obra que utiliza vocabulário de baixíssimo calão, desprezando as mais mezinhas virtudes e enaltecendo a indignidade e os maus costumes morais. Exemplos podem ser vistos nas páginas 3, 8, 14, 26 e 52, cujas citações não foram transcritas, porque "o só referir já é vergonha"! É linguagem que corrói como câncer, como diz Paulo em II Timóteo 2.17.

Certamente nossa nobre comissão de preparação de vestibular descuidou-se inadvertidamente, uma vez que, atestadamente, não é o tipo de leitura que convém a qualquer crente que seja, muito menos para vestibular de futuros pastores.

Por deliberação do plenário de nosso concílio, damos ciência do fato a esta CE/IPB, almejando que a mesma encareça de nossa JET atenção especial ao caso e, por extensão, às leituras que em geral são exigidas de nossos candidatos no programa de Vestibular Unificado.

No temor do Senhor,


Rev. Ronaldo Gonçalves
Secretário Executivo do PALT





PRESBITÉRIO DAS ALTEROSAS

LXX REUNIÃO _____ ORDINÁRIA
ANO 2006

DOC. Nº 76
DESTINO APROVADO
ARQUIVO
28.12.06
W. PRESIDENTE

RELATÓRIO

*Relatório para a Comissão de
Candidatos e Teologia.*

*Quanto ao doc. 23, Relatório do
Conselho da Igreja Presbiteriana do
Belo Horizonte, ref. à obrigatoriedade
de leitura de obras literárias
consideradas morais, para o curso de
Bacharel em Teologia nos Seminários
da Igreja Presbiteriana do Brasil.*

Considerando:

- 1) A existência de centenas de alternas
formas de obras literárias da li-
teratura brasileira consideradas
boas, e até mesmo excelentes;*
- 2) Que o documento tem razão de
ser, uma vez que a literatura
apontada, tanto no que se refere
à obra de Ferreira Gullar, cujo título
é POEMA SOTOPÉ de Fernando Sabino,
Amor de Capitu, não aparece a ser
revelada a dignidade da linguagem
do povo de Deus como expressão de
mente;*
- 3) Que a igreja de Cristo vive numa
época chamada pós-moderna e que
está "sujeita" a copiar os ditames
e modelos da mentalidade secular para
os perigos da secularização.*

*O palt. resolve: 1) aprovar o documento
2) encaminhá-lo à Comissão Especial do
Supremo Concílio em sua próxima reunião*



PRESBITÉRIO DAS ALTEROSAS

DOC. Nº _____

DESTINO _____

REUNIÃO _____ ORDINÁRIA

ANO _____

PRESIDENTE _____

RELATÓRIO

Relatório
 Após a reunião do C.S.S.C. detém-se a seguinte situação a respeito das providências para a realização da reunião literária para o Conselho de Pastores de Alterosas para o curso de Bacharelado em Teologia de nossos seminários do EPB.

Apelo das Igrejas 27/12/2006
 Joel José de Almeida
 Secretário



Belo Horizonte, 20 de dezembro de 2006.

Ilmo. Sr.
Rv. Roberto Brasileiro
MD Presidente o SC-IPB


Dileto Irmão,

Anexo encaminhamos denúncia do Conselho da Sexta Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte, acerca do Vestibular Unificado, Bacharel em Teologia da Igreja Presbiteriana do Brasil, para avaliação dos irmãos desta CE-SC.

Certo de que contamos com a graça de Deus em tratar as coisas do seu Reino, bem como a necessária atenção à Palavra do Senhor em como nos conduzimos neste mundo, e seguros que os nossos irmãos conciliares tudo farão para que seja corrigido o que de infeliz, fez obrigando a Comissão do Vestibular aos futuros pastores a lerem obras, que outra coisa não faz senão o que apóstolo Paulo falou de Himeneto: "sua linguagem corrói como câncer".

Fraternalmente,

Em Cristo,


Presb. Humberto Tavares de Melo
Secretário do Conselho.

P.S. Anexo cópia do Manual do Vestibular Unificado.
Cópia do Livro citado.

SEXTA IGREJA PRESBITERIANA DE BELO HORIZONTE
R. Dr. Jacques Luciano, 80 – Sagrada Família – 31.030-320
0xx 31 3461 4295
sextapresbiterianabb@ig.com.br



Ilmo. Sr.
Rv. Roberto Brasileiro
MD Presidente o SC-IPB

Dileto Irmão,

O Conselho da Sexta Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte

Considerando:

1. Que o mundo jaz no Maligno e que devido à queda foram corrompidas todas as faculdades humanas.
2. Que segundo as Escrituras a torpe comunicação pode ser instrumentos para a corrupção e a impureza, e utilizar dela é pecado:

“Digo-vos que de toda palavra frívola que proferirem os homens, dela darão conta no Dia do Juízo” Mateus 12:36 “Não saia da vossa boca nenhuma palavra torpe, e sim unicamente a que for boa para edificação, conforme a necessidade, e, assim, transmita graça aos que ouvem”. Efésios 4:29

“nem conversação torpe, nem palavras vãs ou chocarrices, coisas essas inconvenientes; antes, pelo contrário, ações de graças”. Efésios 5:4 “Agora, porém, despojai-vos, igualmente, de tudo isto: ira, indignação, maldade, maledicência, linguagem obscena do vosso falar”. Colossenses 3:8 No ensino, mostra integridade, reverência, “linguagem sadia e irrepreensível, para que o adversário seja envergonhado, não tendo indignidade nenhuma que dizer a nosso respeito”. Tito 2.8. (Todos os grifos, nossos).

3. Considerando que o Sétimo Mandamento da Lei de Deus, de conformidade com a Escritura e os nossos símbolos de fé, proíbe: **“todas as imaginações, pensamentos, propósitos e afetos impuros, todas as comunicações corruptas ou torpes, ou ouvir as mesmas” (Catecismo Maior. Sétimo Mandamento).**
4. Que ao redimido por Cristo tendo nova natureza, e procurando fazer morrer o Velho homem deve evitar, odiar e combater, as obras infrutíferas das trevas entre as quais Paulo, o apóstolo, menciona a comunicação torpe.
5. Que no último Vestibular Unificado- Bacharel em Teologia, publicado sob os auspícios da JET, é o candidato **obrigado a ler** obras, com linguagem obscena e baixo calão (Ex. triste: Poema Sujo de Ferreira Gullar, cujos textos marcado no livro em anexo, recusamos

SEXTA IGREJA PRESBITERIANA DE BELO HORIZONTE
R. Dr. Jacques Luciano, 80 – Sagrada Família – 31.030-320
0xx 31 3461 4295
sextapresbiterianabh@ig.com.br



IGREJA
PRESBITERIANA
do BRASIL



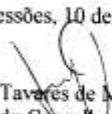
SEXTA IGREJA
PRESBITERIANA

transcrever, e lamentamos que a devam ser lidos pelos irmãos que julgarão; Amor de Capitu, de Fernando Sabino).

Resolve:

1. Lamentar que a Comissão Coordenadora do Vestibular tenha deixado passar esta orientação, obrigando (pg 9) os candidatos a lerem coisas tão vulgares a título de avaliação em literatura Brasileira.
2. Sugerir que a CE-SC determine que a JET tome as devidas providências, uma vez que a cada Vestibular, estas recomendações infelizes têm sido feita, e piorando como é o caso deste último, bem como, que a CE-SC se pronuncie nacionalmente a fim de corrigir este triste equívoco que vem denegrir nosso testemunho Cristão e desobedecer a Escritura e nossos símbolos de fé.

Sala das Sessões, 10 de dezembro de 2006.


Humberto Tavares de Melo
Secretario do Conselho.

*Doc 12
Encaminhe à CE/SC/IPB
Especial em
governança
31-01-2007*



PREBITÉRIO BELO HORIZONTE - PBHZ

Rua Ceará 1434, Bairro Funcionários, 30150-311, Belo Horizonte, MG, 3273-7044

Rev. César Guimarães do Carmo
Presidente: revcesar@ig.com.br
34936722 / 34936722 - 34934237

Rev. Dercy de Lima
Secretário Executivo: revdercy@hotmail.com
3273-7044 = 3484-4199 - 9157-4806

PREBITÉRIO



BELO HORIZONTE

Belo Horizonte, 31 de janeiro de 2007.

Aos Ex.mos Srs. Conciliares
Do Sin. de Belo Horizonte
At. Sr. Presidente: Rev. Cleómines Anacleto Figueiredo

Assunto: Documentos a serem encaminhados à CE/SC/IPB

- O Presbitério Belo Horizonte em sua 46ª Reunião Ordinária realizada nos dias 14 a 16 de dezembro de 2006 no Acampamento Ebenezer da 1ª Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte, resolveu encaminhar os documentos abaixo relacionados, a este plenário para que sejam examinados e encaminhados à CE/SC/IPB, para que pronuncie a respeito dos mesmos.
- Doc. nº 70, Estudos sobre Seminários da IPB.
 - Doc. nº 79, Posicionamento sobre validação dos Diplomas STPRDNE
 - Doc. nº 82, Incompatibilidade da Maçonaria com a Fé Cristã e a Igreja.
 - Doc. nº 84, Com relação à Maçonaria, artigo Jornal BP.
 - Doc. nº 93, Posicionamento sobre livro indicado pela Coordenação do Vestibular Unificado para os seminários da IPB.
 - Doc. nº 94, Consulta à IPB sobre matéria veiculada no Jornal "Extra" de 29 de outubro de 2006, Escola de Samba, próximo Carnaval.

Sem mais pelo momento, expresso as minhas cordiais saudações em Cristo Jesus.

Rev. Dercy de Lima
Secretário Executivo PBHZ

46ª Reunião Ordinária – PBHZ
15 de dezembro de 2006 DOC. Nº 93

Despacho

Presidente:

Relatório da Comissão de Legislação e Justiça

“Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes”.
Coríntios 15:33

Sobre os documentos 28 e 33 - “Posicionamento sobre Livro Indicado pela Coordenação do Vestibular Unificado para os Seminários da IPB”, cujo documento 28 será transcrito na íntegra pelo SE/PBHZ, decide o PBHZ:

1- Oficiar formalmente à Jet a total discordância com o ocorrido, a saber: inclusão do Livro *Poema “Sujo”*, de autoria de Ferreira Gullar, no conteúdo programático do Vestibular Unificado dos Seminários da IPB/2006, que aberraram e afronta a Fé Bíblica, preceitos e valores da Fé Reformada, portanto, total incompatibilidade com a IPB, pelo que requer-se necessariamente ações efetivas quanto à Juret, como segue:

1.1 Pedidos Formais de escusas aos Candidatos e à IPB.

1.2 ~~Cancelamento~~ ^{AVISO} dos ~~responsáveis~~ ^{RESPONSABILIZAÇÃO} diretos pela Matéria e pela Coordenação do Vestibular.

2- Encaminhamento dos referidos documentos - 28, 33 - e desta decisão à CE/SCIPB.

Sala das Seções, 15 de dezembro de 2006,

A Comissão
Relator Rev. Ludgero Bonilha Moraes



46ª Reunião Ordinária – PBHZ
15 de dezembro de 2006 DOC. Nº 28

Despacho *Albino José de Jesus*

Presidente



Belo Horizonte, 14 de Dezembro de 2006

Ao Colendo Presbitério Belo Horizonte

REF. SOLICITAÇÃO PARA QUE O PBHZ SE POSICIONE SOBRE LIVRO INDICADO PELA COORDENAÇÃO DO VESTIBULAR UNIFICADO PARA OS SEMINÁRIOS DA IPB E SOBRE A DECISÃO DA JET QUANTO AO ASSUNTO.

**Sr. Presidente:
Nobres colegas:**

Aconteceu no dia 18 de Novembro deste ano o Vestibular Unificado para o curso de Bacharel em Teologia oferecido pelos seminários da Igreja Presbiteriana do Brasil. Este é o exame para definição daqueles que definitivamente poderão se matricular como alunos regulares no curso em nossos seminários, pré-requisito para ordenação ao Sagrado Ministério.

Nas áreas de Português e Literatura foi indicado um livro de Ferreira Gullar com o seguinte título: "Poema Sujo". As questões relacionadas ao livro objetivam identificar a capacidade do candidato para leitura e interpretação crítica de textos; que ele ainda possa reconhecer os elementos de coesão e fatores de textualidade que lhes dão coerência. As leituras das obras indicadas são obrigatórias.

Quanto à obra "Poema Sujo", primeira listada no programa do vestibular o nome já diz tudo; ou melhor, quase tudo. Eis a definição da palavra encontrada em um dicionário de língua portuguesa: Falta de limpeza; cheio de sujidade(s);

emporcalhado, porco, imundo, sórdido, manchado, conspurcado, maculado, infeccionado, contagiado.

O conteúdo do tal poema faz jus ao seu título. Um emaranhado de descrições abjetas podendo ser classificada facilmente como literatura pornográfica, uma vez que relatam coisas ou assuntos obscenos ou licenciosos, capazes de motivar ou explorar o lado sexual do indivíduo.

Assim o autor do livro, Ferreira Gullar, em entrevista a "ISTOÉ Online" descreve sua obra: Ele é sujo porque "não tem nenhuma reserva moral. Uso palavras que a moral conservadora convencional não aceita. É sujo porque rompe com uma série de valores estéticos...".

A JET (Junta de Educação Teológica) tratou deste assunto em sua última reunião ocorrida na cidade de São Paulo no início de dezembro. Esta douta Junta constatou a gravidade dos fatos: Trará ao conhecimento da IPB escusas pela vinculação deste livro no vestibular. Além disto, determinou a JURET de Belo Horizonte que apure os fatos que produziram a incidência deste lamentável episódio.


Não obstante, ainda que seja função de nossa JURET averiguar as circunstâncias deste tórrido episódio (o Coordenador Geral do Vestibular é o Diretor do nosso Seminário); a JET se furta de cumprir o seu papel plenamente, pois ela é "em última instância" responsável pelo Vestibular Unificado; a ela cabe as providências de responsabilizar os envolvidos neste desdouro.

Entendo que a JURET de Belo Horizonte, pelo bem da educação teológica em nosso seminário, deve necessariamente aquilatar acerca da origem, do mentor e objetivos desta manobra. Não foi um mero descuido – ainda se o fosse, não seria menos trágico. Existem informações que questões do Vestibular foram retiradas do tal livro sujo. Portanto, quem realizou as perguntas para o vestibular tinha conhecimento do conteúdo emporcalhado desta obra, ainda assim, dela formulou questões para mensurar e determinar aqueles que poderiam se preparar para servirem a Igreja Presbiteriana do Brasil como seus pastores.

Diante destas cousas solicito do PBHZ a adoção de medidas cabíveis, para que os propósitos destas ações sejam

identificados e devidamente rechaçados para o bem do Reino do Senhor e da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Nos laços da Cruz.


Rey. César Guimarães do Carmo
Membro Titular da JURET - Belo Horizonte

Em anexo:

1. Orientações para o Vestibular Unificado.
2. Porções da Obra "Poema Sujo"
3. Entrevista de Ferreira Gullar concedida à "Época On-line".



Ferreira Gullar

mas voz rebelde

aos 30 anos de *Poema sujo*,

Ferreira Gullar cobra uma reforma

profunda do País e afirma que a
ditadura é uma ameaça à civilização

por
Ariane Lobato

Poema sujo, segundo o falecido jornalista e escritor Otto Maria Carpeaux, merecia se chamar "Poema nacional, porque encarna todas as experiências, vitórias, derrotas e esperanças da vida do homem brasileiro". A emblemática obra, de 70 páginas, foi escrita por Ferreira Gullar há 30 anos, quando ele estava exilado na Argentina, foragido da ditadura brasileira. Era uma declaração de amor terminal de um homem que, escondido em um quatinho de Buenos Aires, rabiscava versos para não morrer. Estes a completar 75 anos, no dia 10 de setembro, o poeta olha para trás e afirma: valeu a pena porque perseguir o ideal de uma sociedade melhor é um objetivo que nunca se concluirá, mas do qual não podemos abrir mão.

Para receber ISTOÉ em seu apartamento de cinco quartos em que vive há 24 anos, em Jacarepãba, zona sul carioca, ele estava assistindo a um depoimento da CPI. Mostrado irritado com a política e os políticos. Ex-integrante do Partido Comunista, um dos fundadores do grupo Opinião e ex-presidente do Centro Popular de Cultura, da UNE, mudou de status: deixou de ser maldito para ser querido. Escreve um novo livro, é jornalista do jornal *Folha de S. Paulo*, acaba de receber o Prêmio Machado de Assis, da FFLCH – onde nunca quis entrar –, lança o livro infantil *Dr. Urubu e outras fábulas* (Ed. Século 21) e recebe pincas de convites diariamente. Gullar, que foi presidente da imprensa no governo de Itamar Franco, sobreviveu para contar histórias. Como as contadas em peças, livros ou as que se seguem.

TOÉ – O que o sr. acha das transmissões das CPIs?

Ferreira Gullar – Tem certo drama porque é um assunto grave que diz respeito à vida política brasileira. Mas tem comédia também: os caras prestarem depoimento com a permissão de não dizer a verdade, de se negar a responder, uma palhaçada. Do outro lado, os deputados e senadores ficam fazendo discurso de palanque, repetindo perguntas. Tudo isso indica a necessidade de uma reforma profunda. Não existe uma sociedade sem governo e a forma de governo mais aconselhável que se conhece é a democracia, é a representação popular perante a eleição. O jeito, então, é reformar as normas que regem as disputas políticas e a constituição das autoridades.

TOÉ – O sr. foi exilado, preso, perseguido. Valeu a pena?

Ferreira Gullar – Claro. A vida é uma coisa inventada por nós e constituída por nós. Existem erros, fracassos, equívocos, injustiças, mas a nossa função no mundo é fazer a justiça lutar por uma sociedade melhor. Esse é um objetivo que nunca se concluirá, mas do qual não podemos abrir mão nem desistir. O que está acontecendo é lamentável, mas não é ruim também porque está sendo revelado e nos permite corrigir. Na verdade, a transmissão dessas CPIs transformou o Brasil numa grande assembleia. Todo mundo está discutindo o assunto. Eu tenho conhecidos que têm horror à política e agora não sabem mais em outra coisa. Isso politiza o País, abre os olhos das pessoas e aguçam a responsabilidade delas.

TOÉ – Em um artigo na *Folha*, o sr. disse que este é o primeiro e único mandato de Lula. Mas as pesquisas mostram que ele é forte candidato.

Ferreira Gullar – Eu disse que era minha modesta opinião. Não sou dono da verdade. Mas não há dúvida de que o desgaste que o PT está sofrendo, o desmoronamento e a desmoralização do partido, torna muito difícil a reeleição de Lula. Com o que ele vai fazer essa campanha? Com esse partido? Sob a bandeira da ética? Uma coisa é o estígio pessoal do Lula, outra é o embate nas eleições. Acho difícil ele se eleger, não estou dizendo que não se elege, mas vai ter de fazer uma campanha baseada só nele mesmo. No PT é que não.

TOÉ – O sr. ainda é do Partido Comunista?

Ferreira Gullar – Não existe mais Partido Comunista. O Partido Comunista ao qual eu pertenci

está em http://www.terra.com.br/istoe/1870/1870_vermelhas_01.htm

11/12/2006



transformou no PPS. Entrei para o Partido Comunista no dia do golpe de 64 (1º de abril), em grande parte por solidariedade aos meus companheiros de luta na resistência contra o golpe, a ditadura que estava nascendo. O Centro Popular de Cultura (CPC), da UNE, tinha acabado de ser destruído, não havia mais organização nenhuma. O partido era uma organização clandestina que, portanto, ia sobreviver. Então era o caminho para eu continuar resistindo ao que estava acontecendo.

TOÉ – Poema sujo comemora 30 anos. É a obra que considera mais importante?

Uillar – Comecei a escrevê-lo em março e terminei em outubro de 1975. Eu estava exilado na Argentina, onde também tinha se instalado a ditadura e as pessoas começavam a sumir. A polícia secreta da ditadura brasileira agitou a da Argentina e eles estavam catando exilados lá, iam acabar me achando. Eu escrevi o Poema como se pudesse ser a última coisa que faria – por isso, a idéia de fazer um resgate de toda a minha vida, dar o meu testemunho final.

TOÉ – Foi doloroso escrevê-lo?

Uillar – O T.S. Eliot (poeta americano) disse que a gente escreve para se libertar da noção. Ruim é estar sofrendo, mas escrever é uma libertação. No momento em que escrevo não há dor, só prazer de criar, de ver nas palavras a expressão da vida. Só o fato de eu estar escrevendo fazia com que eu não fosse exilado. Os problemas todos iam. Eu era somente um poeta escrevendo sua obra.

TOÉ – Por que "sujo"?

Uillar – Ele é sujo por três razões: uma, porque não tem nenhuma reserva moral. Uso palavras que a moral conservadora convencional não aceita. É sujo porque rompe com a série de valores estéticos, inclusive meus: é prosa, mistura tudo, não tem nenhuma conveniência do ponto de vista formal e literário. É sujo porque fala da miséria brasileira, que é a maior sujeira que existe neste país.

TOÉ – Foi lançado no Brasil sem sua presença, não é? Como chegou aqui?

Uillar – É, o lançamento foi feito pelos amigos. Houve uma noite de autógrafa sem o autor. Chegou aqui através de uma fita cassete, trazida pelo Vinícius (de Moraes). Na noite, eu li o poema inteiro. Isso aconteceu a partir de um encontro nosso, em Buenos Aires, na casa do Boal (Augusto Boal, dramaturgo), que também estava exilado lá. No dia seguinte, o Vinícius reuniu amigos para ouvir o Poema, alguns fizeram cópias e organizaram várias reuniões em suas casas e assim ele foi sendo divulgado. Até que o Ênio Silveira, que era meu editor, tomou conhecimento e entrou em contato com a Thereza (Aragão), que era minha mulher, e pediu para que eu mandasse para ele editar.

Poema sujo

(trecho inicial)

turvo turvo
a turva
mão do sopro
contra o muro
escuro
menos menos
menos que escuro
menos que mole e duro menos que fosso e muro: menos que furo
escuro
mais que escuro:
claro
como água? como pluma? claro mais que claro claro: coisa alguma
e tudo
(ou quase)
um bicho que o universo fabrica e vem sonhando desde as entranhas
azul
era o gato
azul
era o galo
azul
o cavalo
azul
teu cu
tua gengiva igual a tua bocetinha que parecia sorrir entre as folhas de
banana entre os cheiros de flor e bosta de porco aberta como
uma boca do corpo (não como a tua boca de palavras) como uma
entrada para
eu não sabia tu
não sabias
fazer girar a vida
com seu montão de estrelas e oceano
entrando-nos em ti

bela bela
mais que bela
mas como era o nome dela?
Não era Helena nem Vera
nem Nara nem Gabriela
nem Tereza nem Maria
Seu nome seu nome era...
Perdeu-se na carne fria
perdeu na confusão de tanta noite e tanto dia
perdeu-se na profusão das coisas acontecidas
constelações de alfabeto
noites escritas a giz
pastilhas de aniversário
domingos de futebol
enterros corsos comícios
roleta bilhar baralho
mudou de cara e cabelos mudou de olhos e risos mudou de casa
e de tempo: mas está comigo está

perdido comigo
teu nome
em alguma gaveta

Que importa um nome a esta hora do anoitecer em São Luis
do Maranhão à mesa do jantar sob uma luz de febre entre irmãos
e pais dentro de um enigma?
mas que importa um nome
debaixo deste teto de telhas encardidas vigas à mostra entre
cadeiras e mesa entre uma cristaleira e um armário diante de
garfos e facas e pratos de louças que se quebraram já

um prato de louça ordinária não dura tanto
e as facas se perdem e os garfos
se perdem pela vida caem
pelas falhas do assoalho e vão conviver com ratos
e baratas ou enferrujam no quintal esquecidos entre os pés de erva-cidreira

e as grossas orelhas de hortelã
quanta coisa se perde
nesta vida
Como se perdeu o que eles falavam ali
mastigando
misturando feijão com farinha e nacos de carne assada
e diziam coisas tão reais como a toalha bordada
ou a tosse da tia no quarto
e o clarão do sol morrendo na platibanda em frente à nossa
janela
tão reais que
se apagaram para sempre
Ou não?

Não sei de que tecido é feita minha carne e essa vertigem
que me arrasta por avenidas e vaginas entre cheiros de gás
e mijo a me consumir como um facho-corpo sem chama,
ou dentro de um ônibus
ou no bojo de um Boeing 707 acima do Atlântico
acima do arco-íris
perfeitamente fora
do rigor cronológico
sonhando
Garfos enferrujados facas cegas cadeiras furadas mesas gastas
balcões de quitanda pedras da Rua da Alegria beirais de casas
cobertos de limo muros de musgos palavras ditas à mesa do
jantar,
voais comigo
sobre continentes e mares

E também rastejais comigo
pelos túneis das noites clandestinas
sob o céu estrelado do país
entre fulgor e lepra
debaixo de lençóis de lama e de terror
vos esgueirais comigo, mesas velhas,
armários obsoletos gavetas perfumadas de passado,

dobrais comigo as esquinas do susto
e esperais esperais
que o dia venha

E depois de tanto
que importa um nome?
Te cubro de flor, menina, e te dou todos os nomes do mundo:
te chamo aurora
te chamo água
te descubro nas pedras coloridas nas artistas de cinema
nas aparições do sonho

- E esta mulher a tossir dentro de casa!
Como se não bastasse o pouco dinheiro, a lâmpada fraca,
O perfume ordinário, o amor escasso, as goteiras no inverno.
E as formigas brotando aos milhões negras como golfadas de
dentro da parede (como se aquilo fosse a essência da casa)
E todos buscavam

num sorriso num gesto
nas conversas da esquina
no coito em pé na calçada escura do Quartel
no adultério
no roubo
a decifração do enigma

- Que faço entre coisas?
- De que me defendo?

Num cofre de quintal na terra preta cresciam plantas e rosas
(como pode o perfume
nascer assim?)
Da lama à beira das calçadas, da água dos esgotos cresciam
pés de tomate
Nos beirais das casas sobre as telhas cresciam capins
mais verdes que a esperança
(ou o fogo
de teus olhos)

Era a vida a explodir por todas as fendas da cidade
sob as sombras da guerra:
a gestapo a wehrmacht a raf a feb a blitzkrieg
catalinas torpedeamentos a quinta-coulna os fascistas os nazistas os
comunistas o repórter Esso a discussão na quitanda a querosene o
sabão de andiroba o mercado negro o racionamento oblackout as
montanhas de metais velhos o italiano assassinado na Praça João
Lisboa o cheiro de pólvora os canhões alemães troando nas noites de
tempestade por cima da nossa casa. Stalingrado resiste.
Por meu pai que contrabandeava cigarros, por meu primo que passava
rifa, pelo tio que roubava estanho à Estrada de Ferro, por seu Neco
que fazia charutos ordinários, pelo sargento Gonzaga que tomava
tiquira com mel de abelha e trepava com a janela aberta,
pelo meu carneiro manso
por minha cidade azul
pelo Brasil salve salve,

Stalingrado resiste.
A cada nova manhã
nas janelas nas esquinas nas manchetes dos jornais

Mas a poesia não existia ainda.
Plantas. Bichos, Cheiros. Roupas.
Olhos. Braços. Seios. Bocas.
Vidraça verde, jasmim.
Bicicleta no domingo.
Papagaios de papel.
Retreta na praça.
Luto.
Homem morto no mercado
sangue humano nos legumes.
Mundo sem voz, coisa opaca.
Nem Bilac nem Raimundo. Tuba de alto clangor, lira singela?
Nem tuba nem lira grega. Soube depois: fala humana, voz de
gente, barulho escuro do corpo, intercortado de relâmpagos

Do corpo. Mas que é o corpo?
Meu corpo feito de carne e de osso.
Esse osso que não vejo, maxilares, costelas
flexível armação que me sustenta no espaço
que não me deixa desabar como um saco
vazio
que guarda as vísceras todas
funcionando
como retortas e tubos
fazendo o sangue que faz a carne e o pensamento
e as palavras
e as mentiras
e os carinhos mais doces mais sacanas
mais sentidos
para explodir uma galáxia
de leite
no centro de tuas coxas no fundo
de tua noite ávida
cheiros de umbigo e de vagina
graves cheiros indecifráveis
como símbolos
do corpo
do teu corpo do meu corpo
corpo
que pode um sabre rasgar
um caco de vidro
uma navalha
meu corpo cheio de sangue
que o irriga como a um continente
ou um jardim
circulando por meus braços
por meus dedos
enquanto discuto caminho
lembro relembro
meu sangue feito de gases que aspiro
dos céus da cidade estrangeira

uma sujo

com a ajuda dos plátanos
e que pode - por um descuido - esvair-se por meu
pulso
aberto

Meu corpo
que deitado na cama vejo
como um objeto no espaço
que mede 1,70m
e que sou eu: essa coisa deitada
barriga pernas e pés
com cinco dedos cada um (por que
não seis?)
joelhos e tornozelos
para mover-se
sentar-se
levantar-se

meu corpo de 1,70m que é meu tamanho no mundo
meu corpo feito de água
e cinza
que me faz olhar Andrômeda, Sirius, Mercúrio
e me sentir misturado
a toda essa massa de hidrogênio e hélio
que se desintegra e reintegra
sem se saber pra quê

Corpo meu corpo corpo
que tem um nariz assim uma boca
dois olhos
e um certo jeito de sorrir
de falar
que minha mãe identifica como sendo de seu filho
que meu filho identifica
como sendo de seu pai

corpo que se pára de funcionar provoca
um grave acontecimento na família:
sem ele não há José Ribamar Ferreira
não há Ferreira Gullar
e muitas pequenas coisas acontecidas no planeta
estarão esquecidas para sempre

corpo-facho corpo-fátuocorpo-fato

atravessados de cheiros de galinheiros e rato
na quitanda ninho
de rato
cocô de gato
sal azinhavre sapato
brilhantina anel barato
língua no cu na boceta cavalo-de-crista chato
nos pentelhos
com meu corpo-falo
insondável incompreendido

ma sujo

meu cão doméstico meu dono
cheio de flor e de sono
meu corpo-galáxia aberto a tudo cheio
de tudo como um monturo
de trapos sujos latas velhas colchões usados sinfonias
sambas e frevos azuis
de Fra Angelico verdes
de Cézanne
matéria-sonho de Volpi
Mas sobretudo meu
corpo
nordestino
Mais que isso
maranhense
mais que isso
sanluisense
mais que isso
ferreirense
newtoniense
alziense
meu corpo nascido numa porta-e-janela da Rua dos Prazeres
ao lado de uma padaria sob o signo de Virgo
sob as balas do 24° BC
na revolução de 30

e que desde então segue pulsando como um relógio
num tic tac que não se ouve
(senão quando se cola o ouvido à altura do meu coração)
tic tac tic tac
enquanto vou entre automóveis e ônibus
entre vitrinas de roupas
nas livrarias
nos bares
tic tac tic tac
pulsando há 45 anos
esse coração oculto
pulsando no meio da noite, da neve, da chuva
debaixo da capa, do paletó, da camisa
debaixo da pele, da carne,

combatente clandestino aliado da classe operária
meu coração de menino



Vestibular Unificado 2007

Bacharelado em Teologia - 18 de novembro de 2006

As inscrições do Vestibular Unificado 2007 foram prorrogadas até o dia 16 de novembro/2006 (sexta-feira), impreterivelmente.

Procedimentos:

- 1) O interessado em se inscrever deverá efetuar o pagamento da taxa de inscrição e enviar sua inscrição pelo fax para BR (31) 3426-9949 e para o seminário de seu interesse.
- 2) Faviar a ficha em original ao seminário de seu interesse.

Informações Gerais

Inscrições: As inscrições poderão ser feitas até o dia 31 de outubro de 2006, mediante depósito da taxa de inscrição no valor de **R\$ 100,00 (cem reais)**, a ser depositada em nome da Igreja Presbiteriana do Brasil, no Banco do Brasil S/A, Agência: 3495-9, Conta Corrente: 11981-4.

Provas: Conforme estabelece o Regimento Interno dos seminários, as provas serão de: Conhecimentos Gerais da Bíblia, Conhecimentos dos Símbolos de Fé da IPB (Confissão de Fé da IPB, Catecismos Maior e Menor); Português e Literatura; Língua Inglesa.

Data das Provas: As provas serão aplicadas no dia 18 de Novembro de 2006, na seguinte seqüência: de 9 às 12 horas: "Português e Literatura" e Língua Inglesa"; das 14 às 17 horas : "Conhecimentos Gerais da Bíblia e "Símbolos de Fé da IPB".

Tipo de Prova: As provas serão de múltipla escolha, com 5 (cinco) alternativas, sendo que na prova de Português exigirá-se-á uma redação.

Como proceder: Para participar do Vestibular do curso de Bacharelado em Teologia, com vistas a sua admissão em 2007, proceda da seguinte maneira:

- ✓ Solicite por carta, fax, e-mail ou telefone, O Manual do Candidato ao Vestibular, ao Seminário de seu interesse.
- ✓ Efetue o pagamento da Taxa de Inscrição.
- ✓ Preencha o requerimento de inscrição que vem junto ao Manual e envie pelo correio ou apresente pessoalmente ao Seminário de sua preferência, acompanhado do comprovante de depósito da taxa de inscrição e cópia de sua cédula de identidade, inclusive no caso de estrangeiro.
 - ✓ Preencha o Questionário Sócio-Demográfico e envie com o seu Requerimento de Inscrição.

VLC - Vestibular Local – Destina-se aos que desejarem fazer as provas nas dependências do seminário de sua escolha. As provas serão aplicadas num único dia, com duração de seis horas. O mesmo deverá comparecer no dia e local de prova com antecedência mínima de 30 minutos, portando sua cédula de identidade, lápis, borracha e caneta.

VMD - Vestibular Monitorado à Distância – O interessado poderá fazer as provas à distância, ou seja, numa igreja Presbiteriana de sua própria cidade ou localidade mais próxima, no mesmo dia e hora do VLC. É necessário aos seguintes requisitos:

- ✓ Residir a mais de 200 km da sede de qualquer seminário da Igreja Presbiteriana do Brasil.
- ✓ O interessado deverá informar o nome de um pastor da IPB em pleno exercício do ministério, que irá se responsabilizar pela aplicação das provas, como monitor, conforme requerimento de inscrição.
- ✓ Esse monitor receberá o kit-VMD lacrado, contendo as provas a serem aplicadas no mesmo dia e hora do VLC; o monitor se responsabilizará pela lisura do processo, assinando o Termo de Responsabilidade, a ser devolvido ao Seminário junto com as provas, via SEDEX.
- ✓ O monitor fechará o envelope de devolução ao término da execução das provas, lacrando-o com sua assinatura e consignando a hora do encerramento.

O mesmo deverá comparecer no dia e local de prova com antecedência mínima de 30 minutos, portando sua cédula de identidade, lápis, borracha e caneta.



Programa de Provas

As provas do Concurso Vestibular serão realizadas uma única fase e em um único dia, com exames específicos nas seguintes áreas:

Conhecimentos Gerais da Bíblia: A prova de Conhecimentos Gerais da Bíblia será composta de 40 questões sob a forma de testes de múltipla escolha, com 5 (cinco) alternativas, cada questão valendo 1 ponto, as quais devem permitir que os candidatos evidenciem facilidade do manuseio da Bíblia Sagrada, inclusive no domínio geral dos períodos bíblicos e seus personagens principais, entrosamento dos livros proféticos com os livros históricos, harmonia dos evangelhos e relação entre as epístolas paulinas e o livro de Atos. Para a realização destas questões é recomendável que o candidato estude, no mínimo, as seguintes obras: *Bíblia de Genebra* - Introdução e esboço de cada livro (Editora Cultura Cristã); *Manual Bíblico Vida Nova*, (Editora Vida) ou *Manual Bíblico de Haley* (Editora Vida Nova ou Editora Vida). É aconselhável a leitura metódica da Bíblia Sagrada.

Conhecimentos dos Símbolos de Fé da Igreja Presbiteriana do Brasil: A prova de Conhecimentos dos Símbolos de Fé da Igreja Presbiteriana do Brasil será composta de 25 questões sob a forma de testes de múltipla escolha, com 5 (cinco) alternativas, valendo 1 ponto cada questão, as quais devem permitir que os candidatos evidenciem conhecimento dos principais pontos do sistema doutrinário adotado pela IPB tal como exposto na *Confissão de Fé de Westminster* e nos *Catecismos Maior e Breve*. (Editora Cultura Cristã).

Português e Literatura: A prova de Língua Portuguesa e sua Literatura constará de 40 questões sob a forma de testes de múltipla escolha, com 5 (cinco) alternativas, e mais uma Redação. Nesta prova, cada questão de múltipla escolha valerá 1 ponto, e a Redação valerá mais 20 (vinte pontos).

Vinte das questões, na forma de testes de múltipla escolha, deverão permitir que o candidato evidencie domínio da norma culta da língua portuguesa, inclusive quanto à ortografia e morfossintaxe das classes de palavras: flexão nominal e verbal, expressão de tempo, modo, aspectos e voz; correlação de tempos e modos, concordância nominal e verbal, regência nominal e verbal, pronomes, advérbios e conectivos. Para a realização destas questões é recomendável que o candidato estude, no mínimo, uma das seguintes obras: *Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha; *Gramática Essencial da Língua Portuguesa*, de Luiz Antonio Sacconi; *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima. *Normas de Comunicação em Língua Portuguesa* de Hêndricas Nadólskis.

O programa para o vestibular constará dos seguintes pontos: **Ortografia:** orientações ortográficas; encontros vocálicos e consonantais; sinais de pontuação. **Acentuação gráfica:** sílaba; divisão silábica; sílaba tônica; regras de acentuação gráfica. **Crase, Morfologia:** prefixos e sufixos; classes de palavras. **Pronomes:** pessoal; demonstrativo; possessivo; relativo. **Colocação dos pronomes oblíquos átonos, Verbos:** Conjunção; emprego dos tempos verbais. **Regência verbal e nominal. Concordância:** Verbal e nominal. **Sintaxe:** frase, oração e período; termos da oração. **Semântica:** sinônimos, antônimos, homônimos e parônimos; figuras de linguagem.

Outras vinte questões, formuladas na forma de testes de múltipla escolha, deverão permitir que o candidato evidencie a capacidade de ler, compreender e interpretar criticamente textos de toda natureza, literários e não-literários, sabendo reconhecer os elementos de coesão e fatores de textualidade que lhes dão coerência. Para a formulação dessas questões assume-se que o candidato tenha lido, obrigatoriamente, as seguintes obras: "Poema Sujo" de Ferreira Gullar (Editora: Civilização Brasileira), "Amor de Capitu" de Fernando Sabino (Editora Ática), "Vidas nas mãos de Deus" de Geraldo Braz dos Santos (Este livro será enviado a todos os inscritos sem nenhum custo. *Bibliografia sugerida de literatura:* Literatura Brasileira de William R. Cereja e Thereza C. Magalhães (Editora Atual), Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias, de José de Nicola (Editora Scipione), Livros Didáticos de Literatura para o 2º grau. (Atual Ensino Médio).

Doc 13
Encaminhar
para o
an
31/01/2007

PRESEBTERIO



BELO HORIZONTE

PRESEBTERIO BELO HORIZONTE - PBHZ

Rua Ceará, 1434, Bairro Funcionários, 30150-311, Belo Horizonte, MG, 3273-7044

Rev. César Guimarães do Carmo
Presidente: revcesarg@ig.com.br
3493-6722 = 3404-3732 - 3493-4257

Rev. Dercy de Lima
Secretário Executivo: revdercy@hotmail.com
3273-7044 = 3484-4199 - 9157-4806

Belo Horizonte, 31 de janeiro de 2007.

Aos Ex.mos Srs. Conciliares
Do Sinodo Belo Horizonte
At. Sr. Presidente: Rev. Cleómines Anacleto Figueiredo

Assunto: Documentos a serem encaminhados à CE/SC/IPB

O Presbiterio Belo Horizonte em sua 46ª Reunião Ordinária realizada nos dias 14 a 16 de dezembro de 2006 no Acampamento Ebenezer da 1ª Igreja Presbiteriana de Belo Horizonte, resolveu encaminhar os documentos abaixo relacionados, a este plenário para que sejam examinados e encaminhados à CE/SC/IPB, para que pronuncie a respeito dos mesmos.

- Doc. nº 70. Estudos sobre Seminários da IPB.
- Doc. nº 79. Posicionamento sobre validação dos Diplomas STPRDNE
- Doc. nº 82. Incompatibilidade da Maçonaria com a Fé Cristã e a Igreja.
- Doc. nº 84. Com relação à Maçonaria, artigo Jornal BP.
- Doc. nº 93. Posicionamento sobre livro indicado pela Coordenação do Vestibular Unificado para os seminários da IPB.
- Doc. nº 94. Consulta à IPB sobre matéria veiculada no Jornal "Extra" de 29 de outubro de 2006. Escola de Samba, próximo Carnaval.

Sem mais pelo momento, expreso as minhas cordiais saudações em Cristo Jesus.

Rev. Dercy de Lima
Secretário Executivo - PBHZ

Belo Horizonte, 14 de dezembro de 2006

AO
PRESBITÉRIO DE BELO HORIZONTE
Nesta

46ª Reunião Ordinária – PBHZ
14 de dezembro de 2006 DOC. Nº 33

Despacho

Presidente

REF.: LITERATURA UTILIZADA NO VESTIBULAR UNIFICADO DOS SEMINÁRIOS
DA IPB

Prezados Conciliares,

Pela presente solicito o encaminhamento da documentação em anexo à próxima reunião da CE-SC/IPB, com os seguintes questionamentos:

1. Se a literatura indicada para a prova de Português e Literatura é condizente com a ética e a moral presbiteriana, uma vez que o livro "Poema Sujo" de Ferreira Gullar (trechos anexos), contém conceitos que ferem a ética e a moral evangélica, com palavras de baixo calão e figuras mentais de suja pornografia;
2. Se o próprio autor do "Poema Sujo", em entrevista à Revista ISTOÉ em 17 de agosto de 2005, afirma sobre a sua obra o seguinte:
ISTOÉ – Por que "sujo"? Gullar – Ele é sujo por três razões: uma, porque não tem nenhuma reserva moral. Uso palavras que a moral conservadora convencional não aceita. É sujo porque rompe com uma série de valores estéticos, inclusive meus: é prosa, mistura tudo, não tem nenhuma conveniência do ponto de vista formal e literário. E é sujo porque fala da miséria brasileira, que é a maior sujeira que existe neste país. (Grifo meu). Por que fazer uso deste livro no contexto de vestibular de Teologia?
3. Este livro foi, não somente de leitura obrigatória, como também deveria ser de conhecimento profundo do candidato, uma vez que o organizador do vestibular inseriu perguntas do mesmo na prova de ingresso de futuros pastores da IPB. De acordo com os ensinamentos que a Palavra de Deus sabiamente nos transmite sobre nos mantermos puros, inclusive tendo cuidado com o que ouvimos, como o Apóstolo Paulo nos ensina em 1 Coríntios 15:33: "Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes", mais uma vez questiono sobre a validade e a importância de tal literatura dentro do contexto do vestibular para o curso de Teologia, e
4. Solicito que a CE-SC/IPB apure a responsabilidade sobre a elaboração da prova e a indicação da literatura obrigatória, tomando as medidas cabíveis ao caso para a pureza da igreja, a honra do evangelho e a Glória de Cristo.

Sendo o que tenho no momento, subscrevo-me fraternalmente,

Nos laços da Cruz,


Rev. Gerardo Silveira Filho

Home

EVENTOS

QUEM SOMOS PROFESSORES CURSOS CALENDÁRIO
BIBLIOTECA **EVENTOS** PUBLICACOES ALUNOS
FALE CONOSCO LINKS Resultado Vestibular Teologia/MEC
Notas

QUEM SOMOS
PROFESSORES
CURSOS
CALENDÁRIO
BIBLIOTECA
EVENTOS
PUBLICACOES
ALUNOS
FALE CONOSCO
LINKS
Resultado Vestibular
Teologia/MEC
Notas

INSCRIÇÃO PRORROGADA ATÉ 10 DE NOVEMBRO DE 2006


VESTIBULAR UNIFICADO
Bacharel em Teologia 2007

FAÇA SUA ESCOLHA:
SPS - Seminário Presbiteriano de São Paulo
SPN - Seminário Presbiteriano do Norte
STPRNE - Seminário Teológico Presbiteriano do Nordeste
STP/NEC - Seminário Teológico Presbiteriano do Nordeste
STP/PL - Seminário Teológico Presbiteriano do Piauí
SPBC - Seminário Presbiteriano Brasil Central
SPB - Seminário Presbiteriano de Brasília
STN - Seminário Teológico Nordeste

Como fazer Inscrição do vestibular Unificado 2007

• Faça download de:

1. Requerimento de inscrição (disponível somente no form PDF)

2. Manual do Candidato (disponível em **PDF** e **RTF**)
 3. Questionário Sócio Demográfico (disponível em **PDF** e **RTF**)
- Obs. Se não possui um programa que abra arquivos no formato PDF, clique aqui  e faça o download do FoxitReader.
 - Para inscrever-se:
 1. Efetue o pagamento da taxa.
 2. Preencha o requerimento de inscrição e envie por fax para (31) 3426-2955.
 3. Envie O FORMULÁRIO pelo correio para o seminário de sua preferência.

Maiores informações entrar em contato pelo telefone (31) 3426-9000 ou por e-mail secretaria@seminariordne.com.br e solicitar o Manual do Candidato.

Last modified:
08/11/06

Questionário Sócio-Demográfico

Preencher e encaminhar junto com o Requerimento de Inscrição.

Por favor, responda a todas as perguntas abaixo. Suas respostas não contarão pontos de qualquer espécie, nem existem respostas certas ou erradas, mas as suas informações serão de máxima importância no planejamento da JET para o ensino teológico da IPB nos próximos anos.

DADOS SÓCIO DEMOGRÁFICOS

Por favor, responda às perguntas seguintes a seu respeito.

1. Nome completo:
2. Nascimento: Ano: Cidade: UF:
3. Residência permanente: Rua/Av.:
4. Número: 5. Complemento:
6. Cidade: 7. UF:
8. CEP: 9. Tel:
10. Sexo: () masculino () feminino
11. Estado civil () solteiro () casado () viúvo () divorciado
12. Número de filhos:
13. Assinale a opção que indicar o mais elevado grau completo que você alcançou em sua educação até o momento:
() fundamental () médio () superior () mestre () doutor
14. Você fala fluentemente outra língua? () Sim () Não
15. Você exerce alguma atividade profissional fora do âmbito eclesialístico?
() Sim () Não
16. Favor indicar a faixa em que se encontra a sua renda familiar (valores em R\$)
() até 300 () 301-850 () 851-1700 () 1701-4000 () 4000 ou +
Nas questões 17 à 26, por favor assinale quantos dos recursos indicados existem funcionando em sua residência permanente.
17. Televisão em cores
() zero () 1 () 2 () 3 ou +
18. Videocassete
() zero () 1 () 2 () 3 ou +

19. Rádio
 zero 1 2 3 ou +
20. Banheiro
 zero 1 2 3 ou +
21. Automóvel
 zero 1 2 3 ou +
22. Aspirador de pó
 zero 1 2 3 ou +
23. Máquina de lavar
 zero 1 2 3 ou +
24. Empregada mensalista
 zero 1 2 3 ou +
25. Geladeira e Freezer
 zero só geladeira sem freezer geladeira e freezer
26. Computador pessoal
 zero 1 2 3 ou +
27. Você acessa a Internet regularmente Sim Não
28. Você é membro de uma Igreja Presbiteriana?
 Sim Não
29. Há quanto tempo você já era membro comungante da sua igreja antes de se apresentar ao Conselho como aspirante a candidato ao Sagrado Ministério?
 1 ano 1 a 2 anos 3 a 5 anos 6 a 10 anos 10 anos ou +
30. Depois de ter-se apresentado ao Conselho da Igreja, já na condição de aspirante ao ministério, você recebeu trabalhos específicos, acompanhados pelo Pastor e avaliados periodicamente pelo Conselho? Sim Não
31. Sua igreja lhe deu a oportunidade de dar aulas na Escola Dominical, pregar o Evangelho e dirigir reuniões? Sim Não
32. Você é candidato ao Sagrado Ministério?
 Sim Não
33. Você está se candidatando ao Seminário antes de ser aceito como candidato pelo seu Presbitério? Sim Não
34. Você já tem alguma expectativa de atividade pastoral após a conclusão do Seminário?
 Sim Não

35. Caso sua resposta tenha sido "sim" na questão anterior, favor indicar em qual ou quais atividades abaixo você tem expectativa de começar seu ministério?

pastoreado de uma igreja plantação de igreja (congregação, ponto de pregação, etc).

exercício do magistério (ensino em geral) Campo missionário nacional/transcultural outras:

36. A sua expectativa é que no exercício de sua atividade pastoral após a conclusão do Seminário, o seu sustento pastoral mensal será em qual das faixas indicadas abaixo? valores em R\$:

até 300 301-850 851-1700 1701-4000 4001 ou +

37. Nos últimos anos de estudo que você completou até agora, você estudou em que tipo de escola:

Escola pública

Escola particular, com mensalidade menor que R\$ 150

Escola particular com mensalidade entre R\$ 151 e R\$ 230

Escola particular com mensalidade entre R\$ 231 e R\$ 400

Escola particular com mensalidade maior que R\$ 400.

38. Minha freqüência aos trabalhos da igreja:

excelente bom razoável

39. Minha vida devocional (Estudo da Bíblia e oração):

excelente bom razoável

40. Minha contribuição através do dízimo:

excelente bom razoável

41. Minha generosidade em ofertar:

excelente bom razoável

42. Capacidade para relacionamento em grupo:

excelente bom razoável

43. Hábito de leitura de livros evangélicos:

excelente bom razoável

44. Você se sente vocacionado por Deus para o Ministério Pastoral?

Sim Não

45. O chamado de Deus pode se estender à outras profissões além da vocação ministerial? Sim Não Não sei

46. As habilidades pessoais (oratória, liderança, comunicação, etc) são necessárias para confirmar a vocação? () Sim () Não () Não sei

47. Na vocação ministerial, Deus age soberanamente nos obrigando a aceitar a sua vontade seja isto do nosso agrado ou não? () Sim () Não () Não sei

48. Você crê ser possível Deus te chamar para servi-lo em outra profissão?
() Sim () Não

49. Os seus familiares estão de acordo com o seu ingresso no seminário e na vida eclesial? () Sim () Não

50. Você tem certeza da sua salvação, se morrer hoje irá para o céu?
() Sim () Não

Manual do Vestibular Unificado

APRESENTAÇÃO

A JET - Junta de Educação Teológica, órgão de supervisão teológica da Igreja Presbiteriana do Brasil, edita o presente manual com intuito de fornecer as informações precisas e essenciais ao completo e correto preenchimento do requerimento de inscrição, e as regras que regem o Concurso Vestibular Unificado para o curso de Bacharelado em Teologia, com os programas das áreas com base nos quais serão feitas as provas.

Nele, o candidato terá, ainda a oportunidade de conhecer um pequeno histórico de cada seminário da Igreja Presbiteriana do Brasil.

A JET aconselha, portanto, que o candidato leia cuidadosamente o inteiro teor desta publicação, pois é assim que começa a sua SELEÇÃO para o Seminário.

Coordenador Geral do Vestibular:
Rev. Valdir Ferreira da Cunha

SUMÁRIO

3		<i>INSTRUÇÕES GERAIS</i>
	<i>Agenda do vestibular</i>	<i>Pag. 02</i>
	<i>Locais de provas</i>	
	<i>Inscrição</i>	
	<i>Informações finais</i>	
06	<i>PROVAS</i>	
	<i>Conhecimentos Gerais da Bíblia</i>	
	<i>Conhecimento dos Símbolos de Fé da IPB</i>	
	<i>Português e Literatura</i>	
	<i>Língua Inglesa</i>	
10	<i>RESULTADOS</i>	
	<i>Classificação e aprovação</i>	
	<i>Matricula</i>	
12	<i>HISTÓRICO DAS UNIDADES</i>	
	<i>SPS - Campinas</i>	
	<i>SPN - Recife</i>	
	<i>STPRDNE - Belo Horizonte</i>	
	<i>STPJMC - São Paulo</i>	
	<i>STPRJ - Rio de Janeiro</i>	
	<i>SPBC - Goiânia</i>	
	<i>SPBC - Extensão Ji-Paraná</i>	
	<i>SPB - Brasília</i>	
	<i>STNe - Teresina</i>	

INSTRUÇÕES GERAIS

AGENDA DO VESTIBULAR

As provas do Concurso de Vestibular de Unificado, serão em uma só etapa e aplicadas simultaneamente em cada um dos seminários da IPB, no dia **18 de novembro de 2006**, na seguinte seqüência: de 9 às 12 horas - "Português e Literatura" e "Língua Inglesa"; das 14 às 17 horas - "Conhecimentos Gerais da Bíblia" e "Conhecimento dos Símbolos de Fé da IPB".

- As provas do vestibular serão aplicadas ao candidato em uma das maneiras abaixo:
 - **VLC – Vestibular Local** – Na sede do Seminário onde o candidato se inscreveu;
 - **VMD- Vestibular Monitorado à Distância** - Por um pastor presbiteriano (monitor), em cidades distantes há mais de 200 km da sede do seminário onde o candidato se inscreveu.
- A hospedagem e alimentação será por conta do interessado, mesmo quando fornecida pelo seminário da sua preferência. Se precisar de hospedagem faça contato prévio.
- O mesmo deverá comparecer no dia e local de prova com antecedência mínima de 30 minutos, portando sua cédula de identidade, lápis, borracha e duas canetas preta ou azul.

LOCAIS DAS PROVAS

Locais onde será aplicado o VLC – Vestibular Local, bem como número de vagas oferecido em cada unidade em seus respectivos turnos:

SPS – Seminário Presbiteriano do Sul

Av. Brasil, 1200 – Jardim. Guanabara- 13.073-148 – CAMPINAS –SP.
Telefone/Fax (19) 3241-9399 – Fax: (19) 3213-3807 E-mail: secretaria@sps.br
Site: www.sps.br
Turno Matutino 40 vagas

SPN – Seminário Presbiteriano do Norte

Rua Demócrito de Souza Filho, 208 – Madalena – 50.610-120 – RECIFE – PE.
Telefone: (81) 3227-0986 Fax: (81) 3227-0145 – E-mail: spnib@hotmail.com.br
Site: www.spn.br
Turno Matutino 40 vagas
Turno Noturno 40 vagas (nova turma: número mínimo de 15 alunos regulares)

STPRDNE – Seminário Teológico Presbiteriano “Rev. Denoel Nicodemos Eller”

Rua Joviano Naves, 301 – Palmares – 31.155-710 – BELO HORIZONTE – MG.
Fone/Fax (31) 3426-9949 – E-mail: secretaria@seminariordne.com.br

Site: www.seminariordne.com.br

Turno Matutino..... 40 vagas

STPJMC – Seminário Teológico Presbiteriano “Rev. José Manoel da Conceição”

Rua Pascal, 1165 – Campo Belo – 04.616-004 – SÃO PAULO – SP.

Fone (11)5542-5676 / 5543-3534 / 5531-8452 E-mail:

Site:

Turno Matutino 40 vagas

Turno Noturno 40 vagas

STPRJ – Seminário Teológico Presbiteriano do Rio de Janeiro

Rua Joaquina Rosa, 199 – Méier – 20.710-080 – RIO DE JANEIRO – RJ.

Fone (21) 2201-6734 / 2281-9775 – Fax (21) 2581-6958 – E-mail: stprj@stprj.br

Site: www.stprj.br

Turno Matutino 20 vagas

Turno Noturno 20 vagas

SPBC – Seminário Presbiteriano Brasil Central

Rua Roberto Valadares, 230 – Setor Negrão de Lima – 74.650-250 -GOIÂNIA – GO.

Fone/Fax (62) 3261-1696 – E-mail: spbc@terra.com.br

Site: HYPERLINK "http://www.spbc.org.br/" www.spbc.org.br

Turno Matutino 40 vagas

SPBC – Seminário Presbiteriano Brasil Central / Extensão Ji-Paraná

Rua Governador Jorge Teixeira, 3517 – Nova Brasília – 78.960-000 – Ji-Paraná-RO

Fone/Fax (69) 3424-5547 / 3424-7411 – E-mail: ibrc@brturbo.com.br

Turno Noturno 30 vagas

SPB – Seminário Presbiteriano de Brasília

SGAS – Quadra 906 – Lote 8 – Fundos – Asa Sul- 70.390-060 - BRASÍLIA – DF.

Fone: (061) 3242-1434 / 3244-2122 Fax (61) 3443-3875 -

Site: www.Seminariopbrasil.com.br E-mail: seminariopbrasil@terra.com.br

Turno Noturno 40 vagas

STNe – Seminário Teológico Nordeste

Rua Osvaldo Costa e Silva, 4587 – Piçarra 1 – 64.055-410 – TERESINA – PI.

Fone/Fax (86) 3232-6635

Site: www.stnemipc.com.br e-mail: stnemipc@ig.com.br

Turno Matutino 30 vagas

INSCRIÇÃO

As inscrições poderão feitas até o dia **31 de outubro de 2005**, mediante depósito da taxa de inscrição no valor de R\$100,00 (cem reais) em nome da **IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL**, no Banco do Brasil S/A: Agência **3495-9**, Conta Corrente **11981-4**. Em

caso de desistência, não haverá devolução da taxa de inscrição.

Atenção! A todos os inscritos será enviado o livro "Vida nas mãos de Deus" que será utilizado na prova de literatura, sem nenhum acréscimo, portanto faça inscrição com antecedência.

O Requerimento de Inscrição está encartado neste manual. Antes de preenchê-lo leia as instruções com muita atenção. O único responsável pelo preenchimento correto e completo é o próprio candidato.

O candidato deve enviar pelo correio ou apresentar pessoalmente ao seminário de sua preferência, o Requerimento de Inscrição junto com o comprovante de depósito da taxa de inscrição e cópia de sua cédula de identidade, inclusive no caso de estrangeiro.

Será expressamente vedado ao candidato efetuar mais de uma inscrição ao vestibular, sob pena de serem anuladas todas as inscrições.

INFORMAÇÕES FINAIS

O Concurso Vestibular Unificado estará aberto aos que já houverem concluído ou estejam em vias de concluir o curso de ensino médio ou equivalente, bem como aos portadores de diploma de conclusão de curso superior.

A admissão aos seminários da IPB somente será feita mediante processo classificatório dos candidatos habilitados, com o aproveitamento até o limite das vagas fixadas para os diversos cursos e turnos. Serão admitidos os classificados que houverem concluído o ensino médio ou equivalente.

Serão excluídos do Concurso Vestibular, a qualquer tempo, os candidatos que: prestarem informações inexatas no Requerimento de Inscrição; não efetuarem o pagamento integral da taxa de inscrição; incorrerem em comportamento indevido ou descortesia para com quaisquer dos examinadores, seus auxiliares ou autoridades; faltarem a quaisquer das provas, chegarem atrasados para quaisquer das atividades; não cumprirem as instruções constantes nas capas das provas; forem surpreendidos durante as provas em qualquer tipo de comunicação com outro candidato, portando telefones celulares, "pagers" ou similares, ou se utilizando de máquina de calcular, livros, impressos ou anotações ou, finalmente, após as provas, for constatado, por meio eletrônico, estatístico, visual ou grafológico, terem-se utilizado de meios ilícitos na realização das mesmas.

PROVAS

As provas do Concurso Vestibular serão realizadas uma única fase e em um único dia, com exames específicos nas seguintes áreas:

I – Conhecimentos Gerais da Bíblia - A prova de Conhecimentos Gerais da Bíblia será composta de 40 questões, sob a forma de testes de múltipla escolha, com 5 (cinco) alternativas, valendo 1 ponto cada questão, as quais devem permitir que os candidatos evidenciem facilidade do manuseio da Bíblia Sagrada, inclusive no domínio geral dos períodos bíblicos e seus personagens principais, entrosamento dos livros proféticos com os

livros históricos, harmonia dos evangelhos e relação entre as epístolas paulinas e o livro de Atos. Para a realização destas questões é recomendável que o candidato estude, no mínimo, as seguintes obras: *Bíblia de Genebra* - Introdução e esboço de cada livro (Editora Cultura Cristã), *Manual Bíblico Vida Nova* (Editora Vida Nova) ou *Manual Bíblico de Haley* (Editora Vida Nova ou Editora Vida). É aconselhável a leitura metódica da Bíblia Sagrada.

II – Conhecimento dos Símbolos de Fé da Igreja Presbiteriana do Brasil - A prova de Conhecimentos dos Símbolos de Fé da Igreja Presbiteriana do Brasil será composta de 25 questões, sob a forma de testes de múltipla escolha, com 5 (cinco) alternativas, valendo 1 ponto cada questão, as quais devem permitir que os candidatos evidenciem conhecimento das principais pontos do sistema doutrinário adotado pela IPB tal como exposto na *Confissão de Fé de Westminster* e nos *Catecismos Maior e Breve* (Editora Cultura Cristã).

III – Português e Literatura - A prova de Língua Portuguesa e sua Literatura constará de 40 questões, sob a forma de testes de múltipla escolha, com 5 (cinco) alternativas, e mais uma Redação. Nesta prova, cada questão de múltipla escolha valerá 1 ponto, e a Redação valerá mais 20 (vinte) pontos.

Vinte das questões, na forma de testes de múltipla escolha, deverão permitir que o candidato evidencie domínio da norma culta da língua portuguesa, inclusive quanto à ortografia e morfosintaxe das classes de palavras: flexão nominal e verbal, expressão de tempo, modo, aspectos e voz; correlação de tempos e modos; concordância nominal e verbal, regência nominal e verbal, pronomes, advérbios e conectivos. Para a realização destas questões é recomendável que o candidato estude, no mínimo, uma das seguintes obras: *Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha; *Gramática Essencial da Língua Portuguesa*, de Luiz Antonio Sacconi; *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima. *Normas de Comunicação em Língua Portuguesa* de Hêndricas Nadólskis.

O programa para o vestibular constará dos seguintes pontos: **Ortografia**: orientações ortográficas; encontros vocálicos e consonantais; sinais de pontuação. **Acentuação gráfica**: sílaba; divisão silábica; sílaba tônica; regras de acentuação gráfica. Crase. **Morfologia**: prefixos e sufixos; classes de palavras. **Pronomes**: pessoal; demonstrativo; possessivo; relativo. Colocação dos pronomes oblíquos átonos. **Verbo**: conjugação; emprego dos tempos verbais. Regência verbal e nominal. Concordância: verbal e nominal. **Sintaxe**: frase, oração e período; termos da oração. **Semântica**: sinônimos, antônimos, homônimos e parônimos; figuras de linguagem.

Outras vinte questões, formuladas na forma de testes de múltipla escolha, deverão permitir que o candidato evidencie a capacidade de ler, compreender e interpretar criticamente textos de toda natureza, literários e não-literários, sabendo reconhecer os elementos de coesão e fatores de textualidade que lhes dão coerência. Para a formulação dessas questões assume-se que o candidato tenha lido, obrigatoriamente, as seguintes obras: *“Poema sujo”*, de Ferreira Gullar (Editora: Civilização Brasileira), *“Amor de capitu”* de Fernando Sabino (Editora Ática), *“Vida nas mãos de Deus”* de Geraldo Braz dos Santos (Este livro será enviado a todos os inscritos sem nenhum custo). Bibliografia sugerida de literatura: *Literatura Brasileira* de William R. Cereja e Thereza C. Magalhães (Editora Atual), *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*, de José de Nicola (Editora Scipione), Livros Didáticos de Literatura para o 2º grau (Atual Ensino Médio).

A redação consistirá de uma dissertação na qual o candidato deverá demonstrar capacidade para expor uma tese, apresentar os argumentos contrários e a favor da mesma e fornecer conclusões a partir de temas que mobilizem conhecimentos e opiniões. Espera-se que o candidato demonstre o domínio dos recursos lingüísticos necessários para a composição de textos coerentes, construídos em uma linguagem formal adequada à situação.

Na correção da redação, serão examinados cinco aspectos que os avaliadores considerarão, tanto quanto possível, separadamente. A cada um deles podem ser atribuídos até 4 pontos:

- I – Capacidade do candidato para elaborar um texto em prosa adequado ao tema proposto;
- II – Habilidade para desenvolver o tema de maneira consistente ao longo de todo o texto, demonstrando uso adequado da estrutura dos parágrafos e das frases, bem como da correta hierarquização e correlação das informações apresentadas;
- III – Aptidão para estruturar o texto de maneira coesa (nas frases, períodos e parágrafos) e coerente em suas idéias, demonstrando concisão.
- IV – Propriedade, pertinência e abrangência do vocabulário empregado (tanto à exposição de idéias, como aos padrões éticos predominantes na Igreja Presbiteriana do Brasil), além de ortografia, morfologia, sintaxe e pontuação;
- V – Maturidade da posição do candidato, a elaboração crítica, a solidez de seus argumentos e sua inventividade na condução dos mesmos.

IV – Língua Inglesa - A prova de Língua Inglesa constará de 25 questões, sob a forma de testes de múltipla escolha, valendo 1 ponto cada questão, com o objetivo de avaliar a capacidade de compreensão de textos em língua inglesa, cujo grau de dificuldade seja compatível com o ensino fundamental e médio.

A prova testará a habilidade e competência do candidato para leitura em língua inglesa. O candidato deverá ter em mente que "saber ler" não é uma tarefa passiva de simples decodificação do sentido das palavras. Trata-se de uma atividade ativa, de construção de sentido, em que o leitor tem um papel fundamental, utilizando, ao mesmo tempo, seus conhecimentos da estrutura e do vocabulário da língua e seu conhecimento prévio, que engloba seu conhecimento de mundo, do contexto sócio-histórico em que vive, seu conhecimento prévio específico do assunto, e de como os textos se organizam e funcionam. Não é objetivo da prova testar conhecimento abstrato sobre a língua inglesa e, por isso, ela não conterá questões que testem pontos gramaticais isolados. O conhecimento de gramática será importante na medida em que serve para a compreensão do texto, isto é, uma gramática funcional que será útil para o reconhecimento pelo leitor de estruturas e vocabulário básicos da língua.

As perguntas sobre os textos em inglês serão formuladas em português e as respostas também serão dadas em português. Os textos versarão sobre temas relacionados à área de teologia.

Por ocasião da realização das provas não será admitida qualquer forma de consulta, devendo as dúvidas, se houver, serem esclarecidas com o responsável pela aplicação das provas.

RESULTADOS

CLASSIFICAÇÃO E APROVAÇÃO

As provas serão corrigidas pelo seminário de sua opção, conforme gabarito oficial fornecido pela Comissão de Vestibular nomeada pela JET, a qual divulgará publicamente os resultados a partir de **11 de Dezembro de 2006**.

A nota final de cada candidato será a soma dos pontos obtidos em cada uma das quatro provas.

Será considerado reprovado o candidato que:

- I – obtiver menos de 75 pontos, dentre o total de 150 pontos possíveis;
- II – obtiver cinco ou menos pontos em qualquer das provas, exceto nas provas de “Conhecimentos Gerais da Bíblia” e “Português e Literatura”, nas quais é necessário o mínimo de 20 pontos em cada uma delas.

Sempre que o número de candidatos para um dado curso e turno for maior que o número de vagas oferecido, a classificação dos mesmos será feita pela ordem decrescente das notas finais.

O desempate será feito, sucessivamente, por:

- I - Número total de pontos obtido na prova de Conhecimentos Gerais da Bíblia;
- II - Número de pontos obtido na prova de Língua Portuguesa;
- III - Critério de idade, dando-se preferência ao candidato de mais idade até que se completem as vagas.

MATRÍCULA

Os resultados do Concurso Vestibular serão válidos, apenas, para o período letivo imediatamente subsequente à sua realização.

A matrícula dos candidatos classificados para admissão aos seminários da IPB dependerá, necessariamente, da apresentação de:

- I - certificado de conclusão de curso de ensino médio (segundo grau) ou equivalente e respectivo histórico escolar ou diploma de curso superior devidamente registrado;
- II - cópia da cédula de identidade;
- III - duas fotos 3X4, datadas, com menos de um ano.
- IV - Certidão expedida pelo conselho da sua igreja declarando que:
 - a) o candidato manifestou, sincera e praticamente, vocação pastoral, e é membro da igreja perfeitamente integrado, havendo pelo menos três (3) anos;
 - b) na condição de aspirante ao ministério, o candidato recebeu trabalho específico, com relatório anual, acompanhado pelo pastor e avaliação periódica pelo Conselho;

c) o candidato, durante esse período de três anos, realizou leituras e estudos que lhe permitiram comprovar maturidade, desenvolvimento sócio-cultural e eclesial, facilidade para expor a Bíblia, dar aulas na Escola Dominica¹, pregar o Evangelho, dirigir reuniões, com relativo conhecimento bíblico, conhecimento da Igreja, inclusive administração e governo, doutrina, sacramento e ministério;

V - Certidão expedida pelo presbitério a que sua igreja estiver jurisdicionada declarando que o mesmo foi aceito como candidato ao ministério na forma estabelecida pelo SC/IPB.

Em nenhuma hipótese serão aceitos candidatos que não tenham concluído o Ensino Médio em instituição de ensino reconhecida pelo MEC.

Em caso de postulante que não for candidato ao sagrado ministério, é requerida carta de apresentação do Conselho da Igreja ou órgão equivalente, declarando seu tempo de membresia.

A entrega dos documentos mencionados no *caput* deste artigo é requisito essencial à matrícula, não se aceitando, em hipótese alguma, que a matrícula seja efetivada sob a condição de entrega posterior, no todo ou em parte, dos mesmos.

O candidato de nacionalidade estrangeira deverá apresentar a cédula de identidade de estrangeiro que comprove sua condição temporária ou permanente no país.

O candidato que tenha realizado estudos equivalentes ao ensino médio (segundo grau), no todo ou em parte, no exterior, deverá apresentar reconhecimento de equivalência de estudos, promovido pela Secretaria de Educação do estado do seu domicílio.

Os documentos escolares apresentados em língua estrangeira deverão estar visados pela autoridade consular brasileira, no país de origem, e acompanhados da respectiva tradução oficial.

O candidato que não cumprir as exigências pertinentes à matrícula até 30 dias após o início do período letivo em 2007, não poderá matricular-se em nenhum seminário da IPB naquele ano, ficando sem efeito as notas ou a classificação que lhe tiverem sido atribuídas nas provas do Concurso Vestibular.

HISTÓRICO DAS UNIDADES

SEMINÁRIO PRESBITERIANO DO SUL

Assim que foi formado e instalado o Sínodo Presbiteriano do Brasil, o Sínodo decidiu organizar um Seminário Teológico. Esta decisão foi tomada em 8 de setembro de 1888. Até hoje se celebra essa data como aniversário do Seminário Presbiteriano do Sul.

O Seminário, no entanto, só passou a funcionar anos mais tarde em Nova Friburgo no Rio de Janeiro. Em 1894 o Seminário foi transferido para a 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo à Rua 24 de Maio. Somente em 1907 é que se instalou em Campinas nos prédios do antigo "Colégio Internacional". Hoje o Seminário ocupa a propriedade da Av. Brasil 1200 desde 1949.

Durante seus 118 anos de organização este seminário tem formado pastores que tem

ministrado em todas partes do Brasil e do mundo. Com sua tradição e seu dinamismo o Seminário Presbiteriano do Sul continua fazendo história no solo brasileiro.

Presidente da Juret - Rev. Jonas Zulske

Diretor - Rev. Adão Carlos Ferreira do Nascimento

Capelão - Rev. Adilson de Abreu

SEMINÁRIO PRESBITERIANO DO NORTE

Tudo começou em 1899: a IPB tinha apenas o seminário sediado em São Paulo. Porém, em 1894 chegara a Garanhuns – Pernambuco, o Dr. William Butler, que movido por amor à causa resolve, num gesto de fé, preparar jovens para serem pastores.

A semente caiu em solo fértil e, de 1921 a 1946, torna-se frondosa a árvore do SPN. Hoje em bairro nobre de Recife, dispõe de corpo docente qualificado, biblioteca ampla e informatizada, acomodações para alunos solteiros e casados, cursos em dois turnos.

"Deus chama, o SPN prepara". É o nosso lema.

Presidente da Juret – Rev. José Alves da Silva

Diretor - Rev. Lutero Teixeira da Rocha.

Capelão - Rev. Silvano Cordeiro Fonseca

SEMINÁRIO TEOLÓGICO PRESBITERIANO

"Rev. Denoel Nicodemos Eller "

O sonho da formação de pastores na grande BH começou em 1972, quando o então Presbitério Belo Horizonte designou comissão formada pelos saudosos Rev. Denoel Nicodemos Eller e Rev. Mário Barbosa, bem como pelo Rev. Américo Gomes Coelho e pelo Presbítero Altair Ribeiro Soares, com o fim de planejar a escola teológica.

Tornou-se realidade a 4 de março de 1976, com o início das atividades pelo IPRESBT – Instituto Presbiteriano de Teologia, tendo sido assegurado em 1978 pelo SC/IPB, o direito de licenciatura e ordenação, aos concluintes do curso de Teologia. Em 1981 formou a sua primeira turma. Foi transformado em Extensão do SPS – Campinas em 1982.

Em 1986 foi emancipado pelo Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, cuja instalação se deu no dia 30 de setembro imediato, cujo nome homenageia um de seus idealizadores e primeiro diretor da casa.

Nosso corpo docente é formado por mestres e doutores, servindo com eficiência na formação dos pastores para os campos presbiterianos.

Oferecemos ainda, desde 1994, o curso de Liderança Cristã, monitorado à distância, não necessitando o 2º grau, com duração de no mínimo um ano, facilitando o treinamento de líderes nas igrejas locais.

Presidente da Juret: Rev. Paulo Audebert Delage

Diretor - Rev. Valdir Ferreira da Cunha

Capelão – Rev. Renê Alves Stofel

SEMINÁRIO TEOLÓGICO PRESBITERIANO

“Rev. José Manoel da Conceição”

O Seminário JMC nasceu em 11/02/1980 como extensão do SPS. Graças ao rápido desenvolvimento, foi emancipado pelo concílio maior da IPB em 1982.

O ano de 1984 ficou marcado pela formatura de sua primeira turma de bacharéis em Teologia. O curso para bacharelado em Música Sacra iniciou-se em 1992. No ano seguinte, a graduação em teologia passou a ser oferecida também durante o dia. A escola oferece, ainda, o curso livre de Música Sacra.

Em 1993, consolidado, reativou o programa de pós-graduação da IPB, transferido anos mais tarde para o campus do Instituto Presbiteriano Mackenzie, já com o nome de Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Rev. Andrew Jumper, servindo hoje a toda a comunidade Presbiteriana.

Presidente da Juret: Presb. Amaro José Alves

Diretor - Rev. Paulo Ribeiro Fontes

Capelão – Rev. Ozias Mendes Ribeiro

SEMINÁRIO TEOLÓGICO PRESBITERIANO DO RIO DE JANEIRO

Em 1982, foi instalada uma extensão do Seminário Presbiteriano do Sul, de Campinas, nas dependências da Igreja Presbiteriana de Nova Iguaçu. Em 03 de janeiro de 1984, a Extensão foi transferida, para as dependências da Igreja Presbiteriana do Méier, sendo então seu pastor o Rev. Jair Pimenta Alvarenga.

Na Reunião Ordinária de julho de 1986 realizada em Vitória (ES), o Supremo Concílio da IPB aprovou a transformação da Extensão em Seminário do Rio de Janeiro. No dia 03 de outubro de 1986 foi instalado com o culto realizado na Igreja Presbiteriana do Méier, no qual pregou o Rev. Edésio de Oliveira Chequer.

O nome “Seminário Teológico Presbiteriano do Rio de Janeiro” foi escolhido devido ao nome original do primeiro seminário, criado pelo Rev. Ashbel Green Simonton.

Oferecemos o curso de Bacharelado em Teologia nos turnos da manhã e noite e Bacharelado em Música Sacra no turno da noite.

Presidente da Juret: Rev. Cid Pereira Caldas

Diretor - Rev. Gilberto Antonio Zapparoli

Capelão – Rev. Paulo de Tarso Brito de Souza

SEMINÁRIO PRESBITERIANO BRASIL CENTRAL

Iniciado em 1983 como extensão do SPS – Seminário Presbiteriano do Sul, instalado nas dependências da Igreja Presbiteriana de Campinas em Goiânia.

Em Fevereiro de 1991 foi organizado e instalado como seminário, ganhando assim a sua autonomia.

Instalado hoje, em sede própria, oferecendo o curso de Bacharelado em Teologia nos turnos da manhã e noite, o curso de Educador Cristão e outros cursos especiais.

Os docentes são mestres e doutorandos comprometidos com a Doutrina Reformada.

Dispõe de acomodações para alunos solteiros, do sexo masculino e feminino.

Presidente da Juret: Rev. Alcides Martins Junior

Diretor - Rev. Saulo Pereira de Carvalho

Capelão – Rev. João Marcos Melo e Silva

SEMINÁRIO PRESBITERIANO BRASILIA

A extensão em Brasília foi instalada em 1999, oferecendo uma oportunidade para aqueles que desejavam estudar teologia mais não sabiam como resolver questões como: distância, tempo, recursos financeiros.

Na Reunião Ordinária do Supremo Concílio da IPB realizada em Julho de 2002, na cidade do Rio de Janeiro aprovou-se a criação do Seminário Presbiteriano de Brasília, o qual organizado e instalado em 5 de novembro de 2002, tendo como pregador o Rev. Wilson do Amaral Filho, Presidente da JET.

O propósito é preparar o aluno para diversas áreas da igreja local, integrando o ensino a uma saudável vida espiritual, visando o caráter do aluno, para que sirvam a Deus e ao seu Reino como pastores e missionários dedicados e comprometidos com Deus, com a Igreja e com a humanidade carente.

Nosso corpo docente está se preparando, com alguns professores cursando o mestrado e outros com o título de mestres e doutores.

Presidente da Juret: Rev. Alcides Martins Junior

Diretor: Rev. Valter Moura

Capelão: Rev. Washington Paulo Emerich

SEMINÁRIO TEOLÓGICO DO NORDESTE

Foi fundado em 26 de agosto de 1995, recebendo a sua primeira turma em 1996. Foi uma iniciativa do CEMEN - Centro de Missão Evangélica Nordestina, vinculado à IPC - Igreja Presbiteriana da Coréia, sob a presidência do missionário Rev. Sung Il Kang, que contou com o apoio de presbitérios dos seguintes estados: Bahia, Ceará, Maranhão e Piauí. Na Reunião Extraordinária do SC/IPB em 1999, foi aprovada a sua oficialização como mais um seminário da IPB.

O STNe nasceu para contribuir para a expansão do número de igrejas e de obreiros para a região Meio Norte do nosso país, bem como para ser um pólo de radiação missionária para todo o Brasil e o mundo.

O STNe é fiel à tradição teológica reformada, preocupando-se em dar uma formação acadêmica séria e incentivar a busca de uma comunhão profunda com Deus através de uma vida devocional mais intensa.

Presidente da Juret – Rev. José Alves da Silva

Diretor: Rev. Maeli Ferreira Vilela

Capelão: Rev. Moisés Cavalcanti Bezerril

SEMINÁRIO PRESBITERIANO BRASIL CENTRAL

Extensão Ji-Paraná

No ano de 1989, deu-se início ao funcionamento do IBRO (Instituto Bíblico de Rondônia) a partir da iniciativa pioneira de pastores do campo de Rondônia, funcionando hoje com instalações construídas em uma chácara de 72.000 m².

As instalações físicas compõe-se de: 3 salas de aula, 1 sala de informática, 1 biblioteca com acervo de 5.000 livros, 1 refeitório, 2 alojamentos, 1 lavanderia, 1 campo de futebol, 1 bosque e muito espaço gramado proporcionando um ambiente muito agradável.

Na Reunião Ordinária do Supremo Concílio da IPB realizada em Julho de 2002, na cidade do Rio de Janeiro aprovou-se a criação da Extensão do Seminário Presbiteriano Brasil

Central no IBRO – Instituto Bíblico de Rondônia, a qual foi instalada e está funcionando desde 2002, com um corpo docente altamente qualificados.

Estamos prontos para receber você que anseia cursar teologia e precisa de um lugar que lhe proporcione tranquilidade para se dedicar aos estudos e que dispõe de boa qualidade de ensino.

Coordenador da extensão: Rev. Evandro Pereira de Souza

Trecho de poema sujo

(trecho inicial)

turvo turvo
a turva
mão do sopra
contra o muro
escuro
menos menos
menos que escuro
menos que mole e duro menos que fosso e muro: menos que furo
escuro
mais que escuro:
claro
como água? como pluma? claro mais que claro claro: coisa alguma
e tudo
(ou quase)
um bicho que o universo fabrica e vem sonhando desde as entranhas
azul
era o gato
azul
era o galo
azul
o cavalo
azul
teu cu
tua gengiva igual a tua bocetinha que parecia sorrir entre as folhas de
banana entre os cheiros de flor e bosta de porco aberta como
uma boca do coço (não como a tua boca de palavras) como uma
entrada para
eu não sabia tu
não sabias
fazer girar a vida
com seu montão de estrelas e oceano
entrando-nos em ti

bela bela
mais que bela
mas como era o nome dela?
Não era Helena nem Vera
nem Nara nem Gabriela
nem Tereza nem Maria
Seu nome seu nome era...
Perdeu-se na carne fria
perdeu na confusão de tanta noite e tanto dia
perdeu-se na profusão das coisas acontecidas
constelações de alfabeto
noites escritas a giz
pastilhas de aniversário
domingos de futebol
enterros corsos comícios
roleta bilhar baralho
mudou de cara e cabelos mudou de olhos e risos mudou de casa
e de tempo: mas está comigo está
perdido comigo
teu nome
em alguma gaveta

Que importa um nome a esta hora do anoitecer em São Luis
do Maranhão à mesa do jantar sob uma luz de febre entre irmãos
e pais dentro de um enigma?

mas que importa um nome
debaixo deste teto de telhas encardidas vigas à mostra entre
cadeiras e mesa entre uma cristaleira e um armário diante de
garfos e facas e pratos de louças que se quebraram já

um prato de louça ordinária não dura tanto
e as facas se perdem e os garfos
se perdem pela vida caem
pelas falhas do assoalho e vão conviver com ratos
e baratas ou enferrujam no quintal esquecidos entre os pés de erva-cidreira

e as grossas orelhas de hortelã
quanta coisa se perde
nesta vida
Como se perdeu o que eles falavam ali
mastigando
misturando feijão com farinha e nacos de carne assada
e diziam coisas tão reais como a toalha bordada
ou a tosse da tia no quarto
e o clarão do sol morrendo na platibanda em frente à nossa
janela

tão reais que
se apagaram para sempre

Ou não?

Não sei de que tecido é feita minha carne e essa vertigem
que me arrasta por avenidas e vaginas entre cheiros de gás
e mijo a me consumir como um facho-corpo sem chama,
ou dentro de um ônibus
ou no bojo de um Boeing 707 acima do Atlântico
acima do arco-íris
perfeitamente fora
do rigor cronológico
sonhando

Garfos enferrujados facas cegas cadeiras furadas mesas gastas
baleões de quitanda pedras da Rua da Alegria beirais de casas
cobertos de limo muros de musgos palavras ditas à mesa do
jantar,

voais comigo
sobre continentes e mares

E também rastejais comigo
pelos túneis das noites clandestinas
sob o céu estrelado do país
entre fulgor e lepra
debaixo de lençóis de lama e de terror
vos esgueirais comigo, mesas velhas,
armários obsoletos gavetas perfumadas de passado,
dobrais comigo as esquinas do susto
e esperais esperais
que o dia venha

E depois de tanto
que importa um nome?

Te cubro de flor, menina, e te dou todos os nomes do mundo:
te chamo aurora

te chamo água
te descubro nas pedras coloridas nas artistas de cinema
nas aparições do sonho

- E esta mulher a tossir dentro de casa!
Como se não bastasse o pouco dinheiro, a lâmpada fraca,
O perfume ordinário, o amor escasso, as goteiras no inverno.
E as formigas brotando aos milhões negras como golfadas de
dentro da parede (como se aquilo fosse a essência da casa)
E todos buscavam

num sorriso num gesto
nas conversas da esquina
no coito em pé na calçada escura do Quartel
no adultério
no roubo
a decifração do enigma

- Que faço entre coisas?
- De que me defendo?

Num cofo de quintal na terra preta cresciam plantas e rosas
(como pode o perfume
nascer assim?)

Da lama à beira das calçadas, da água dos esgotos cresciam
pés de tomate

Nos beirais das casas sobre as telhas cresciam capins
mais verdes que a esperança
(ou o fogo
de teus olhos)

Era a vida a explodir por todas as fendas da cidade

sob as sombras da guerra:
a gestapo a wehrmacht a raf a feb a blitzkrieg
catalinas torpedeamentos a quinta-coulina os fascistas os nazistas os
comunistas o repórter Esso a discussão na quitanda a querosene o
sabão de andiroba o mercado negro o racionamento o blackout as
montanhas de metais velhos o italiano assassinado na Praça João
Lisboa o cheiro de pólvora os canhões alemães troando nas noites de
tempestade por cima da nossa casa. Stalingrado resiste.
Por meu pai que contrabandeava cigarros, por meu primo que passava
rifa, pelo tio que roubava estanho à Estrada de Ferro, por seu Neco
que fazia charutos ordinários, pelo sargento Gonzaga que tomava
tiquira com mel de abelha e trepava com a janela aberta,
pelo meu carneiro manso
por minha cidade azul
pelo Brasil salve salve,

Stalingrado resiste.

A cada nova manhã
nas janelas nas esquinas nas manchetas dos jornais

Mas a poesia não existia ainda.

Plantas. Bichos. Cheiros. Roupas.
Olhos. Braços. Seios. Bocas.
Vidraça verde, jasmim.
Bicicleta no domingo.
Papagaios de papel.
Retreta na praça.
Luto.

Homem morto no mercado
sangue humano nos legumes.
Mundo sem voz, coisa opaca.
Nem Bilac nem Raimundo. Tuba de alto clangor, lira singela?
Nem tuba nem lira grega. Soube depois: fala humana, voz de
gente, barulho escuro do corpo, intercoartado de relâmpagos

Do corpo. Mas que é o corpo?
Meu corpo feito de carne e de osso.
Esse osso que não vejo, maxilares, costelas
flexível armação que me sustenta no espaço
que não me deixa desabar como um saco
vazio
que guarda as vísceras todas
funcionando
como retortas e tubos
fazendo o sangue que faz a carne e o pensamento
e as palavras
e as mentiras
e os carinhos mais doces mais sacanas
mais sentidos
para explodir uma galáxia
de leite
no centro de tuas coisas no fundo
de tua noite ávida
cheiros de umbigo e de vagina
graves cheiros indecifráveis
como símbolos
do corpo
do teu corpo do meu corpo
corpo
que pode um sabre rasgar
um caco de vidro
uma navalha
meu corpo cheio de sangue
que o irriga como a um continente
ou um jardim
circulando por meus braços
por meus dedos
enquanto discuto caminho
lembro relembro
meu sangue feito de gases que aspiro
dos céus da cidade estrangeira
com a ajuda dos plátanos
e que pode - por um descuido - esvaír-se por meu
pulso
aberto

Meu corpo
que deitado na cama vejo
como um objeto no espaço
que mede 1,70m
e que sou eu: essa coisa deitada
barriga pernas e pés
com cinco dedos cada um (por que
não seis?)
joelhos e tornozelos
para mover-se
sentar-se
levantar-se

meu corpo de 1,70m que é meu tamanho no mundo
meu corpo feito de água
e cinza
que me faz olhar Andrômeda, Sírius, Mercúrio
e me sentir misturado
a toda essa massa de hidrogênio e hélio
que se desintegra e reintegra
sem se saber pra quê

Corpo meu corpo corpo
que tem um nariz assim uma boca
dois olhos
e um certo jeito de sorrir
de falar
que minha mãe identifica como sendo de seu filho
que meu filho identifica
como sendo de seu pai

corpo que se pára de funcionar provoca
um grave acontecimento na família:
sem ele não há José Ribamar Ferreira
não há Ferreira Gullar
e muitas pequenas coisas acontecidas no planeta
estarão esquecidas para sempre

corpo-facho corpo-fútuco corpo-fato

atravessados de cheiros de galinheiros e rato
na quitanda ninho
de rato
cocô de gato
sal azinhavre sapato
brilhantina anel barato
língua no eu na boceta cavalo-de-crista chato
nos pentelhos
com meu corpo-falo
insondável incompreendido
meu cão doméstico meu dono
cheio de flor e de sono
meu corpo-galáxia aberto a tudo cheio
de tudo como um monturo
de trapos sujos latas velhas colchões usados sinfonias
sambas e frevos azuis
de Fra Angelico verdes
de Cézanne
matéria-sonho de Volpi
Mas sobretudo meu
corpo
nordestino
Mais que isso
maranhense
mais que isso
sanluisense
mais que isso
ferreirense
newtoniense
alziense
meu corpo nascido numa porta-e-janela da Rua dos Prazeres
ao lado de uma padaria sob o signo de Virgo

sob as balas do 24 BC
na revolução de 30

e que desde então segue pulsando como um relógio
num tic tac que não se ouve
(senão quando se cola o ouvido à altura do meu coração)
tic tac tic tac
enquanto vou entre automóveis e ônibus
entre vitrinas de roupas
nas livrarias
nos bares
tic tac tic tac

pulsando há 45 anos
esse coração oculto
pulsando no meio da noite, da neve, da chuva
debaixo da capa, do paletó, da camisa
debaixo da pele, da carne,

combatente clandestino aliado da classe operária
meu coração de menino

LOCAL DAS PROVAS

- **SPS** Seminário Presbiteriano do Sul
Av. Brasil, 1200 - Jardim Guaratuba - 13.079-148 - CAMPINAS SP
Telefone/Fax: (16) 3261-9200 Fax: (16) 3213-3807
Site: www.sps.br - E-mail: secretoaria@sps.br
- **SPN** Seminário Presbiteriano do Norte
Rua Demétrio de Souza Filho, 208 - Madalena - 50.610-120 - RECIFE PE
Telefone: (81) 3227-0988 Fax: (81) 3227-0145
Site: www.spn.br - E-mail: spn@netnet.com.br
- **STEPHNE** Seminário Teológico Presbiteriano "Irm. Deseud Nevelomas Elter"
Rua João de Deus, 301 - Palmeiras - 31.155-710 - BELO HORIZONTE MG
Fone/Fax: (31) 3425-9549
Site: www.seminariopresbiteriano.com.br - E-mail: secretoaria@seminariopresbiteriano.com.br
- **STPJMC** Seminário Teológico Presbiteriano "Irm. José Manoel da Conceição"
Rua Pazos, 1165 - Campo Búzio - 04.616-004 - SÃO PAULO SP
Fone: (11) 5542-5076 / 5543-3534 / 5531-9652
Site: www.seminariopresbiteriano.com.br - E-mail: secretoaria@seminariopresbiteriano.com.br
- **STPL** Seminário Teológico Presbiteriano do Rio de Janeiro
Rua Joaquina Rosa, 195 - Meier - 20.710-080 - RIO DE JANEIRO RJ
Fone: (21) 2261-6734 / 2281-9775 Fax: (21) 2561-6858
Site: www.stpl.br - E-mail: stpl@stpl.br
- **SPRC** Seminário Presbiteriano Brasil Central
Rua Roberto Valdivinos, 230 - Seara Nuvem da Lina - 74.650-250 - GOIÂNIA GO
Fone/Fax: (62) 3281-1886
Site: www.spri.org.br - E-mail: spri@spri.com.br
- **SPRC** Seminário Presbiteriano Brasil Central / Extensão Ji-Paraná
Rua Governador Jango Tenório, 3517 - Nova Brasília - 78.500-000 - JI-PARANÁ RO
Fone/Fax: (68) 3424-5547 / 3424-7411 - E-mail: br@brnubro.com.br
- **SPB** Seminário Presbiteriano de Brasília
SGAS - Quadra 906 Lote 8 - Funchos - Asa Sul - 70.390-060 - BRÁSILIA DF
Fone/Fax: (61) 3362-1431 / 3244-2122
Site: www.seminariopresbiteriano.com.br - E-mail: secretoaria@terra.com.br
- **STN** Seminário Teológico Nordeste
Rua Orlando Costa e Silva, 4587 - Pinarés 1 - 64.655-410 - TERESINA PI
Fone/Fax: (86) 3232-4626 - 3232-1370
Site: www.stn.com.br - E-mail: stn@stn.com.br

JET - JUNTA DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA

Órgão de supervisão teológica
da Igreja Presbiteriana do Brasil

VESTIBULAR UNIFICADO 2007

Bacharel em Teologia

MANUAL DO CANDIDATO



IGREJA
PRESBITERIANA
do BRASIL

Apresentação

A JET - Junta de Educação Teológica, órgão de supervisão teológica da Igreja Presbiteriana do Brasil, edita o presente manual com intuito de fornecer as informações precisas e essenciais ao completo e correto preenchimento do requerimento de inscrição, e as regras que regem o Concurso Vestibular Unificado 2004 para o curso de Bacharelado em Teologia, com os programas das áreas com base nos quais serão feitas as provas.

Nele, o candidato terá, ainda a oportunidade de conhecer um pequeno histórico de cada seminário da Igreja Presbiteriana do Brasil.

A JET aconselha, portanto, que o candidato leia cuidadosamente o inteiro teor desta publicação, pois é assim que começa a sua SELEÇÃO para o Seminário.

Coordenador Geral do Vestibular
Rev. Valdir Ferreira da Cunha

Sumário

04	INSTRUÇÕES GERAIS
04	Agenda do Vestibular
04	Locais de provas do VLC - Vestibular Local
06	Inscrição
07	Informações Finais
08	PROVAS
08	Conhecimentos Gerais da Bíblia
08	Conhecimento dos Símbolos de Fé da IPB
08	Português e Literatura
10	Língua Inglesa
11	RESULTADOS
11	Classificação e aprovação
12	Matrícula
14	HISTÓRICO DAS UNIDADES
14	SPS - Campinas
14	SPN - Recife
15	STPRDNE - Belo Horizonte
16	STPJMC - São Paulo
17	STPRJ - Rio de Janeiro
17	STPBC - Goiânia
18	SPB - Brasília
19	STNe - Teresina
19	SPBC - Extensão Ji-Paraná

Coordenação do Vestibular:

Coordenador Geral: Rev. Valdir Ferreira da Cunha

Projeto Gráfico: Rev. Léléo Lourenço da Silva

INSTRUÇÕES GERAIS

Agenda do Vestibular

As provas do Concurso de Vestibular de Unificado, serão em uma só etapa e aplicadas simultaneamente em cada um dos seminários da IPB, no dia 18 de novembro de 2006, na seguinte seqüência: de 9 às 12 horas - "Português e Literatura" e "Língua Inglesa"; das 14 às 17 horas - "Conhecimentos Gerais da Bíblia" e "Conhecimento dos Símbolos de Fé da IPB".

As provas do vestibular serão aplicadas ao candidato em uma das maneiras abaixo:

- VLC - Vestibular Local** - Na sede do Seminário onde o candidato se inscrever;
- VMD- Vestibular Monitorado à Distância** - Por um pastor presbiteriano (monitor), em cidades distantes há mais de 200 km da sede do seminário onde o candidato se inscreveu.

A hospedagem e alimentação será por conta do interessado, mesmo quando fornecida pelo seminário da sua preferência. Se precisar de hospedagem faça contato prévio.

O mesmo deverá comparecer no dia e local de prova com antecedência mínima de 30 minutos, portando sua cédula de identidade, lápis, borracha e duas canetas pretas ou azuis.

Locais das Provas

Locais onde será aplicado o VLC - Vestibular Local, bem como número de vagas oferecido em cada unidade em seus respectivos turnos:

SPS - Seminário Presbiteriano do Sul

Av. Brasil, 1200 - Jardim. Guarabara- 13.073-148 - CAMPINAS -SP.
 Telefone/Fax (19) 3241-9399 - Fax (19) 3213-3807
 E-mail: secretaria@sps.br - Site: www.sps.br
 Turno Matutino: 40 vagas

SPN - Seminário Presbiteriano do Norte

Rua Demócrito de Souza Filho, 208 - Madalena - 50.610-120 - RECIFE - PE.
 Telefone: (81) 3227-0986 Fax: (81) 3227-0145
 E-mail: spnipo@hotmail.com.br - Site: www.spn.br
 Turno Matutino: 40 vagas

Turno Noturno: 40 vagas (nova turma: número mínimo de 15 alunos regulares)

STPRONE - Seminário Teológico Presbiteriano

"Rev. Denoel Nicodemus Eller"

Rua Joviano Neves, 301 - Palmares - 31.155-710 - BELO HORIZONTE - MG.
 Fone/Fax (31) 3428-9949 - E-mail: secretaria@seminariordne.com.br
 Site: www.seminariordne.com.br
 Turno Matutino: 40 vagas

STPJMC - Seminário Teológico Presbiteriano

"Rev. José Manoel da Conceição"

Rua Pascai, 1165 - Campo Belo - 04.616-004 - SÃO PAULO - SP.
 Fone (11)5542-5676 / 5543-3534 / 5531-8452
 E-mail: secretaria@seminariojmc.br - Site: www.seminariojmc.br
 Turno Matutino: 40 vagas

Turno Noturno: 40 vagas

STPRJ - Seminário Teológico Presbiteriano do Rio de Janeiro

Rua Joaquina Rosa, 199 - Meier - 20.710-080 - RIO DE JANEIRO - RJ.
 Fone (21) 2201-6734 / 2281-9775 - Fax (21) 2581-6958
 E-mail: sprj@sprj.br - Site: www.sprj.br
 Turno Matutino: 20 vagas

Turno Noturno: 20 vagas

SPBC - Seminário Presbiteriano Brasil Central

Rua Roberto Valadares, 230 - Setor Negrão de Lima - 74.650-250 - GOIÂNIA - GO.
 Fone/Fax (62) 3261-1696 - E-mail: spbc@terra.com.br - Site: www.spbc.org.br
 Turno Matutino: 40 vagas

SPBC - Seminário Presbiteriano Brasil Central / Extensão Ji-Paraná

Rua Governador Jorge Teixeira, 3517 - Nova Brasília - 78.960-000 - Ji-Paraná-RO
Fone/Fax (69) 3424-3547 / 3424-7411 - E-mail: ibro@brturbo.com.br
Turno Noturno: 30 vagas

SPB - Seminário Presbiteriano de Brasília

SGAS - Quadra 906 - Lote 8 - Fundos - Asa Sul - 70.390-060 - BRASÍLIA - DF.
Fone: (061) 3242-1434 / 3244-2122 - Fax (61) 3443-3875
Site: www.seminariopbrasil.com.br - E-mail: seminariopbrasil@terra.com.br
Turno Noturno: 40 vagas

STNe - Seminário Teológico Nordeste

Rua Osvaldo Costa e Silva, 4587 - Pícarreira 1 - 64.055-410 - TERESINA - PI.
Fone/Fax (86) 3232-6635
Site: www.stneipc.com.br - E-mail: stne@ig.com.br
Turno Matutino: 30 vagas

Inscrição

As inscrições poderão feitas até o dia 31 de outubro de 2006, mediante depósito da taxa de inscrição no valor de R\$ 100,00 (cem reais) em nome da IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL, no Banco do Brasil S/A - Agência 3495-9, Conta Corrente 11981-4. Em caso de desistência, não haverá devolução da taxa de inscrição.

Atenção! A todos os inscritos será enviado o livro "Vidas nas mãos de Deus" que será utilizado na prova de literatura, sem nenhum acréscimo, portanto faça inscrição com antecedência.

O Requerimento de Inscrição está encartado neste manual. Antes de preenchê-lo leia as instruções com muita atenção. O único responsável pelo preenchimento correto e completo é o próprio candidato.

O candidato deve enviar pelo correio ou apresentar pessoalmente ao seminário de sua preferência, o Requerimento de Inscrição junto com o comprovante de depósito da

taxa de inscrição e cópia de sua cédula de identidade, inclusive no caso de estrangeiro. Será expressamente vedado ao candidato efetuar mais de uma inscrição ao vestibular, sob pena de serem anuladas todas as inscrições.

Informações Finais

O Concurso Vestibular Unificado estará aberto aos que já houverem concluído ou estejam em vias de concluir o curso de ensino médio ou equivalente, bem como aos portadores de diploma de conclusão de curso superior.

A admissão aos seminários da IPB somente será feita mediante processo classificatório dos candidatos habilitados, com o aproveitamento até o limite das vagas fixadas para os diversos cursos e turnos. Serão admitidos os classificados que houverem concluído o ensino médio ou equivalente.

Serão excluídos do Concurso Vestibular, a qualquer tempo, os candidatos que prestarem informações inexatas no Requerimento de Inscrição; não efetuarem o pagamento integral da taxa de inscrição; incorrerem em comportamento indevido ou desonesto para com quaisquer dos examinadores, seus auxiliares ou autoridades; faltarem a quaisquer das provas, chegarem atrasados para quaisquer das atividades; não cumprirem as instruções constantes nas capas das provas; forem surpreendidos durante as provas em qualquer tipo de comunicação com outro candidato, portador de telefones celulares, "pagers" ou similares, ou se utilizando de máquina de calcular, livros, impressos ou anotações ou, finalmente, após as provas, for constatado, por meio eletrônico, estatístico, visual ou grafológico, terem-se utilizado de meios ilícitos na realização das mesmas.

PROVAS

As provas do Concurso Vestibular serão realizadas uma única fase e em um único dia, com exames específicos nas seguintes áreas:

I - Conhecimentos Gerais da Bíblia - A prova de Conhecimentos Gerais da Bíblia será composta de 40 questões, sob a forma de testes de múltipla escolha, com 5 (cinco) alternativas, valendo 1 ponto cada questão, as quais devem permitir que os candidatos evidenciem facilidade do manuseio da Bíblia Sagrada, inclusive no domínio geral dos períodos bíblicos e seus personagens principais, entrosamento dos livros proféticos com os livros históricos, harmonia dos evangelhos e relação entre as epístolas paulinas e o livro de Atos. Para a realização destas questões é recomendável que o candidato estude, no mínimo, as seguintes obras: *Bíblia de Genebra* - Introdução e esboço de cada livro (Editora Cultura Cristã), *Manual Bíblico Vida Nova* (Editora Vida Nova) ou *Manual Bíblico de Haley* (Editora Vida Nova ou Editora Vida). É aconselhável a leitura metódica da Bíblia Sagrada.

II - Conhecimento dos Símbolos de Fé da Igreja Presbiteriana do Brasil - A prova de Conhecimentos dos Símbolos de Fé da Igreja Presbiteriana do Brasil será composta de 25 questões, sob a forma de testes de múltipla escolha, com 5 (cinco) alternativas, valendo 1 ponto cada questão, as quais devem permitir que os candidatos evidenciem conhecimento dos principais pontos do sistema doutrinário adotado pela IPB tal como exposto na *Confissão de Fé de Westminster* e nos *Catecismos Maior e Breve* (Editora Cultura Cristã).

III - Português e Literatura - A prova de Língua Portuguesa e sua Literatura constará de 40 questões, sob a forma de testes de múltipla escolha, com 5 (cinco) alternativas, e mais uma Redação. Nesta prova, cada questão de múltipla escolha valerá 1 ponto, e a Redação valerá mais 20 (vinte) pontos.

Vinte das questões, na forma de testes de múltipla escolha, deverão permitir que o candidato evidencie domínio da norma culta da língua portuguesa, inclusive quanto a

ortografia e morfosintaxe das classes de palavras; flexão nominal e verbal; expressão de tempo, modo, aspecto e voz; correlação de tempos e modos, concordância nominal e verbal, regência nominal e verbal, pronomes, advérbios e conectivos. Para a realização destas questões é recomendável que o candidato estude, no mínimo, uma das seguintes obras: *Gramática do Português Contemporâneo*, de Celso Cunha; *Gramática Essencial da Língua Portuguesa*, de Luiz Antonio Sacconi; *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*, de Rocha Lima. *Normas de Comunicação em Língua Portuguesa de Héndericas Nadólski*.

O programa para o vestibular constará dos seguintes pontos: Ortografia: orientações ortográficas; encontros vocálicos e consonantais; sinais de pontuação. Acentuação gráfica: sílaba; divisão silábica; sílaba tônica; regras de acentuação gráfica. Crase. Morfologia: prefixos e sufixos; classes de palavras. Pronomes: pessoal; demonstrativo; possessivo; relativo. Colocação dos pronomes oblíquos átonos. Verbo: conjugação; emprego dos tempos verbais. Regência verbal e nominal. Concordância: verbal e nominal. Sintaxe: frase, oração e período; termos da oração. Semântica: sinónimos, antónimos, homónimos e parónimos; figuras de linguagem.

Outras vinte questões, formuladas na forma de testes de múltipla escolha, deverão permitir que o candidato evidencie a capacidade de ler, compreender e interpretar criticamente textos de toda natureza, literários e não-literários, sabendo reconhecer os elementos de coesão e fatores de textualidade que lhes dão coerência. Para a formulação dessas questões assume-se que o candidato tenha lido, obrigatoriamente, as seguintes obras: *"Poema sujo"* de Ferreira Gullar (Editora: Civilização Brasileira), *"Amor de capitu"* de Fernando Sabino (Editora Ática), *"Vidas nas mãos de Deus"* de Geraldo Braz dos Santos (Este livro será enviado a todos os inscritos sem nenhum custo). Bibliografia sugerida de literatura: *Literatura Brasileira* de William R. Careja e Theresza C. Magalhães (Editora Atual), *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*, de José de Nicola (Editora Scipione), *Livros Didáticos de Literatura para o 2º grau* (Atual Ensino Médio).

A redação consistirá de uma dissertação na qual o candidato deverá demonstrar capacidade para expor uma tese, apresentar os argumentos contrários e a favor da

mesma e fornecer conclusões a partir de tema que mobilizem conhecimentos e opiniões. Espera-se que o candidato demonstre o domínio dos recursos linguísticos necessários para a composição de textos coerentes, construídos em uma linguagem formal adequada à situação.

Na correção da redação, serão examinados cinco aspectos que os avaliadores considerarão, tanto quanto possível, separadamente. A cada um deles podem ser atribuídos até 4 pontos:

- I - Capacidade do candidato para elaborar um texto em prosa adequado ao tema proposto;
- II - Habilidade para desenvolver o tema de maneira consistente ao longo de todo o texto, demonstrando uso adequado da estrutura dos parágrafos e das frases, bem como da correta hierarquização e correlação das informações apresentadas;
- III - Aptidão para estruturar o texto de maneira coesa (nas frases, períodos e parágrafos) e coerente em suas ideias, demonstrando concisão;
- IV - Propriedade, pertinência e abrangência do vocabulário empregado (tanto à exposição de ideias, como aos padrões éticos predominantes na Igreja Presbiteriana do Brasil), além de ortografia, morfologia, sintaxe e pontuação;
- V - Maturidade da posição do candidato, a elaboração crítica, a solidez de seus argumentos e sua inventividade na condução dos mesmos.

IV - Língua Inglesa - A prova de Língua Inglesa consistirá de 25 questões, sob a forma de testes de múltipla escolha, valendo 1 ponto cada questão, com o objetivo de avaliar a capacidade de compreensão de textos em língua inglesa, cujo grau de dificuldade seja compatível com o ensino fundamental e médio.

A prova testará a habilidade e competência do candidato para leitura em língua inglesa. O candidato deverá ler em mente que "saber ler" não é uma tarefa passiva de simples decodificação do sentido das palavras. Trata-se de uma atividade ativa, de construção de sentido, em que o leitor tem um papel fundamental, utilizando, ao mesmo tempo, seus conhecimentos da estrutura e do vocabulário da língua e seu conhecimento prévio, que engloba seu conhecimento de mundo, do contexto sócio-

histórico em que vive, seu conhecimento prévio específico do assunto, e de como os textos se organizam e funcionam. Não é objetivo da prova testar conhecimento abstrato sobre a língua inglesa e, por isso, ela não conterá questões que testem pontos gramaticais isolados. O conhecimento de gramática será importante na medida em que serve para a compreensão do texto, isto é, uma gramática funcional que será útil para o reconhecimento pelo leitor de estruturas e vocabulário básicos da língua.

As perguntas sobre os textos em inglês serão formuladas em português e as respostas também serão dadas em português. Os textos versarão sobre temas relacionados à área de teologia.

Por ocasião da realização das provas não será admitida qualquer forma de consulta, devendo as dúvidas, se houver, serem esclarecidas com o responsável pela aplicação das provas.

RESULTADOS

Classificação e Aprovação

As provas serão corrigidas pelo semineiro de sua opção, conforme gabarito oficial fornecido pela Comissão de Vestibular nomeada pela JET, a qual divulgará publicamente os resultados a partir de 11 de Dezembro de 2006.
A nota final de cada candidato será a soma dos pontos obtidos em cada uma das quatro provas.

Será considerado reprovado o candidato que:

- I - obtiver menos de 75 pontos, dentre o total de 150 pontos possíveis;
- II - obtiver cinco ou menos pontos em qualquer das provas, exceto nas provas de "Conhecimentos Gerais da Biologia" e "Português e Literatura", nas quais é necessário o mínimo de 20 pontos em cada uma delas.

Sempre que o número de candidatos para um dado curso e turno for maior que o número de vagas oferecido, a classificação dos mesmos será feita pela ordem decrescente das notas finais.

O desempate será feito, sucessivamente, por:

- I - Número total de pontos obtido na prova de Conhecimentos Gerais da Bíblia;
- II - Número de pontos obtido na prova de Língua Portuguesa;
- III - Critério de idade, dando-se preferência ao candidato de maior idade até que se completem as vagas.

Matrícula

Os resultados do Concurso Vestibular serão válidos, apenas, para o período letivo imediatamente subsequente à sua realização.

A matrícula dos candidatos classificados para admissão aos seminários da IPB dependerá, necessariamente, da apresentação de:

- I - certificado de conclusão de curso de ensino médio (segundo grau) ou equivalente e respectivo histórico escolar ou diploma de curso superior devidamente registrado;
- II - cópia da cédula de identidade;
- III - duas fotos 3X4, datadas, com menos de um ano;
- IV - Certidão expedida pelo conselho da sua igreja declarando que:
 - a) o candidato manifestou, sincera e praticamente, vocação pastoral, e é membro da igreja perfeitamente integrado, havendo pelo menos três (3) anos;
 - b) na condição de aspirante ao ministério, o candidato recebeu trabalho específico, com relatório anual, acompanhado pelo pastor e avaliação periódica pelo Conselho;
 - c) o candidato, durante esse período de três anos, realizou leituras e estudos que lhe permitiram comprovar maturidade, desenvolvimento sócio-cultural e eclesial, facilidade para expor a Bíblia, dar aulas na Escola Dominical, pregar o Evangelho, dirigir reuniões, com relativo conhecimento bíblico, conhecimento da Igreja, inclusive administração e governo, doutrina, sacra-

to e ministério;

V - Certidão expedida pelo presbitério a que sua Igreja estiver jurisdicionada declarando que o mesmo foi aceito como candidato ao ministério na forma estabelecida pelo SC/IPB.

Em nenhuma hipótese serão aceitos candidatos que não tenham concluído o Ensino Médio em instituição de ensino reconhecida pelo MEC.

Em caso de postulante que não for candidato ao sagrado ministério, é requerida carta de apresentação do Conselho da Igreja ou órgão equivalente, declarando seu tempo de membresia.

A entrega dos documentos mencionados no caput deste artigo é requisito essencial à matrícula, não se aceitando, em hipótese alguma, que a matrícula seja efetivada sob a condição de entrega posterior, no todo ou em parte, dos mesmos.

O candidato de nacionalidade estrangeira deverá apresentar a cédula de identidade de estrangeiro que comprove sua condição temporária ou permanente no país.

O candidato que tenha realizado estudos equivalentes ao ensino médio (segundo grau), no todo ou em parte, no exterior, deverá apresentar reconhecimento de equivalência de estudos, promovido pela Secretaria de Educação do estado do seu domicílio.

Os documentos escolares apresentados em língua estrangeira deverão estar visados pela autoridade consular brasileira, no país de origem, e acompanhados da respectiva tradução oficial.

O candidato que não cumprir as exigências pertinentes à matrícula até 30 dias após o início do período letivo em 2007, não poderá matricular-se em nenhum seminário da IPB naquele ano, ficando sem efeito as notas ou a classificação que lhe tiverem sido atribuídas nas provas do Concurso Vestibular.

HISTÓRICO DAS UNIDADES

SEMINÁRIO PRESBITERIANO DO SUL

Assim que foi formado e instalado o Sinodo Presbiteriano do Brasil, o Sinodo decidiu organizar um Seminário Teológico. Esta decisão foi tomada em 8 de setembro de 1888. Até hoje se celebra essa data como aniversário do Seminário Presbiteriano do Sul.

O Seminário, no entanto, só passou a funcionar anos mais tarde em Nova Friburgo no Rio de Janeiro. Em 1894 o Seminário foi transferido para a 1ª Igreja Presbiteriana de São Paulo à Rua 24 de Maio. Somente em 1907 e que se instalou em Campinas nos prédios do antigo "Colégio Internacional". Hoje o Seminário ocupa a propriedade da Av. Brasil 1200 desde 1949.

Durante seus 118 anos de organização este seminário tem formado pastores que tem ministrado em todas partes do Brasil e do mundo. Com sua tradição e seu dinamismo o Seminário Presbiteriano do Sul continua fazendo história no solo brasileiro.

Presidente da Juret - Rev. Jonas Zujisko
Diretor - Rev. Adão Carlos Ferreira do Nascimento
Capelão - Rev. Adilson de Abreu

SEMINÁRIO PRESBITERIANO DO NORTE

Tudo começou em 1899. a IPB tinha apenas o seminário sediado em São Paulo. Porém, em 1894 chegou a Garanhuns - Pernambuco, o Dr. William Butler, que movido por amor à causa resolve, num gesto de fé, preparar jovens para serem pastores.

A semente caiu em solo fértil e, de 1921 a 1946, torna-se frondosa a árvore do SPN. Hoje em bairro nobre de Recife, dispõe de corpo docente qualificado, biblioteca ampla

e informatizada, acomodações para alunos solteiros e casados, cursos em dois turnos.

"Deus chama, o SPN prepara". É o nosso lema.

Presidente da Juret - Rev. José Alves da Silva
Diretor - Rev. Luisero Teixeira da Rocha.
Capelão - Rev. Silvano Cordeiro Fonseca

SEMINÁRIO TEOLÓGICO PRESBITERIANO "Rev. Denoel Nicodemos Eller "

O sonho da formação de pastores na grande BH começou em 1972, quando o então Presbítero Belo Horizonte designou comissão formada pelos saudosos Rev. Denoel Nicodemos Eller e Rev. Mário Barbosa, bem como pelo Rev. Américo Gomes Coelho e pelo Presbítero Altair Ribeiro Soares, com o fim de planejar a escola teológica.

Tornou-se realidade a 4 de março de 1976, com o início das atividades pelo IPRESBT - Instituto Presbiteriano de Teologia, tendo sido assegurado em 1978 pelo SC/IPB, o direito de licenciatura e ordenação, aos concluintes do curso de Teologia. Em 1981 formou a sua primeira turma. Foi transformado em Extensão do SPS - Campinas em 1982.

Em 1986 foi emancipado pelo Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, cuja instalação se deu no dia 30 de setembro imediato, cujo nome homenageia um de seus idealizadores e primeiro diretor da casa.

Nosso corpo docente é formado por mestres e doutores, servindo com eficiência na

formação dos pastores para os campos presbiterianos.

Oferecemos ainda, desde 1994, o curso de Liderança Cristã, monitorado à distância, não necessitando o 2º grau, com duração de no mínimo um ano, facilitando o treinamento de líderes nas igrejas locais.

Presidente da Juret: Rev. Paulo Audébert Delage
Diretor - Rev. Valdir Ferreira da Cunha
Capelão - Rev. René Alves Stofel

SEMINÁRIO TEOLÓGICO PRESBITERIANO "Rev. José Manoel da Conceição"

O Seminário JMC nasceu em 11/02/1980 como extensão do SPS. Graças ao rápido desenvolvimento, foi emancipado pelo concílio maior da IPB em 1982.

O ano de 1984 ficou marcado pela formatura de sua primeira turma de bacharéis em Teologia. O curso para bacharelado em Música Sacra iniciou-se em 1992. No ano seguinte, a graduação em teologia passou a ser oferecida também durante o dia. A escola oferece, ainda, o curso livre de Música Sacra.

Em 1993, consolidado, reativou o programa de pós-graduação da IPB, transferido anos mais tarde para o campus do Instituto Presbiteriano Mackenzie, já com o nome de Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Rev. Andrew Jumper, servindo hoje a toda a comunidade Presbiteriana.

Presidente da Juret: Presb. Amaro José Alves
Diretor - Rev. Paulo Ribeiro Fontes
Capelão - Rev. Ozias Mendes Ribeiro

SEMINÁRIO TEOLÓGICO PRESBITERIANO DO RIO DE JANEIRO

Em 1982, foi instalada uma extensão do Seminário Presbiteriano do Sul, de Campinas, nas dependências da Igreja Presbiteriana de Nova Iguaçu. Em 03 de janeiro de 1984, a Extensão foi transferida, para as dependências da Igreja Presbiteriana do Méier, sendo então seu pastor o Rev. Jair Pimenta Alvarenga.

Na Reunião Ordinária de julho de 1986 realizada em Vitória (ES), o Supremo Concílio da IPB aprovou a transformação da Extensão em Seminário do Rio de Janeiro. No dia 03 de outubro de 1986 foi instalado com o culto realizado na Igreja Presbiteriana do Méier, no qual pregou o Rev. Edésio de Oliveira Chequet.

O nome "Seminário Teológico Presbiteriano do Rio de Janeiro" foi escolhido devido ao nome original do primeiro seminário, criado pelo Rev. Ashbel Green Simonton. Oferecemos o curso de Bacharelado em Teologia nos turnos da manhã e noite e Bacharelado em Música Sacra no turno da noite.

Presidente da Juret: Rev. Cid Pereira, Caldas
Diretor - Rev. Gilberto Antonio Zapparoli
Capelão - Rev. Paulo de Tarso Brito de Souza

SEMINÁRIO PRESBITERIANO BRASIL CENTRAL

Iniciado em 1983 como extensão do SPS - Seminário Presbiteriano do Sul, instalado nas dependências da Igreja Presbiteriana de Campinas em Goiânia.

Em Fevereiro de 1991 foi organizado e instalado como seminário, ganhando assim a sua autonomia. Instalado hoje, em sede própria, oferecendo o curso de Bacharelado em Teologia nos turnos da manhã e noite, o curso de Educador Cristão e outros cursos especiais.

Os docentes são mestres e doutorandos comprometidos com a Doutrina Reformada.

Dispõe de acomodações para alunos solteiros, do sexo masculino e feminino.

Presidente da Juret: Rev. Alcides Martins Junior
 Diretor - Rev. Saulo Pereira de Carvalho
 Capelão - Rev. Aurino César Lima Filho

SEMINÁRIO PRESBITERIANO BRASÍLIA

A extensão em Brasília foi instalada em 1999, oferecendo uma oportunidade para aqueles que desejavam estudar teologia mais não sabiam como resolver questões como: distância, tempo, recursos financeiros.

Na Reunião Ordinária do Supremo Concílio da IPB realizada em Julho de 2002, na cidade do Rio de Janeiro aprovou-se a criação do Seminário Presbiteriano de Brasília, o qual organizado e instalado em 5 de novembro de 2002, tendo como pregador o Rev. Wilson do Amaral Filho, Presidente da JET.

O propósito é preparar o aluno para diversas áreas da igreja local, integrando o ensino a uma saudável vida espiritual, visando o caráter do aluno, para que sirvam a Deus e ao seu Reino como pastores e missionários dedicados e comprometidos com Deus, com a Igreja e com a humanidade carente.

Nosso corpo docente está se preparando, com alguns professores cursando o mestrado e outros com o título de mestres e doutores.

Presidente da Juret: Rev. Alcides Martins Junior
 Diretor: Rev. Valter Moura
 Capelão: Rev. Geraldo Henrique Lemos Barbosa

SEMINÁRIO TEOLÓGICO DO NORDESTE

Foi fundado em 26 de agosto de 1995, recebendo a sua primeira turma em 1996. Foi uma iniciativa do CEMEN - Centro de Missão Evangélica Nordestina, vinculado à IPC - Igreja Presbiteriana da Coréia, sob a presidência do missionário Rev. Sung Il Kang, que contou com o apoio de presbíteros dos seguintes estados: Bahia, Ceará, Maranhão e Piauí. Na Reunião Extraordinária do SC/IPB em 1999, foi aprovada a sua oficialização como mais um seminário da IPB.

O STNe nasceu para contribuir para a expansão do número de igrejas e de obreiros para a região Meio Norte do nosso país, bem como para ser um pólo de radiação missionária para todo o Brasil e o mundo.

O STNe é fiel à tradição teológica reformada, preocupando-se em dar uma formação acadêmica séria e incentivar a busca de uma comunhão profunda com Deus através de uma vida devocional mais intensa.

Presidente da Juret - Rev. José Alves da Silva
 Diretor: Rev. Maell Ferreira Villela
 Capelão: Rev. Moisés Cavalcanti Bezerra

SEMINÁRIO PRESBITERIANO BRASIL CENTRAL Extensão Ji-Paraná

No ano de 1988, deu-se início ao funcionamento do IBRO (Instituto Bíblico de Rondônia) a partir da iniciativa pioneira de pastores do campo de Rondônia, funcionando hoje com instalações construídas em uma chácara de 72.000 m².

As instalações físicas compõe-se de: 3 salas de aula, 1 sala de informática, 1 biblioteca com acervo de 5.000 livros, 1 refeitório, 2 alojamentos, 1 lavanderia, 1 campo de futebol, 1 bosque e muito espaço gramado proporcionando um ambiente

20 - Manual do Candidato

muito agradável.

Na Reunião Ordinária do Supremo Concílio da IPB realizada em Junho de 2002, na cidade do Rio de Janeiro aprovou-se a criação da Extensão do Seminário Presbiteriano Brasil Central no IBRO - Instituto Bíblico de Rondônia, a qual foi instalada e está funcionando desde 2002, com um corpo docente altamente qualificados.

Estamos prontos para receber você que anseia cursar teologia e precisa de um lugar que lhe proporcione tranquilidade para se dedicar aos estudos e que dispõe de boa qualidade de ensino.

Coordenador da extensão: Rev. Evandro Pereira de Souza

Poema Sujo

P O E S I A

11ª edição

Edição comemorativa
das 30 anos de
publicação do obra

JOSÉ OLYMPIO
EDITORA

Gullar

FERRREIRA

FERRREIRA GULLAR

Poema Sujo

10

Robert Feinberg, Buenos Aires, 1976



Poema sujo nasceu num momento oficial da história do país e em circunstâncias dramáticas da vida de Ferreira Gullar, um dos maiores poetas brasileiros, então no exílio. Em 2006, este longo poema completo inédito anos de publicação. Por sua força e pelo que representa para todos nós, esteve cada vez mais presente e se tornou o mais conhecido e estudado poema de Gullar. Confirmando sua universalidade, *Poema sujo* ainda ganhou traduções em Cuba, Colômbia, França, Espanha, Alemanha, Suécia e Estados Unidos.

Em homenagem ao poeta, o editor José Olympio, com apoio do Instituto Moreira Salles, inclui nesta edição comemorativa um CD com o poema lido na voz de Gullar, assim como chegou ao Brasil, numa fita cassete, trazida de Buenos Aires por Vinícius de Moraes. No ano seguinte, 1976, o poema foi lançado em livro.

JOSÉ OLYMPIO
EDITORA



FERREIRA GULLAR

POEMA SUJO

Poesia

Prefácio

ALCIDES VILLAÇA

11ª edição

JOSÉ OLYMPIO
EDITORA

Sumário

© Ferreira Gullar, 1975

Reservam-se os direitos desta edição à
EDITORA JOSÉ OLYMPIO LTDA.
Rua Argentina, 171 - 1º andar - São Cristóvão
20921-380 - Rio de Janeiro, RJ - República Federativa do Brasil
Tel.: (21) 2585-2060 Fax: (21) 2585-2086
Printed in Brazil / Impresso no Brasil

Atendemos pelo Reembolso Postal

ISBN 85-03-00995-2

Capa: JOATAN

Agradecemos ao Instituto Moreira Salles e a Videofilmes pela cessão
do direito fonográfico de leitura de Ferreira Gullar do *Poema Sujo*,
que integra o documentário filmado em 19/10/2005, no Centro
Cultural do IMS no Rio de Janeiro.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte
Serviço Nacional dos Editores de Livros, RJ.

Gullar, Ferreira, 1930-

Poema sujo / Ferreira Gullar; prefácio Alcides Villaça -
11ª ed. - Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

1. Poesia brasileira. I. Título.

06-1775

CDD 869.91
CDU 869.0(81)-1

A história do poema (Ferreira Gullar), *off*
Em torno do *Poema sujo* (Alcides Villaça), *xi*

POEMA SUJO (1975), *I*

Sobre o autor, *69*
Obras do autor, *71*

A história do poema

Ferreira Gullar

ESCREVI o *Poema sujo* em 1975, em Buenos Aires, depois de anos de exílio em Moscou, Santiago do Chile e Lima. Se a primeira parte do exílio foi sofrida e atordoante (só me dei conta de que minha presença em Moscou era real, seis meses depois de estar vivendo lá), a última parte – queda de Allende, reencontro traumatizante com a família no Peru – foi devastadora. Transferi-me em 1974 para Buenos Aires, cidade mais acolhedora e próxima do Brasil mas, desgraçadamente, logo a situação política se agravou, desencadeando-se a repressão às esquerdas e aos exilados. À minha volta, os amigos começaram a ser presos ou fugir. Com o passaporte vencido, não poderia sair do país, a não ser para o Paraguai ou Bolívia, dominados por ditaduras ferozes como a nossa. Enquanto isso, a cada manhã, novos cadáveres eram encontrados próximo ao aeroporto de Ezeiza, alguns deles destruídos a dinamite. Sabia-se que agentes da ditadura brasileira tinham permissão para entrar no país e capturar exilados políticos. Sentia-me dentro de um cerco que se fechava. Decidi, então, escrever um poema que fosse o meu testemunho final, antes que me calassem para sempre.

Já fizera algumas tentativas de evocar, em forma de romance, os anos vividos em São Luís do Maranhão. Não conseguira ir além das setenta primeiras páginas, e o resultado não era bom. Insistia nisso por acreditar que aquele tema não cabia num poema. Mas agora, a gravidade e urgência da situação não apenas mudavam minha relação com o passado como me impeliram para o meu meio natural de expressão – o poema. Não se tratava, porém, de simplesmente evocar a infância e a cidade distante. Queria resgatar a vida vivida (um modo talvez de

sentir-me vivo), descer nos labirintos do tempo, talvez quem sabe para encontrar amparo no solo afetivo da terra natal. Não queria fazer um discurso acerca do passado mas torná-lo presente outra vez, matéria viva do poema, da fala, da existência atual. Por isso pensei usar de procedimento semelhante ao que adotara para escrever *O formigueiro*, em 1955. Semelhante mas essencialmente diverso: imaginei que poderia vomitar, em escrita automática (*automatisme psychique*), sem ordem discursiva, a massa da experiência vivida – lançar o passado em golfadas sobre o papel e, a partir desse magma, construir o poema que encerraria a minha aventura biográfica e literária.

Isso me ocorreu à noite, na cama, e apesar do estado de excitação em que fiquei, preferi esperar a manhã seguinte para pôr em prática o projeto. E, de fato, mal me levantei, engoli qualquer coisa e logo me pus em frente à máquina de escrever: mas o 'vômito' não vinha e não sabia como provocá-lo. Como meter o dedo na garganta da linguagem se a linguagem não tem garganta? Fiquei desapontado, tudo o que imaginara à noite mostrava-se inviável à luz do dia. O poema final e extremo jamais seria escrito! Mas eu estava decidido a escrevê-lo e busquei o modo possível de fazê-lo, já que o que importava não era o modo e sim o poema mesmo. "O poema deve começar antes de mim, pensei, começar antes do verbo." E foi um alívio quando, calcando lentamente as teclas, pude escrever:

*tarco tarco
a tarca
mão do sopra
contra o muro*

Encontrado o umbigo do poema, ele foi ganhando corpo. Escrevi cinco páginas e parei. Estava exausto e iluminado, sabia que uma ampla aventura se iniciava, penetrara enfim a dimensão onde se acumulara a riqueza incalculável e imprevisível do vivido. O fascinante é que toda essa riqueza, que estava dentro de mim – e está dentro de todos – parecia agora acessível à expressão. E mais: tudo o que a constituía e

que eu 'sabia', desde momentos mais intensos até os mais banais, das pessoas às coisas, das plantas aos bichos, tudo, água, lama, noite estrelada, fome, esperma, sonho, humilhações, tudo era agora matéria poética já que eu me tornara um Mídas, capaz de transformar em poesia cada coisa em que tocasse.

De maio a agosto, vivi entregue ao poema. Sozinho, sem emprego, com um mínimo de obrigações, passava o dia mergulhado nele, no que já escrevera e no que pulsava em meu corpo, em minha mente, no ar, e que era o poema se fazendo, me usando para se fazer. Inquieto *Aché*, saía para a rua e ficava andando pelos quarteirões próximos à avenida Honório Pucyrredón, onde eu morava, ou nas vizinhanças da estação Caballito do metrô, o coração aos baques, a transformar em palavras e imagens a enxurrada de lembranças, sentimentos e idéias que, desencadeada, ameaçava sufocar-me. Em seguida voltava para casa e redigia as novas estrofes.

Em agosto, se não me equivocou, o poema, que até ali fluíra naturalmente, estancou de repente. A atmosfera quase mágica em que me movia desfez-se. A 'viagem' terminara, o poema se dera por findo. Ainda insisti em prolongá-lo, escrevendo outras estrofes, que logo verifiquei descabidas e eliminei. Era impossível continuá-lo mas, ao mesmo tempo, faltava concluí-lo, faltava um fecho, que eu não sabia qual era. Durante quase dois meses, deixei de pensar nele, ocupei-me de outras coisas. Até que um dia, inesperadamente, comeci a murmurar:

*O homem está no cidade
como uma coisa está em outra*

Hoje, quando releio essa última parte do *Poema ajuí*, surpreendome com a sua perfeita adequação ao resto do poema, ou seja, com o fato de ter produzido, sem o perceber, a exata conclusão que ele exigia.

Bem, o poema estava concluído. À parte qualquer juízo de valor, tinha noção de que, ao escrevê-lo, vivera uma experiência poética única, por sua longa duração e pelo estado especial em que o fizera, de

Em torno do Poema sujo

Alcides Villega

Não há centro e o tempo perdeu sua antiga coesão: hebre e oeste, amável e ontem se confundem em cada um de nós. Os últimos tempos e os últimos espaços se embriam em um agora e em aqui que está em nós as partes e sucede a qualquer hora.

OCTAVO PAZ

Há muitos poemas num poema. Juntamente com a voz que na leitura o realiza em uma forma particular, muitas outras vozes ressoam, com maior ou menor clareza, mas sempre ansiosas. E não adianta querer realizá-las todas: as ambigüidades se multiplicam no espaço e no tempo do poema e da História. Fica sendo esta, afinal, a garantia de que, diante de um poema, nunca estamos sós. Ele é um *outro*, é a possibilidade quase sem limite de muitos outros. Fica também a certeza de que o poema abraça a multiplicação da nossa própria voz.

Para o poeta, no entanto, o que primeiro lhe surge multiplicado não é ainda o poema, mas o vacilante espectro de um *possível* que se quer expressão. E o que será mais espectral do que a vida já acumulada, vida de um perdido *criminoso* que surge agora extremamente fragmentado? Ao se olhar para trás, tudo se torna pedra. A princípio, os olhos do poeta apreendem apenas formas inativas e fulminadas, em nívelamento desafiador. É preciso demorar os olhos, delegar a tudo o que já teve seu tempo próprio um outro tempo, hábil para a ressurreição: tempo de passado e presente. Mas esta ressurreição não se dará se a identidade de cada pessoa, de cada coisa não for acusada por seu nome forte, ao qual então legitimará. É também necessária uma sintaxe onde as evocações se reorganizem em referências recíprocas,

extraordinária liberdade interior, que tornava atuais, presentes, todas as palavras, todos os cheiros, os sons, os afagos, as sensações experimentadas e as vozes ouvidas e lidas, da infância, da família, dos amores, dos poetas.

Guardei o poema. Apenas a Thereza, numa de suas idas a Buenos Aires, havia lido a parte inicial dele, antes da leitura feita por mim, a pedido do Vinicius de Moraes, na casa de Augusto Boal, para um grupo de amigos, quase todos exilados como eu. Após essa leitura, Vinicius, comovido, pediu-me uma cópia do poema, queria levá-lo para o Brasil. Finalmente, decidimos que seria melhor gravá-lo numa fita, o que foi feito já no dia seguinte. No Rio, Vinicius reuniu um grupo de amigos em sua casa para ouvir o poema. Nas circunstâncias, ouvi-lo dito por mim, poeta exilado, era certamente emocionante e isso fez com que as cópias do poema se multiplicassem e outros grupos se formassem para escutá-lo. Sem demora, recebi do editor Ênio Silveira carta pedindo urgente uma cópia escrita do poema que ele queria editá-lo o mais rápido possível. De fato, poucos meses depois, o *Poema sujo* estava nas livrarias, suscitando a iniciativa de escritores, jornalistas e amigos para obter do governo militar a garantia de que eu pudesse voltar ao Brasil sem sofrer represálias. Só tomei conhecimento disso, mais tarde, quando o processo já se desencadeara. Mantive-me neutro mas interessado no desfecho positivo dessas gestões que envolveram algumas cabeças de ditadura. A resposta foi não. Mas eu já estava cansado do exílio, com dois filhos doentes no Brasil, e uma saudade insuportável. Voltei, fui levado para o DOI-Codi, submetido a um interrogatório de 72 horas ininterruptas, acarações e ameaças (ameaçavam seqüestrar um de meus filhos internado numa clínica psiquiátrica). E eles sabiam tudo o que desejavam ouvir de mim. No final, explicaram: foi pra você não pensar que podia voltar assim, de graça. De qualquer modo, devo ao *Poema sujo* o fim antecipado do meu exílio.

para que, por sua vez, estas acussem ainda outras, longínquas e insuspeitadas, dentro de um secreto e feito exato mecanismo de associações. Assim tem o poeta em seu tempo um outro tempo, "como uma coisa está em outra".

Busco acima descrever, ainda que pela rama, o que pode ter sido um quadro da concepção do *Poema sayo*, de Ferreira Gullar. Não tenho dúvida de que o poeta ficou muito, mas muito tempo olhando para trás, finalmente descobrindo que sua São Luís do Maranhão é maior do que é, que há muitas cidades numa cidade, como há nela muitas vozes, "muitos dias há num só". Para não perder a essas vozes todas era preciso um poema simfônico, era preciso reger essas palavras todas. O *Poema sayo* nasce assim um poema do *simulâneo* para poder ser, de muitos modos, essencialmente dialético.

A dialética de Gullar não está aqui determinada pelo cálculo frio (que não poderia habitar sua linguagem apaixonada); é, ainda assim, rigorosa e radical. Ao olharem para trás, os olhos de hoje não recortam o singular de seu amplo quadro geral, onde e pelo qual tem sentido. Gullar tem a certeza de que as vozes pessoais de sua cidade somam, em conjunto, mais que a adição simples: somam a superação de si mesmas. São Luís do Maranhão conserva sempre a identidade própria, mas os limites geográficos, transcendidos pela poesia, alcançam também o Rio, e Buenos Aires, onde esteja aquele que a recorda: "a cidade está no homem". O espaço e o tempo poético tornam permeáveis o espaço e o tempo empíricos. Se a cidade da infância pode reviver no quarto do exílio, em outro tempo e em outro país, a distância do aqui e do agora integra a memória e, através dela, a própria cidade. Transfundindo-se, o ser de ontem e o de hoje são um único e vivo diálogo, garantia essencial de ambos.

O *Poema sayo* tem uma história dentro da obra de Gullar, culmina uma série de poemas já comprometidos com a melhor função da memória, dos quais é síntese e desdobramento. Mas nem sempre o poeta foi o vencedor desse desafio: no poema 'Praia do Caju', por exemplo, o ceticismo se impunha absoluto:

"O que passou passou.
Jamais acenderás de novo
o lume
do tempo que apagou."

Ficou, no entanto, a imagem do fogo, da luz, que no *Poema sayo* voltaria reiteradamente identificada com a linguagem, com a poesia, com a potente revelação:

"O *relâmpago clareia* os continentes passados"
(...)

"(...) nalgum ponto do corpo (do teu? do meu
corpo?)

Ampeija
o jasmim"
(...)

"Desce profundo o *relâmpago*
de tuas águas em meu corpo"

E no exemplo abaixo está o compromisso essencial:

"outro homem
se faz

para que não se extinga
o fogo
na cozinha da casa"

O *Poema sayo* nasce, aliás, de um "claro claro/mas que claro" que é a antítese daquele "turvo turvo" a princípio designador do passado em sua resistência. Justamente para não escamotear essa dificuldade essencial, que está no eterno paradoxo do passado-vivo, Gullar encara um outro paradoxo, interior à enunciação: o da própria imagem, reconhecida portadora de presença e ausência. Desta forma, mesmo nos eventuais momentos em que a linguagem está preocupada consigo

(isto é, com o intervalo entre a sua natureza e a das coisas), ela acaba sendo fiel ao seu tema de eleição: há uma igualmente misteriosa distância entre o passado e o presente no mesmo homem. O tema de toda evocação corre sempre o risco de se converter no da simples *disjuncão*. Na "Canção do exílio" de Gonçalves Dias, a oposição entre o "eu" e o "lá" só era abrandada ao nível da sonoridade, das simetrias rítmicas; trata-se, afinal, de um poema romântico, onde a idéia da impossibilidade só encarece o objeto impossível. A consciência crítica, que se instala no interior do poema moderno, implica alguma redução desse espaço inocente: a distância instiga uma superação. Se é impossível trazer o passado pelo puro nome, é também impossível deixar de reviver algo dele ainda que com apenas um nome: São Luís do Maranhão, por exemplo. Nome que poderia ser outros, que geram terceiros, que geram ainda outros: não há limite para a memória poética. Da mesma forma (e aqui entra a consciência mais aguda), não há limite para a experiência vivida, aparentemente finita e encerrada: enquanto o corpo vivia sua sorte particular, trazendo para a consciência o eixo de gravidade do mundo, outros corpos, outras consciências deslocavam outros eixos, outros mundos. Já em outro tempo, a consciência vai se esclarecer sobre o que foram suas perdas, isto é, suas inconsciências. Para resgatá-las em parte (e ao ser onde se instalaram) nasce a linguagem da poesia. O que era distância torna-se também presença. Não admira que o *Poema sábio*, um poema da memória, tenha escolhido o *presentar* como tempo verbal predominante.

O que parece ter sido já a receita final apenas se revela como um início, e um início problemático: "mão do sopra/contra o muro/escuro". A presentificação é um processo ambíguo: se objetivamente é o *eu* que se desloca para o passado, poeticamente é o passado que impõe sua contemporaneidade. Ao nome não cabe resolver essa ambigüidade, mas fundá-la:

"está comigo está
perdido comigo
em alguma gaveta"

270

O que está claro e oculto no passado está claro e oculto na linguagem. O *Poema sábio* é, a todo instante, a experiência dessa substanciação, qualidade da poesia mais alta. Com isso ele se impõe em nosso tempo de agora, quando a metalinguagem pura e a poesia fingidamente inocente com frequência se polarizam em poéticas excludivas. Entre o tema lamentoso (que pode fazer de uma canção do exílio uma canção *sórrrr* o exílio, isto é, conformista e perpetuadora da distância) e a altriva "ausência" de tema (que só pode se reduzir ao tema-linguagem) Gullar prefere optar pela consciência presente e crítica do passado. *Desfaz-se*, assim, do possível pecado do só recordar: o passado está vivo, de novo. Ao mesmo tempo que indaga:

"mas que importa um nome"

registra:

"quanta coisa se perde
nesta vida"

Fica a resposta sutilmente implícita. Ao mesmo tempo que o *eu* passeia tão corporalmente "por avenidas e vaginas entre cheiros de gás" está também "acima do arco-íris/ perfeitamente fora/ do rigor cronológico/ sonhando". No tempo do poema cabem muitos tempos: o tempo em que "a poesia não existia ainda", tempo adâmico das coisas e palavras soltas ("Plantas, Bichos, Cheiros, Roupas, Olhos, Braços"), e o tempo em que o poeta "soube depois: fala humana, voz del/ gente, barulho escuro do corpo, intercotado de relâmpagos". No corpo do homem (e no poema, que o imita) cabe *nada*:

"meu corpo-galáxia aberto a tudo cheio
de tudo como um monturo
de trapos sujos latas velhas colchões usados sinfonias
sambas e frevos azuis
de Fra Angelico verdes
de Cézanne
matéria-sonho de Volpi"

271

A *simultaneidade* passa a ser, por isto, uma espécie de obsessiva natureza do corpo, uma obsessiva necessidade de participação do corpo em todas as coisas, as sujas e as belas (as sujas e belas). Sonho definitivamente impossível? Nem tanto: se há muitos tempos num só tempo, há também muitos homens num só homem, muitas palavras numa palavra. Assim, depois de reconhecer a natureza de um "corpo-galáxia" – universal –, pode reconhecer, como um *arrábitano*, seu próprio

"corpo
 nordestino
 mais que isso
 maranhense
 mais que isso
 santusense
 mais que isso
 ferreirense
 newtoniense
 alizarense"

Determinado, localizado, filiado, o homem é *concreto* e é, assim, *mais*. No *Poema sigilo* acompanhamos o crescimento desse "corpo nascido (...) sob o signo de Virgo", detalhado e detalhando as experiências vividas no passado e as tornadas vivas no presente da consciência. No ensaio "O encontro dos tempos" de *O ser e o tempo da poesia* (onde aliás nos é revelada a etimologia da palavra concreto = crescer junto), Alfredo Bosi lembra aquela linguagem cuja instância poética "parece tirar do passado e da memória o direito à existência; não de um passado cronológico puro – o dos tempos já mortos –, mas de um passado cujas dimensões míticas se atualizam no modo de ser da infância e do inconsciente". E se há um tempo concreto para o mito, este é o da poesia.

Parece que esse grau de concreção, uma vez e tão plenamente atingido, liberou o poeta Ferreira Gullar de dilemas antigos que, se se resolviam em bons poemas, não lhe abriam muitos caminhos para o futuro de sua poesia. Houve um Gullar destruído entre palavras

destruídas, as quais, em nome de equívoca concreção, levavam porém uma extrema abstratização (pior para a práxis, pior para a poesia). Mas o poema "Uma fotografia aérea" trazia já o homem simultaneamente atento, em seu quarto, a si mesmo, ao ronco do motor de um avião antigo, à sua "Cambria na febre" sobrevoada, à fotografia aérea da cidade, ao poema, à folha que ele mesmo sobrevoa:

"aquí está
 (no papel)
 uma tarde que houve
 com suas ruas e casas"

No mesmo poema, a certeza ainda de que há uma cidade desdobrada

"em cada corpo em cada
 habitante
 dentro
 de cada coisa
 clamando em cada casa"

É a obsessão de reconhecer, mesmo na "visão aérea", não o panorâmico, mas o particular. Sabe a visão aérea, é distante e ilusória, abstrata. No *Poema sigilo* Gullar pesquisa nos talhetes que se perderam pelos vãos do assaolho sua própria e precisa identidade; cada canto de pássaro é uma história, história do prossaco da gaiola ou história dos guerreiros e das matas; cada barata surpreendida entre plantas é a surpresa e a descoberta no rosto que, desta forma, se recompõe. Se é verdade que a morte de José Ribamar Ferreira determina que "muito pequenas coisas acontecidas no planeta/ estado esquecidas para sempre", também é verdade que sem essas "muito pequenas coisas" não teria existido Ferreira Gullar. Daí seu desprezo por aquele americano, "hipotético passageiro da Brannif", no alto de seu voo turístico: "nada disso vera".

Sua proximidade real com as pessoas e as coisas é a proximidade com os múltiplos modos de ser de cada uma: seu sentido maior. Por isso surpreende sempre em cada forma a *vida bruta*, *topos* de seu longo poema. Ou seja: a vida não está simplesmente *dentro* das coisas, como que paralisada; a vida, explodindo ou prestes a explodir, é uma emergente revolução. Este sentido reiterado de inúmeras imagens gullarianas é também o de sua poética geral: os nomes revelam, sob um *estar enganoso*, um *ser* essencial (reconhecível qualidade da melhor lírica). Não se trata mais de *eliminar* alguma revolução; trata-se de efetivamente tocá-la em cada coisa subjugada por algum mascaramento e realizá-la, ao nível expressivo, pela segura consciência disso.

Um levantamento completo dessas imagens da *interioridade* da *consciência*, da *impulsão* seria exaustivo, mas há ilustrações suficientemente expressivas:

"bicho que o universo fabrica e vem sonhando desde as entranhas";

"formigas brotando aos milhões negras como galfadas dentro da parede";

"esse coração oculto/ pulsando no meio da noite, da neve, da chuva/ debaixo da capa, do paletó, da camisa/ debaixo da pele, da carne";

"e a natureza fecha/ os olhos coloridos/ guarda seus bichos/ entre as pernas, põe as aves dentro dos frutos";

"o punho fechado da água dentro dos canos";

"o punho fechado da vida dentro da lama";

"uma alegria ainda que suja e secreta";

O *avesso* está sempre surgindo como conspiração, é quase sempre surpreendido no pleno esforço para despretender-se do que o contém. A simultaneidade atinge uma dialética. Coisas contidas (pela mediação, pela casca aparente, pelo sectarismo, pelo fácil da máscara...) *não são* o que as aplaca e abstrai. Lembram aqueles "pássaros pássaros", "que só os guerreiros conhecem", vistos pelos olhos identi-

ficados com os da natureza e tornados, assim, idênticos a si mesmos: "pássaros pássaros".

Mas o *Poema seja*, poema crítico e não idílico, suporta forte tensão entre o ritmo tantas vezes solto da linguagem febril e o rigor dialético que sempre retorna com aquela preocupação de revelar simultaneamente o presente e o passado, o todo e a parte, o geral e o particular. Tensão que se polariza, por exemplo, nos detalhes líbricos, de um lado (paixão, libertinagem, impulsos do corpo) e, de outro, nas simetrias desenvolvidas mais cerebralmente a partir da idéia central: uma coisa está em outra. A qualidade do *seja* torna-se assim ela mesma complexa e cambiável: para o lirismo puro, *seja* (impulso) é o próprio rigor da dialética, sempre se arriscando à ideologização; para essa dialética (e para os compromissos críticos a que atende) *seja* poderá ser a entrega da fala ao ritmo do corpo que, uma vez solto, revive o pecado adolescente, a vagina da namorada, o *coquetismo* alimentado pelo sargento "que trepava de janela aberta". Daí decorre um movimento ondulatório no *Poema seja*, movimento que vai do corpo para a consciência e desta para o corpo. Sabemos o quanto esse movimento é crítico e como, modernamente, ele toma uma feição especial, em contato com o assédio de toda espécie de propaganda, de moralismo de má-consciência. Incorporando-o ao seu poema, Gullar se reconhece e a nós mesmos; revelando-nos sua natureza complexa, torna-o concreto e indissimulado.

Mas esse movimento parece ter raiz também na oscilação pendular do passado/presente. O *passado*, propriamente (isto é, os fatos e as emoções mais coladas à experiência vivida), tende a ser enunciado com maior calor; mas há um outro tempo, que sem exatidão podemos chamar de *presente*, onde se aloja a consciência mais avaliadora, mais ponderada. Exemplificando o primeiro caso:

"No capinzal escondido

naquele capim que era abrigo e afeto

feito cavalo sentido sentido

o cheiro da terra o cheiro

verde do mato otravo do cheiro novo
do mato novo da vida
vida das coisas
verdes vivendo

longe daquela mobília onde só vive o passado
longe do mundo da morte da doença da vergonha
da traição das cobranças à porta,

ali
bebendo a saúde da terra e das plantas,
buscando

em mim mesmo a fonte de uma alegria
ainda que suja e secreta
o cuspo morno a delícia
do próprio corpo no corpo
e num movimento terrestre
no meio do capim,
celestes o bicho que enfim alça vôo
e tomba”

Ilustrando agora o segundo caso:

“O homem está na cidade
como uma coisa está em outra
e a cidade está no homem
que está em outra cidade

mas variados são os modos
como uma coisa
está em outra coisa:
o homem, por exemplo, não está na cidade
como uma árvore está
em qualquer outra
nem como uma árvore
está em qualquer uma de suas folhas

(mesmo rolando longe dela)
O homem não está na cidade
como uma árvore está num livro
quando um vento ali a folheia”

.Sajo pela composição das diferenças, pelas águas revolvidas, pelo
estilo que vai da mão solta no papel à cadência rigorosa de uma
avaliação, sujo é o poema moderno em seu passo crítico. Mas sajo,
também porque participa de uma história não-oficial, secreta, que
soma a consciência abafada e o corpo prisioneiro de vontades caladas.
Dentro do moderno iluminismo de propaganda das efígies, a esfinge
da poesia é cada vez mais seu reverso; suja, como signo de outra pureza.

[1979]

POEMA SUJO
(1975)



tuvo tuvo

a turva

não do sopra

contra o muro

escuro

menos menos

menos que escuro

menos que mole e duro menos que fosso e muro: menos que furo

escuro

mais que escuro:

claro

como água? como pluma? claro mais que claro claro: coisa alguma
e tudo

(ou quase)

um bicho que o universo fabrica e vem sonhando desde as entranhas

azul

era o gato

azul

era o galo

azul

o cavalo

azul

teu cu

tua gengiva igual a tua bocetinha que parecia sorrir entre as folhas de
banana entre os chieiros de flor e bosta de porco aberta como uma boca
do corpo (não como a tua boca de palavra) como uma entrada para

eu não sabia tu
não sabias
fazer girar a vida
com seu montão de estrelas e oceano
entrando-nos em ti

belu bela
mais que bela
mas como era o nome dela?
Não era Helena nem Vera
nem Nara nem Gabriela
nem Tereza nem Maria
Seu nome seu nome era...

Perdeu-se na carne fria
perdeu-se na confusão de tanta noite e tanto dia
perdeu-se na profusão das coisas acontecidas
constelações de alfabeto
noites escritas a giz.

pastilhas de aniversário
domingos de futebol
enterros consos comícios
roleta bilhar basalto

mudou de cara e cabelos mudou de olhos e risos mudou de casa
e de tempo: mas está comigo está
perdido comigo
teu nome
em alguma gaveta

Que importa um nome a esta hora do anoitecer em São Luís
do Maranhão à mesa do jantar sob uma luz de febre entre irmãos
e pais dentro de um enigma?

mas que importa um nome
debaixo deste teto de telhas encardidas vigas à mostra entre
cadeiras e mesa entre uma cristalreira e um armário diante de

garfos e facas e pratos de louças que se quebraram já
um prato de louça ordinária não dura tanto
e as facas se perdem e os garfos
se perdem pela vida caem
pelas falhas do assoalho e vão conviver com ratos
e baratas ou enferrujam no quintal esquecidos entre os pés de erva-
[cidreira

e as grossas orelhas de hortelã
quanta coisa se perde
nesta vida
Como se perdeu o que eles falavam ali
mastigando

misturando feijão com farinha e nacos de carne assada
e diziam coisas tão reais como a toalha bordada
ou a tosse da tia no quarto
e o clarão do sol morrendo na platibanda em frente à nossa
janela

tão reais que
se apagaram para sempre
Ou não?

Não sei de que tecido é feita minha carne e essa vertigem
que me arrasta por avenidas e vaginas entre cheiros de gás
e mijo a me consumir como um facho-corpo sem chama,

ou dentro de um ônibus
ou no bojo de um Boeing 707 acima do Atlântico
acima do arco-íris

perfeitamente fora
do rigor cronológico
sonhando

Garfos enferrujados facas cegas cadeiras furadas mesas gastas
balcões de quitanda pedras da Rua da Alegria beirais de cassas
cobertos de limo muros de musgos palavras ditas à mesa do
jantar,

voais comigo
sobre continentes e mares
E também rastreais comigo
pelos túneis das noites clandestinas
sob o céu constelado do país
entre fulgor e lepra
debaixo de lençóis de lama e de terror
vos esgueirais comigo, mesas velhas,
armários obsoletos gavetas perfumadas de passado,
dobrais comigo as esquinas do susto
e esperais esperais
que o dia venha

E depois de tanto
que importa um nome?

Te cubro de flor, menina, e te dou todos os nomes do mundo:
te chamo aurora
te chamo água

te descubro nas pedras coloridas nas artistas de cinema
nas aparições do sonho

– E esta mulher a tossir dentro de casa!
Como se não bastasse o pouco dinheiro, a lâmpada fraca,
o perfume ordinário, o amor escasso, as gotceiras no inverno.
E as formigas brotando aos milhões negras como golfinhas de
dentro da parede (como se aquilo fosse a essência da casa)
E todos buscavam

num sorriso num gesto
nas conversas da esquina
no coito em pé na calçada escura do Quartel
no adultério
no roubo
a decifração do enigma

– Que faço entre coisas?
– De que me defendo?

Num cofo no quintal na terra preta cresciam plantas e rosas
(como pode o perfume
nascer assim?)

Da lama à beira das calçadas, da água dos esgotos cresciam
pés de tomate

Nos beirais das casas sobre as telhas cresciam capins
mais verdes que a esperança
(ou o fogo
de teus olhos)

Era a vida a explodir por todas as fendas da cidade

sob as sombras da guerra:
a gestapo a wehrmacht a raf a fcb a blitzkrieg catalinas
torpedamentos a quinta-coluna os fascistas os nazistas os comunistas
o repórter isso a discussão na quitanda o querosene o sabão de andiroba
o mercado negro o racionamento o blackout as montanhas de metais
velhos o italiano assassinado na Praça João Lisboa o cheiro de pólvora
os canhões alemães troando nas noites de tempestade por cima da
nossa casa. Stalingrado resiste.

Por meu pai que contrabandeava cigarros, por meu primo que passava
rifa, pelo tio que roubava estanho à Estrada de Ferro, por seu Neco
que fazia charutos ordinários, pelo sargento Gonzaga que tomava
tiquita com mel de abelha e trepava com ajancela aberta,

pelo meu carneiro manso
por minha cidade azul
pelo Brasil salve salve,

Stalingrado resiste.

A cada nova manhã

nas janelas nas esquinas na manchete dos jornais

Mas a poesia não existia ainda.
Plantas. Bichos. Cheiros. Roupas.
Olhos. Braços. Seios. Bocas.
Vidraça verde, jasmim.
Bicicleta no domingo.
Papagaios de papel.
Retreta na praça.
Luto.
Homem morto no mercado
sangue humano nos legumes.
Mundo sem voz, coisa opaca.

Nem Bilac nem Raimundo, Tuba de alto clangor, lira singela?
Nem tuba nem lira grega. Sobe depois: fala humana, voz de
gente, barulho escuro do corpo, intercoartado de relâmpagos

Do corpo. Mas que é o corpo?

Meu corpo feito de carne e de osso.

Esse osso que não vejo, maxilares, costelas,
flexível armação que me sustenta no espaço
que não me deixa desabar como um saco
vazio

que guarda as vísceras todas
funcionando

como retortas e tubos

fazendo o sangue que faz a carne e o pensamento
e as palavras

e as mentiras

e os carinhos mais doces mais sacanas
mais sentidos

para explodir como uma galáxia

de leite

no centro de tuas coxas no fundo
de tua noite ávida

cheiros de umbigo e de vagina
graves cheiros indecifráveis
como símbolos

do corpo

do teu corpo do meu corpo

corpo

que pode um sabre rasgar

um caco de vidro

uma navalha

meu corpo cheio de sangue

que o irriga como a um continente

ou um jardim

circulando por meus braços

por meus dedos

enquanto discuro caminho

lembrando relembrando

meu sangue feito de gases que aspiro

dos céus da cidade estrangeira

com a ajuda dos plátanos

e que pode – por um descuido – esvaír-se por meu

pulso

aberto

Meu corpo

que detado na cama vejo

como um objeto no espaço

que mede 1,70m

e que sou eu: essa coisa

deitada

barriga pernas pés

com cinco dedos cada um (por que

não seis?)

jcoelhos e tornozelos

para mover-se
sentar-se
levantar-se

meu corpo de 1,70m que é meu tamanho no mundo
meu corpo feito de água
e cinza
que me faz olhar Andrômeda, Sírius, Mercúrio
e me sentir misturado
a toda essa massa de hidrogênio e hélio
que se desintegra e reintegra
sem se saber pra quê

Corpo meu corpo corpo
que tem um nariz assim uma boca
dois olhos
e um certo jeito de sorrir
de falar

que minha mãe identifica como sendo de seu filho
que meu filho identifica
como sendo de seu pai
corpo que se pára de funcionar provoca
um grave acontecimento na família:
sem ele não há José Ribamar Ferreira
não há Ferreira Gullar
e muitas pequenas coisas acontecidas no planeta
esquecidas para sempre

corpo-facho corpo-fátuo corpo-fato
atravessado de cheiros de galinheiros e rato
na quitanda ninho
de rato
cocô de gato

sal azinhavre apapato
brilhantina anel barato
língua no cu na boceta cavalo-de-crista chiato
nos pentelhos
corpo meu corpo-falo

insondável incompreendido
meu cão doméstico meu dono
cheio de flor e de sono
meu corpo-galáxia aberto a tudo cheio
de tudo como um monstro
de trapos sujos laranjas velhas colchões usados sinfonias
sambas e frevos azuis
de Fra Angelico verdes
de Cézarne
matéria-sonho de Volpi

Mas sobretudo meu
corpo

nordestino

mais que isso

maranhense

mais que isso

santusense

mais que isso

ferreirense

newtoniense

alziense

meu corpo nascido numa porta-e-janela da Rua dos Prazeres
ao lado de uma padaria

sob o signo de Virgo

sob as bulas do 2.º BC

na revolução de 30

e que desde então segue pulsando como um relógio
num tic-tac que não se ouve

(senão quando se cola o ouvido à altura do meu coração)
tic tac tic tac
enquanto vou entre automóveis e ônibus
entre vitrinas de roupas
nas livrarias
nos bares
tic tac tic tac
pulsando há 45 anos
esse coração oculto
pulsando no meio da noite, da neve, da chuva
debaixo da capa, do paleró, da camisa
debaixo da pele, da carne,
combatente clandestino aliado da classe operária
meu coração de menino

claro claro
mais que claro
raro
o relâmpago clareia os continentes passados:
noite e jasmim
junto à casa

vozes perdidas na lama
domingos vazios

água sonhando na tina
pátria de mato e ferrugem

busca de cobre e alumínio
pelos terrenos baldios
economia de guerra?
pra mim
torresmo e cinema

Sozinho naquele
desaguadouro de rio
sob o sol duro do trópico
sozinho na tarde no planeta na história
arrastando camarão
com um cofo de palha
quê

que eu buscava ali?
Houvera a guerra de Tróia?
Homero Dante Boccaccio?
Já nascera a geometria?

Só tijuco e água salgada
só bagres e bacacús
ateia sol vento e chuva
e as velas coloridas
dos barcos pela baía:
 que perguntava eu ali
com aquele cofo nas mãos
sob o sol do Maranhão?
Não era o sol de Laplace
nem era a ilha geográfica:
 era o sol
 o sol apenas
 com cheiro de lama podre
 e cheiro de peixe e gente
 corvina serra cação
papistas comendo merda
na suída do bureiro
pátria de sal e ferrugem
que é que eu buscava ali
caminhando pelos trilhos
 à toa
 saltando dormentes
 vadeando pelo córrego
 raso de limo supos garrafas
 cheias de lama canos
 onde moravam peixes-sabão
 andando
sem rumo entre vagões rodias
de trem cixos leprosos
caixas de rolamento
abandonadas cheias
de terra ferrugem graxa
capim coberto de óleo

14

Que me ensinavam essas aulas
de solidão
entre coisas da natureza
e do homem?
 O alto galpão de zinco
clarões de solda
 operários na penumbra
paredes negras de fumo
Não era uma casa: uma casa
tem cadeiras mesas poltronas
 Um templo
seria? mas
sem nichos sem altar sem santos?
Que era aquilo-uma-usina?
onde a tarde se fazia
com faíscas de esmeril calor de forja
onde a tarde era outra
tarde
que nada tinha daquela
que eu via agora distante
para além da via férrea
além do cais
além das águas do Anil, lá
cega de sol por detrás das ruínas
do Forte da Ponta d'Arceia
na entrada da baía
Quantas tardes numa tarde!
e era outra, fresca,
debaixo das árvores boas a tarde
na praia do Jenipapeiro
 Ou do outro lado ainda
a tarde maior da cidade

15

amontoadada de sobrados e mirantes
ladeiras quintais quitandás
hortas jirauis galinheiros
ou na cozinha (distante) onde Bizuza
prepara o jantar
e não canta

ah quantas só numa
tarde geral que cobre de nuvens a cidade
tecendo no alto e conosco
a história branca
da vida qualquer

ah ventos supriando verdes nas palmeiras dos Remédios
gramas crescendo obscuras sob meus pés
e dentro da tarde a tarde-
locomotiva
que vem como um paquiderme
de aço
tarde pesada
maxilares cerrados cabeça zinzindo
uma catedral que se move
envolta em vapor
bufando pânico
prestes
a explodir

tchi tchi
trá trá trá
tará TARÁ TARÁ TARÁ
tchi tchi tchi tchi tchi
TARÁ TARÁ TARÁ TARÁ TARÁ TARÁ

lá vai o trem com o menino
lá vai a vida a rodar
lá vai ciranda e destino
cidade e noite a girar
lá vai o trem sem destino
pro dia novo encontrar
correndo vai pela terra
vai pela serra
vai pelo mar

cantando pela serra do luar
correndo entre as estrelas a voar
no ar

piuíf piuíf piuí
no ar
piuíf piuíf piuíf
adeus meu grupo escolar
adeus meu anzol de pescar
adeus menina que eu quis amar
que o trem me leva e nunca mais vai parar

VAARÁ VAARÁ VAARÁ VAARÁ
tuc tchuc tuc tchuc tuc tchuc

brisa branca brisa fria
cinzentura quase dia

RUÍ RUÍ RUÍ RUÍ
tuc tchuc tuc tchuc tuc tchuc
lará lará larará

lará lará lará
lará lará lará
lará lará lará lará lará lará
lará lará lará
lará lará lará

IUI IUI IUI IUI IUI
iui iui iui iui iui iui

sáimos de casa às quatro
com as luzes da rua acesas

meu pai levava a mala
eu levava uma sacola

rumamos por Afogados
outras ladeiras e ruas

o que pra ele era rotina
para mim era aventura

quando chegamos à gare
o trem realmente estava

ali parado esperando
muito comprido e chiava

entrámos no carro os dois
eu entre alegre e assustado

meu pai (que já não existe)
me fez sentar ao seu lado

talvez mais feliz que eu
por me levar na viagem

meu pai (que já não existe)
sorria, os olhos brilhando

VAARÁ VAARÁ VAARÁ VAARÁ

tchuc tchuc tchuc
tchuc tchuc tchuc

TRARÁ TRARÁ TRARÁ
TRARÁ TRARÁ TRARÁ

ultrapassamos a noite
quando cruzamos Perizes
era exatamente ali
que principiava o dia

VAARÁ VAARÁ VAARÁ
VAARÁ VAARÁ VAARÁ

e ver que a vida era muito
espalhada pelos campos
que aqueles bois e marrecos
existiam ali sem mim
e aquelas árvores todas
águas capins nuvens — como
era pequena a cidade!

E como era grande o mundo:
há horas que o trem corria
sem nunca chegar ao fim
de tanto céu tanta terra
de tantos campos e serras
sem contar o Piauí
já passamos por Rosário

por Vale-Quem-Tem, Queiru,
Passamos por Pirapemas
e por Itapicuru:
mundo de bois, siriemas,
jaçaná, pato e nhambu
café com pão

bolacha não
café com pão
bolacha não

vale quem tem

vale quem tem

vale quem tem

vale quem tem

quem não tem

nada vale

nada não vale

nada vale

quem nada

tem

neste vale

nada

vale

nada

vale

quem

não

tem

nada

no

v

a

i

e

TCHIBUM!!!

Muitos
muitos dias há num dia só
porque as coisas mesmas

os compõem

com sua carne (ou ferro

que nome tenha essa

matéria-tempo

suja ou

não)

os compõem

nos silêncios aparentes ou grossos

como colchas de flanela

ou água vertiginosamente imóvel

como

na quinta dos Medeiros, no poço

na quinta

coberto pela sombra quase pânica

das árvores

de galhos que subiam mudos

como enigmas

tudo parado

feito uma noite verde ou vegetal

e de água

muito embora em cima das árvores

por cima

lá no alto

resvalando seu costado luminoso nas folhas

passasse o dia (o século

XX)

e era dia
como era dia aquele
dia
na sala de nossa casa
a mesa com a toalha as cadeiras o
assualho muito usado
riso claro de Lucinha se embalando na rede
com a morte já misturada
na garganta
sem que ninguém soubesse
- e não importa -
que eu debruçado no parapeito do alpendre
via a terra preta do quintal
e a galinha ciscando e bicando
uma barata entre plantas
e neste caso um dia-dois
o de dentro e o de fora
da sala
um às minhas costas o outro
diante dos olhos
vazando um no outro
através de meu corpo
dias que se vazam agora ambos em pleno coração
de Buenos Aires
às quatro horas desta tarde
de 22 de maio de 1975
trinta anos depois
muitos
muitos são os dias num só dia
fácil de entender
mas difícil de penetrar
no cerne de cada um desses muitos dias
porque são mais do que parecem

22

pois
dias outros há
ou havia
naquele dia do poço
da quinta
também dentro e fora
porque não é possível estabelecer um limite
a cada um desses
dias de fronteiras impalpáveis
feitos de - por exemplo - frutas e folhas
frutas que em si mesmas são
um dia
de açúcar se fazendo na polpa
ou já se abrindo aos outros dias
que estão em volta
como um horizonte de trabalhos infinitos;
porque a poucos passos
do poço
acima da ladeira de terra
na rua sem árvores
donde vim há pouco
passa gente e carroça
ou alguém grita na janela
enquanto um pássaro cruza (possível-
mente)
por sobre nós
um urubu talvez
deriva na direção da Cambou
leve sobre o vasto capinzal e para além da estrada de ferro
por cima das palhoças na lama
e lá detrás a fábrica
assentada numa plataforma fumegante de cinza e detritos
de algodão

23

um urubu
que é ele mesmo um dia preto farejando carniça
e na carniça
junto do Matadouro
que fede
o dia (um dia) apodrece
envolvendo o dia
dos moradores das palafitas
e o dia do urubu
e o da lata de azeite Sol Levante
que sobre três pedras
no chão de terra batida da palhoça
onde mora Esmagado
ferve
com arroz-de-toucinho
para o almoço
e todos esses dias enlaçados como anéis de fumaça
girando no cata-vento
esgarçando-se nas nuvens
e o alarido das pipiras na sapoteira
às seis da tarde
ou
no cubo de sombra e vertigem
da água
do dito poço
da dita quinta
que os anos não trazem mais

E trazem cada vez mais
por ser alarme agora em minha carne
o silêncio daquela água
por ser clarão
a sua sombra
debaixo das minhas unhas

como então sob as folhas com açúcar e luz
pingar de água
um pio
um sopro de brisa
sem pressa
e por todas as partes
se fabricava a noite
que nos envenenaria de jasmim

E a noite mais tarde pronta passaria aos trambolhões
com sua carruagem negra
batendo ferros
feito um trem
pela Costela do Diabo
com seu cortejo de morcegos

Era impossível distinguir
com a pouca luz que havia
como eram seus cavalos
seu condutor seu chicote
a cavalgar no meu sono
sem o testemunho dos irmãos

Numa noite há muitas noites
mas de modo diferente
de como há dias
no dia
(especialmente nos bairros
onde a luz é pouca)
— porque de noite
todos os fatos são pardos
e a natureza fecha
os olhos coloridos
guarda seus bichos
entre as pernas, põe as aves dentro dos frutos

e imobiliza todas as águas
embora fique urinando
escondido
em vários pontos da quinta
tão suave que quase ninguém ouve as folhas de tujá

E assim as muitas noites
parecem uma só
ou no máximo duas:
sendo a outra
a noite de dentro de casa
iluminada a luz elétrica
A noite adormece as galinhas
e põe a funcionar os cinemas
aciona
os programas de rádio, provoca
discussões à mesa do jantar, excessos
entre jovens que se beijam e se esfregam
junto à cancela
no escuro
e quando o tédio é muito decidem casar
(menos, por exemplo,
Maria do Carmo
que entregava os peitos enormes
pros soldados chuparem
na Avenida Silva Maia
sob os oitizeiros
e deixava que eles esporrassem
entre suas coxas quentes (sem
meter)
mas voltava para casa
com ódio do pai
e malsatisfeita da vida)

De noite, porque
a luz é pouca,
a gente tem a impressão
de que o tempo não passa
ou pelo menos não escorre
como escorre de dia:
como se se desse uma interrupção
para o dr. Baccelar fazer uma palestra
no Grémio Litero-Recreativo Português
uma interrupção
para que os operários da fábrica Cambaia
descansem um pouco
e se reproduzam nas redes
ou nas estircas
se amando sem muito alarde
para não acordar os filhos que dormem no mesmo quarto

Como se o tempo
durante a noite
ficasse parado junto
com a escuridão e o cisco
debaixo dos móveis e
nos cantos da casa
(mesmo dentro
do guarda-roupa,
o tempo,
pendurado nos cabides)

E essa sensação
é ainda mais viva
quando a gente acorda tarde
e depara com tudo claro
e já funcionando: pássaros
árvores vendedores de legumes

Mas também
quando a gente acorda cedo e fica
deitado assuntando
o processo do amanhecer:
os primeiros passos na rua
os primeiros
ruídos na cozinha
até que de galo em galo

um galo
rente a nós
explode
(no quintal)
e a torneira do tanque de lavar roupas
desanda a jorrar manhã

A noite nos faz ceter
(dada a pouca luz)
que o tempo é um troço
auditivo.
Concluídos os afazeres noturnos
(que encheram a casa de rumores,
inclusive as últimas conversas no quarto)
quando enfim a família inteira dorme -
o tempo se torna um fenômeno
micramente químico
que não perturba
propicia) (antes
o sono.

Não obstante,
alguém que venha da rua
- tendo caminhado sob a fantástica imobilidade

da Vis-Látrea -
pode ter a impressão,
diante daqueles corpos adormecidos,
de que o universo morreu
(quando de fato
em todas as torneiras da cidade
a manhã está prestes a jorrar)

Menos, claro,
nas palafitas da Baixinha, à margem
da estrada de ferro,
onde não há água encanada:
ali
o clarão contido sob a noite
não é
como na cidade
o punho fechado da água dentro dos canos:
é o punho
da vida
fechada dentro da lama

Já por aí se vê
que a noite não é a mesma
em todos os pontos da cidade;
a noite

não tem na Baixinha
a mesma imobilidade
porque a luz da lamparina
não hipnotiza as coisas
como a eletricidade

hipnotiza:
embora o tempo ali também não escorra,
não flui: bruxalicia
se debate
numa gaiola de sombras.

Mas o que mais distancia
essa noite da Baixinha
das outras
é o cheiro: melhor dizendo
o mau cheiro
que ela tem como certos animais
na sua carne de lodo

e daí poder dizer-se
que a noite na Baixinha
não passa, não
transcorre:
apodrece

Numa coisa que apodrece
- tomemos um exemplo velho:

uma péra -

o tempo
não escorre nem grita,

antes

se afunda em seu próprio abismo,
se perde

em sua própria vertigem,

mas tão sem velocidade

que em lugar de virar luz vira
escuridão;

o apodrecer de uma coisa
de fato é a fabricação
de uma noite:

seja essa coisa

uma péra num prato seja
um rio num bairro operário

Daf por que na Baixinha
há duas noites metidas uma na outra: a noite
sub-urbana (sem água

encanada) que se dissipa com o sol

e a noite sub-humana

da lama

que fica

ao longo do dia

estendida

como graxa

por quilómetros de mangue

a noite alta

do sono (quando

os operários sonham)

e a noite baixa

do lodo embaixo

da casa

noite metida na outra

como a língua na boca

eu diria

como uma gaveta de armário

metida no armário (mas

embaixo: o membro na vagina)

ou como roupas pretas

sem uso dentro da gaveta

ou como uma coisa suja

(uma culpa)

dentro de uma pessoa

enfim como

uma gaveta de lama

dentro de um armário de lama,

assim

talvez fosse a noite na Baixinha

princesa negra e coroada
apodrecendo nos mangues
Mas para bem definir essa noite
da Baixinha
 não se deve separá-la
da gente que vive ali
 - porque a noite não é
apenas
a conspiração das coisas -
nem separá-la da fábrica
de fios e pano riscado
(de que os homens fazem calças)
onde aquela gente trabalha,
nem do mínimo salário
que aquela gente recebe,
nem separar a fábrica
de lama da fábrica
de fios
nem o fio
do bafio
envenenado na lama
que de feder tantos anos
já é parte daquela gente
 (como
o cheiro de um bicho pode ser parte
de outro bicho)
 e a tal ponto
que nenhum deles consegue
lembrar flor alguma que não tenha
aquele azedo de lama
 (e não obstante
 se amaram)

Resta ainda acrescentar
- pra se entender essa noite
proletária -
que um rio não apodrece do mesmo modo
que uma péra
não apenas porque um rio não apodrece num prato
mas porque nenhuma coisa apodrece
como outra
 (nem por outra)
 e mesmo
 uma banana
não apodrece do mesmo modo
que muitas bananas
dentro de
uma tina
 - no quarto de um sobrado
 na Rua das Hortas, a mãe
 passando roupa a ferro -
fazendo vinagre
- enquanto o bonde Gonçalves Dias
desce a Rua Rio Branco
rumo à Praça dos Remédios e outros
bondes desciam a Rua da Paz
rumo à Praça João Lisboa
e ainda outros rumavam
na direção da Fabril, Apeadouro,
Jardoa
(esse era o bonde do Anil
que nos levava
para o banho no rio Azul)
e as bananas
fermentando
trabalhando para o dono - como disse Marx -
ao longo das horas mas num ritmo

diferente (muito mais
grosso) que o do relógio
fazendo vinagre
- naquele quarto onde dormia
toda a família e
se vendiam quiabo e jerimum -

fermentando

- enquanto Josias, o enfermeiro,
possava de doutor na quitanda
de meu pai
e eu jogava bilhar
escondido
no botecoim do Constandcio
na Fonte do Ribeirão -
mas

um rio
não faz vinagre
numa tina

mesmo que um quitandeiro o ponha para apodrecer

um rio
não apodrece como as bananas
nem como, por exemplo,
uma perna de mulher

- (da mulher

que a gente não via
mas fedia durante toda manhã
na casa ao lado de nossa escola,
na época
da guerra)

um rio não apodrece do mesmo modo que uma perna
- ainda que ambos fiquem
com a pele um tanto azulada -
nem do mesmo modo que um jardim
(pele menos em nossa cidade
sob o demorado relâmpago do verão)

E como nenhum rio apodrece
do mesmo modo que outro rio
assim o rio Anil
apodrecia a seu modo
naquela parte da ilha de São Luis.
Mesmo porque
para que outro rio
pudesse apodrecer como ele
era preciso que viesse
por esse mesmo caminho
passasse no Matadouro
e misturasse seu cheiro de rio ao cheiro
de carniça
e tivesse permanentemente a sobrevoação
uma nuvem de urubus
como acontece com o Anil antes
e dobrar à esquerda
para perder-se no mar
(para de fato
afogar-se, convulso,
nas águas salgadas
da baía

que se intrometem por ele, por suas veias,
por sua carne doce de rio
que o empurra para trás
o desarruma

o envenena de sal
e o obriga a apodrecer
— já que não pode fluir —
debaixo das palafitas
onde moram os operários da Fábrica
de Fiação e Tecidos da Camboa)

Assim apodrece o Anil
ao leste de nossa cidade
que foi fundada pelos franceses em 1612
e que já o encontraram apodrecendo
embora com um cheiro
que nada tinha
do óleo dos navios que entram agora
quase diariamente no porto
nem das fezes que a cidade
vaza em seu corpo de peixes
nem da miséria dos homens
escravos de outros
que ali vivem agora
feito caranguejos.

Apenas os índios vinham banhar-se
na praia do Jenipapeiro, apenas eles
ouviam o vento nas árvores
e caminhavam por onde
hoje são avenidas e ruas,
sobrados cobertos de limo,
cheios de redes e lembranças
na obscuridade.

Mas deuses índios timbiras
nada resta, senão coisas contadas em livros

e alguns poemas em que se tenta
evocar a sombra dos guerreiros
com seu arco
ocultos entre as folhas
(o que não impede que algum menino
tendo visto no palco da escola
Y Jwa Pyrama

saia a buscar
pelos matos de Maioba ou da Jorhoa
— o coração batendo forte —
vestígios daqueles homens,
mas não encontra mais
que o rumor do vento nas árvores)

Exceto se encontra
pousado
um pássaro azul e vermelho
— a brisa entortando-lhes as penas feito
um leque feito

o cocar de um guerreiro
que nele se transformara
para continuar habitando aqueles matos.

E mesmo que
não seja o pássaro o guerreiro
foi decerto visto por ele um dia
e por isso
estranhamente
está presente ali
vendo-o de novo
quem sabe agora mesmo atrás do menino atrás
dos ramos

quando
algo se mexe
e uma lagartixa foge sobre as folhas secas.

E tudo isso se passa
sob a copa das árvores
(longe
da estrada por onde trafegam bondes
e ônibus,
e mais longe ainda
das ruas da Praia Grande
atravancadas de cuminhões
practistas como João Coelho e estivadores
que descarregam babaçu)
Tudo isso se passa
E na história dos pássaros
como parte da história dos matos e dos pássaros
os guerreiros continuam vivos.

E eu nunca pensara antes que havia
uma história dos pássaros
embora conhecesse tantos
desde
o camário-da-terra (na gaiola
de seu Neco), a rolinha fogo-pagô
(na cumeeira da casa)
até o bigode-pardo
(que se pegava com alcapão no capinzal)
o galo-de-campina
parecia um oficial
em uniforme de gala;
o anum era um empregado
da limpeza pública;
o urubu, um crioulo
de fraque; o bem-te-vi,
um polícia de quepe
e apito na boca
sempre atarefado

Para me dar conta
da história dos pássaros
foi preciso ver
o pássaro vermelho e azul
mal pousado no galho
grande demais para aqueles matos
como um fantasma
(a balançar no vento)
foi preciso vê-lo
dentro daquele silêncio
feito de pequenos barulhos vegetais
E ele – fazendo sua história – voou
sem se saber por quê
e foi pousar noutra árvore
já agora quase oculto
ora parecendo flor ora folha colorida
e assim sumiu
Já a história dos urubus
é praticamente a mesma história dos homens
que têm cães que morrem
atropelados
em frente à porta da casa
que têm papagaios que aprendem a falar
na cozinha
e curios
cantando
na gaiola da barbearia
(a filha do barbeiro
fugiu com o filho
do carteiro
um mulato
que trabalhava nos Correios.
As vizinhas cochichavam:
"se tivesse fugido

com um branco,
ao menos ia poder casar")

Enquanto isso
o dr. Gonçalves Moreira mantinha na sua sala
um casal de canários belgas numa gaiola de prata
(na Avenida Beira-Mar em frente à entrada da baía.)
E trouxe uma caboclinha
de suas terras em Barra do Corda
para arrumar as gavetas (tengeóis
de linho branco cheirando a alfazema)
e cuidar dos canários:
ela limpava a gaiola
e renovava a água e o alpiste
todas as manhãs
na janela do alpendre
(na época da guerra).
Lá embaixo no quintal
a lavadeira batia roupa
no tanque

e cantava junto com a água.

O mamoeiro rente ao muro

amadurecia um mamão para a sobremesa do doutor

(isso por volta de 1942, 43,

quando chegaram os americanos

para construir a base aérea do Tirirical:

compraram todas as frutas e legumes

do Mercado

pagaram um salário incrível pro Antônio José

e puseram o pé em cima da mesa

no Moto Bar)

E os canários, nem-seu-souza,

tínham na gaiola de prata

Camélia caiu na vida
porque ainda não existia a pílula
Pagou caro aquele amor
feito com dificuldade
detrás do jirau de roupas
em pé junto à cerca

enquanto a família dormia

(o mesmo gosto de hortelã

das pastilhas de aniversário)

Seu pai, seu Cunha, o barbeiro,

quase morre de vergonha,

ele que fazia a barba

de todos os homens da rua

(e o curió na gaiola,

nem-seu-souza).

Por que vai um homem ter filhas,

meu Deus? E ele tinha três.

A mais velha, que era mais sonsa,

foi ao Josias tomar

uma injeção de Eucaliprina

e o enfermeiro aconselhou:

"Dói muito. É melhor num lugar

que tenha mais carne."

E desde esse santo dia

era injeção toda tarde.

(e o curió,

nem-seu-souza)

A terceira ficou séria

e virou filha de Maria

(e o curió,

nem-seu-souza)

Já o canário-da-terra

parou de cantar quando

numa manhã de domingo

seu Neco matou a mulher

que – dizem – lhe punha chifres:
a gaúla rolou no chão.

("Caniveteada nas costas
pegou bem aqui, lá nela,
Não saiu um pingo de sangue,
foi hemorragia interna")

A morte se alastrou por toda a rua,
misturou-se às árvores da quinta,
penetrou na cozinha de nossa casa
ganhou o cheiro da carne que assava na panela
e ficou brilhando nos talheres
dispostos sobre a toalha
na mesa do almoço.

Salve a mulher de amarelo
Põe a de verde no chinelo
Mas a mulher de estampado
Deixa o homem amarrado

Mas essa é a história de pássaros
já de há muito urmanizados
pois a história dos pássaros
pássaros

só os guerreiros conhecem
só eles a entendem quando o vento
(numa lembrança)
sopra-a nas árvores de São Luís.

Não seria correto dizer
que a vida de Newton Ferreira
escorria ou se gastava
entre cofos de camarões, sacas de arroz
e panciros de farinha-d'água
naqueia sua quitanda
na esquina da Rua dos Afogados
com a Rua da Alegria.

Não seria correto porque
se alguém chegasse lá
por volta das 3 da tarde (hora
de pouco movimento) – ele meio debruçado
no balcão lendo X 9 –

veria que tudo estava parado
na mesma imobilidade branca
do fubá dentro do depósito
das prateleiras cheias de latas e garrafas
e do balcão com a balança Filizola

tudo
sobre o chão de mosaico verde e branco
como uma plataforma da tarde.

Parado e ao mesmo tempo inserido
num amplo sistema

que envolvia os armazéns
da Praia Grande, a Estrada de Ferro São Luís – Teresina,
fazendas em Coroatá, Codó, plantações de arroz
e fumo, homens que punham camarões para secar

ao sol em Guimarães. E as próprias famílias
da rua
que se sentariam mais tarde à mesa do jantar.
Por isso mesmo
ele podia mergulhar naquele mundo de *gingsters* americanos
sem ansiedade.

É verdade, porém, que uma esquina mais acima
(às suas costas)
na Avenida Gomes de Castro
a tarde passava ruidosamente
farfalhando nos oitzeiros como o vento por um relógio de folhas.

É que a tarde tem mais velocidades
sendo mais lenta
por exemplo
no esgarçar de um touro de nuvem
que ela agora arrasta iluminada
na direção do Desterro
por cima da capital
(como uma aranha, poderia dizer?
que ata e puxa a presa para devorá-la?
como um abutre invisível a *desstripá-la*
num *huller*)
e muito acima do relhado da quitanda
em pleno ar?)
E em meio a um outro sistema
este
de ventos
que avançavam escuros das bandas do Apeadouro
ou das cabecetas do Bacanga,
úmidos às vezes,
num estampido que faz sacudir os aviões.

Não,
não cabe falar de aranha
se penso na cidade se descobrindo em seus
telhados e torres de igrejas
sob um sol duro
as famílias debaixo das telhas, retratos de mortos
com o rosto exageradamente colorido
dentro de molduras pintadas de dourado,
cômodas
antigas, pequenas caixas com botões e novelos de linha,
parentes tuberculosos em quartos escuros, tossindo
baixo para que o vizinho não ouça, crianças
que mal começam a andar
agarrando-se às pernas de pais que nada podem,
debaixo daqueles telhados encardidos
de nossa pequena cidade
a qual
alguém que venha de avião dos EUA
poderá ver
postada na desembocadura suja de dois rios
lá embaixo
e como se para sempre. Mas
e o quintal da Rua das Cajazeiras? O tanque
do Caga-Osso? a Fonte do Bispo? a quitanda
de Newton Ferreira?
Nada disso verá
de tão alto
aquele hipotético passageiro da Braniff.

Debruçado no balcão
Newton Ferreira lê
seu conto policial.
Nada sabe das conspirações
meteorológicas que se tramam

em altas esferas azuis acima do Atlântico.

Na quitanda
o tempo não flui
antes se amontoa
em barras de sabão Martins
mantas de carne-seca
touxinho mercadorias
todas com seus preços e
cheiros
ajustados ao varejo
(o olho sujo
do querosene
espava na lata debaixo do balcão)
Mas nada disso se percebe
voando sobre a cidade a 900 quilómetros por hora.

Nem mesmo andando a pé
entre aquelas duas filas de porta-e-janela,
meias-moradas de sacadas de ferro e platinbandas
manchadas de caruncho
(no vermelho
entardecer)

Nem mesmo que a quitanda
exista ainda e que já sejam oito horas da noite
e se veja
pela única folha da porta entreaberta a luz acesa
como antigamente
e haja homens convertendo lá dentro
entre lambadas de cachaça
e seja o mesmo o balcão
e o cheiro das mercadorias
lá não encontrás o Gonzaga, sargento músico do exército.
Já não se falará da guerra que a guerra acabou
faz muitos anos.

Descendo ou subindo a rua,
mesmo que vás a pé,
verás que as casas são praticamente as mesmas
mas nas janelas
surgem rostos desconhecidos
como num sonho mau.

Mudar de casa já era
um aprendizado da morte: aquele
meu quarto com sua úmida parede manchada
aquele quintal tomado de plantas verdes
sob a chuva
e a cozinha
e o fio da lâmpada coberto de moscas,
nossa casa
cheia de nossas vozes
tem agora outros moradores:
ainda estás vivo e vês, e vês
que não precisavas estar aqui para ver
As casas, as cidades,
são apenas lugares por onde
passando
passamos

(ora sentado ora deitado
ora comendo na mesa
bebendo água do porre
ora debruçado
no peitoril da janela, o frango
pingando ensopado debaixo
do jirau de plantas)

Nem a pé, nem andando de rastos,
nem colando o ouvido no chão
voltarás a ouvir nada do que ali se falou.

Do quemse, sim,
podes outra vez sentir o mesmo cheiro de trapo
e do sabão talvez

se é que a fábrica ainda não falhou.

Mas de Newton Ferreira, ex-
center-forward da seleção maranhense,
que dez vezes falhou

e que era conhecido de todos na zona do comércio,
não há nenhum traço
naquele chão de mosaico verde e branco
(inutilmente o buscarás também
na sessão desta noite do poeira)

A cidade no entanto poderás vê-la do alto praticamente a mesma
com suas ruas e praças
por onde ele caminhava

Ah, minha cidade verde
minha úmida cidade
constantemente batida de muitos ventos
rumorejando teus dias à entrada do mar
minha cidade sonora
esferas de ventania
rolando loucas por cima dos mirantes
e dos campos de futebol
verdes verdes verdes verdes
ah sombra rumorejante
que arrasto por outras ruas

Desce profundo o relâmpago
de tuas águas em meu corpo,
desce tão fundo e tão amplo
e eu me pareço tão pouco
pra tantas mortes e vidas
que se desdobram
no escuro das claridades,

na minha nuca,
no meu cotovelo, na minha arcada dentária
no túmulo da minha boca

inesperadas
palco de ressurreições

(minha cidade
canora)

de trevas que já não sei
se são tuas se são minhas
mas nalgum ponto do corpo (do teu? do meu
corpo?)

bebendo a saúde da terra e das plantas,
em mim mesmo a fonte de uma alegria
ainda que suja e secreta
o cuspo morno a delícia
do próprio corpo no corpo
e num movimento terrestre
no meio do capim,
celestes o bicho que enfim alça vôo
e tomba

buscando

Ah, minha cidade suja
de muita dor em voz baixa
de vergonhas que a família abafa
em suas gavetas mais fundas
de vestidos desbotados
de camisas mal cerzidas
de tanta gente humilhada
comendo pouco
mas ainda assim bordando de flores
suas toalhas de mesa
suas toalhas de centro
de mesa com jarros
- na tarde
durante a tarde
durante a vida -
cheios de flores
de papel crepom
já empoeiradas

minha cidade doída

Me reflito em tuas águas
recolhidas:

lampeija
o jasmim
ainda que sujo da pouca alegria reinante
naquela rua vazia
cheia de sombras e folhas
Desabam as águas servidas
me arrastam por teus esgotos
de paleró e gravata
Me levanto em teus espelhos
me vejo em rostos antigos
te vejo em meus tantos rostos
tidos perdidos partidos
refletido
irrefletido
e as margaridas vermelhas
que sobre o tanque pendiam:
desce profundo
o relâmpago de tuas águas numa
vertigem de vozes brancas ecos de leite
de cuspo morno no membro
o corpo que busca o corpo

Não capinzal escondido

naquele capim que era abrigo e afeto
feito cavalo sentindo
o cheiro da terra o cheiro
verde do mato o travo do cheiro novo
do mato novo da vida
viva das coisas
verdes vivendo
longe daquela mobília onde só vive o passado
longe do mundo da morte da doença da vergonha
da traição das cobranças à porta,
ali

no copo
d'água
no porte d'água
na tina d'água
no banho nu no banheiro
vestido com as roupas
de tuas águas
que logo me despem e descem
diligentes para o ralo
como se de antemão soubessem
para onde ir
Para onde
foram essas águas
de tantos banhos de tarde?
Rolamos com aquelas tardes
no ralo do esgoto
e rolo eu
agora
no abismo dos cheiros
que se desatam na minha
carne na tua, cidade
que me envenenas de ti,
que me arrastas pela treva
me atordoadas de jasmim
que de saliva me molhas me atochas
num cu
rijo me fazes
delirar me sujas
de merda e explodo o meu sonho
em merda.
Sobre os jardins da cidade
urino pus. Me extravio
na Rua da Estrela, escorrego
no Beco do Precipício.

Me lavo no Ribeirão.
Mijo na Fonte do Bispo.
Na Rua do Sol me cego,
na Rua da Paz me revolto
na do Comércio me nego
mas na das Hortas floresço;
na dos Prazeres soluço
na da Palma me conheço
na do Alecrim me perfumeo
na da Saúde adeoço
na do Desterro me encontro
na da Alegria me perco
Na Rua do Carmo berro
na Rua Direita erro
e na da Aurora adormeço

Acordo na zona. O dia ladra, navega
enfunado e azul

Vôo

com as toalhas brancas

Vou pousar no sorriso de Isabel
Tropeço num preconceito caio das nuvens
descubro Marília

me aconcheio em suas pétalas como a pomba
do Divino entre rosas na bandeja

Mas vem junho e me apunhala
vem julho me dilacera

setembro expõe meus despojos
pelos postes da cidade

(me recomponho mais tarde,
costuro as partes, mas os intestinos
nunca mais funcionarão direito)

Prego a subversão da ordem
poética, me pagam. Prego

a subversão da ordem política,
me enfocam junto ao campo de ténis dos ingleses
na Avenida Beira-Mar
(e os canários,
nem-seu-souza: improvisam
em sua flauta de prata)

Vendo o que tenho e mudo
para a capital do país.

(Se tivesse me casado com Maria de Lourdes,
meus filhos seriam dourados uns, outros
morenos de olhos verdes
e eu terminaria deputado e membro
da Academia Maranhense de Letras;
se tivesse me casado com Marília,
teria me suicidado na discoteca da Rádio Timbira)

Mas na cidade havia
muita luz,

a vida

fazia rodar o século nas nuvens
sobre nossa varanda
por cima de mim e das galinhas no quintal
por cima

do depósito onde mofavam
paneiros de farinha

atrás da quitanda,

e era pouco

viver, mesmo

no salão de bilhar, mesmo
no bar do Castro, na pensão
da Maroca nas noites de sábado, era pouco

para a cidade de tarde
(sob o rumor das árvores)

ali

no norte do Brasil
vestido de brim.

E por ser pouco
era muito,

que pouco muito era o verde
fogo da grama, o musgo do muro, galo
que vai morrer,
a louça na cristaleira,
o doce na compoteira, a falta
de afeto, a busca
do amor nas coisas.

Não nas pessoas:

nas coisas, na muda carne
das coisas, na coma da flor, no oculto
falar das águas sozinhas:

que a vida
passava por sobre nós,
de avião.

Não tem a mesma velocidade o domingo
que a sexta-feira com sua azáfama de compras
fazendo aumentar o tráfego e o consumo
de caldo de cana gelado,
nem tem
a mesma velocidade
a açucena e a maré
com seu exército de borbulhas e ardentes caravelas
a penetrar soturnamente o rio
noutra lentidão que a do crepúsculo
o qual, no alto,
com sua grande engrenagem escangalhada
mois a luz.

Outra velocidade
tem Bizuza sentada no chão do quarto
a dobrar os lençóis lavados e passados
a ferro, arrumando-os na gaveta da cómoda, como
se a vida fosse eterna.

E era
naquêle seu universo de almoços e temperos
de folhas de louro e de pimenta-do-reino
mastruz para tosse braba,
universo
de panelas e canseiras entre as paredes da cozinha
dentro de um surrado vestido de chita,
enfim,
onde batia o seu pequenino coração.
E se não era
eterna a vida, dentro e fora do armário,

o certo é que
tendo cada coisa uma velocidade
(a do melado
escura, clara
a da água
a derramar-se)

cada coisa se afastava
desigualmente
de sua possível eternidade.

Ou
se se quer
desigualmente
a tecia
na sua própria carne escura ou clara
num transcorrer mais profundo que o da semana.
Por isso não é certo dizer
que é domingo que melhor se vê
a cidade
- as fachadas de azulejo, a Rua do Sol vazia
as janelas trancadas no silêncio -
quando ela
parada
parece flutuar.

E que melhor se vê uma cidade
quando - como Alcântara -
todos os habitantes se foram
e nada resta deles (sequer
um espelho de aparador num daqueles
aposentos sem teto) - se não
entre as ruínas
a persistente certeza de que
naquêle chão
onde agora crescem carapichos

eles efectivamente dançaram
(e quase se ouvem vozes
e gargalhadas

que se acendem e apagam nas dobras da brisa)

Mas

se é espantoso pensar
como tanta coisa sumiu, tantos
guarda-roupas e camas e mucamas
tantas e tantas saias, anáguas,
sapatos dos mais variados modelos
arrastados pelo ar junto com as nuvens,

a isso

responde a manhã

que

com suas muitas e azuis velocidades
segue em frente

alegre e sem memória

É impossível dizer
em quantas velocidades diferentes
se move uma cidade

a cada instante

(sem falar nos mortos
que voam para trás)
ou mesmo uma casa

onde a velocidade da cozinha

não é igual à da sala (aparentemente imóvel

nos seus jarros e bibelôs de porcelana)

nem à do quintal

escancarado às ventanias da época

e que dizer das ruas

de tráfego intenso e da circulação do dinheiro
e das mercadorias

desigual segundo o bairro e a classe, e da

rotação do capital

mais lenta nos legumes

mais rápida no sector industrial, e

da rotação do sono

sob a pele,

do sonho

nos cabelos?

e as tantas situações da água nas vasilhas

(pronta a fugir)

a rotação
da mão que busca entre os pentelhos
o sonho molhado os muitos lábios
do corpo
que ao afago se abre em rosa, a mão
que ali se detém a sujar-se
de cheiros de mulher,
e a rotação
dos cheiros outros
que na quinta se fabricam
junto com a resina das árvores e o canto
dos passarinhos?

Que dizer da circulação
da luz solar
arrastando-se no pó debaixo do guarda-roupa
entre sapatos?
e da circulação
dos gatos pela casa
dos pombos pela brisa?
e cada um desses fatos numa velocidade própria
sem falar na própria velocidade
que em cada coisa há
como os muitos
sistemas de açúcar e álcool numa péra,
girando
todos em diferentes ritmos
se podem ouvir) (que quase
e compoúdo a velocidade geral
que a péra é

do mesmo modo que todas essas velocidades mencionadas
compõem

(nosso rosto refletido na água do tanque)

o dia
que passa
- ou passou -
na cidade de São Luís,

E do mesmo modo
que há muitas velocidades num
só dia

e nesse mesmo dia muitos dias
assim
não se pode também dizer que o dia
tem um único centro

(feito um carço
ou um sol)

porque na verdade um dia
tem inumeráveis centros

como, por exemplo, o pote de água
na sala de jantar
ou na cozinha
em torno do qual
desordenadamente giram os membros da família.

E se nesse caso
é a sede a força de gravitação
outras funções metabólicas
outros centros geram
como a sentina
a cama

ou a mesa de jantar

(sob uma luz encardida numa
porta-e-janela da Rua da Alegria
na época da guerra)

sem falar nos centros cívicos, nos centros
espíritas, no Centro Cultural
Gonçalves Dias ou nos mercados de peixe,
colégios, igrejas e prostíbulos,
outros tantos centros do sistema
em que o dia se move
(sempre em velocidades diferentes)
sem sair do lugar.

Porque
quando todos esses sóis se apagam
resta a cidade vazia
(como Alcântara)
no mesmo lugar.

Porque
diferentemente do sistema solar
a esses sistemas
não os sustém o sol e sim
os corpos
que em torno dele giram:
não os sustém a mesa
mas a fôrme
não os sustém a cama
e sim o sono
não os sustém o banco
e sim o trabalho não pago

E essa é a razão por que
quando as pessoas se vão
(como em Alcântara)
apagam-se os sóis (os
potes, os fogões)
que delas recebiam o calor

essa é a razão
por que em São Luís
donde as pessoas não se foram
ainda neste momento a cidade se move
em seus muitos sistemas
e velocidades
pois quando um pote se quebra
outro pote se faz
outra cama se faz
outra jarra se faz
outro homem
se faz
para que não se extinga
o fogo
na cozinha da casa

O que eles falavam na cozinha
ou no alpendre do sobrado
(na Rua do Sol)
saía pelas janelas

se ouvia nos quartos de baixo
na casa vizinha, nos fundos da Moveleteria
(e vá alguém saber
quanta coisa se fala numa cidade
quantas vozes
resvalam por esse intrincado labirinto
de paredes e quartos e saguões,
de banheiros, de pátios, de quintais
vozes
entre muros e plantas,
risos,
que duram um segundo e se apagam)

E são coisas vivas as palavras
e vibram da alegria do corpo que as gritou
têm mesmo o seu perfume, o gosto
da carne
que nunca se entrega realmente
nem na cama
senão a si mesma
à sua própria vertigem
ou assim
falando
ou rindo
no ambiente familiar

enquanto como um rato
tu podés ouvir e ver
de teu buraco
como essas vozes batem nas paredes do pátio vazio
na armação de ferro onde seca uma parreira
entre arames
de tarde

numa pequena cidade latino-americana.

E nelas há
uma iluminação mortal
que é da boca
em qualquer tempo

mas que ali
na nossa casa
entre móveis baratos
e nenhuma dignidade especial
minava a própria existência.

Ríamos, é certo,
em torno da mesa de aniversário coberta de pastilhas
de hortelã enroladas em papel de seda colorido,
ríamos, sim,

mas
era como se nenhum afeto valesse
como se não tivesse sentido rir
numa cidade tão pequena.

cada coisa está em outra
de sua própria maneira
e de maneira distinta
de como está em si mesma

a cidade não está no homem
do mesmo modo que em suas
quitandas praças e ruas

Buenos Aires, Manizales, 1975

O homem está na cidade
como uma coisa está em outra
e a cidade está no homem
que está em outra cidade

mas variados são os modos
como uma coisa

está em outra coisa:

o homem, por exemplo, não está na cidade
como uma árvore está

em qualquer outra

nem como uma árvore

está em qualquer uma de suas folhas

(mesmo rolando longe dela)

O homem não está na cidade

como uma árvore está num livro

quando um vento ali a folheia

a cidade está no homem

mas não da mesma maneira

que um pássaro está numa árvore

não da mesma maneira que um pássaro

(a imagem dele)

está na água

e nem da mesma maneira

que o susto do pássaro

está no pássaro que eu escrevo

a cidade está no homem

quase como a árvore voa

no pássaro que a deixa

Obras do autor

Poesia

- Um pouco acima do chão*. São Luís, edição do autor, 1949.
- A lúta corporal*. Rio de Janeiro, edição do autor, 1954; Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 3. ed., 1975; in *Toda poesia*, José Olympio, 1987, 4. ed., 1994; 5. ed., 2000.
- Poemas*. Rio de Janeiro, Edições Espaço, 1958.
- João Boa-Morte, cabra marcado para morrer* (cordel). Rio de Janeiro, CPC-UNE, 1962.
- Quem matou Aparecida* (cordel). Rio de Janeiro, CPC-UNE, 1962.
- A lúta corporal e novos poemas*. Rio de Janeiro, José Álvaro, 1966.
- Por você, por mim*. Rio de Janeiro, Sped, 1968.
- Dentro da noite veloz*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1975; 2. ed., in *Toda Poesia*, José Olympio, 1987; 3. ed., 1998.
- Poema sejo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976; 2. ed., 1977; 3. ed., 1977; 4. ed., 1979; 5. ed., 1983; in *Toda poesia*, José Olympio, 1987; 6. ed., 1995; 7. ed., 1999; 8. ed., 2001; 9. ed., 2001; 10. ed., 2004; 11. ed., 2006.
- Antologia poética*. São Paulo, Summus, 1977; 2. ed., 1977; 3. ed., 1979; 4. ed., 1983; 5. ed., e 6. ed., s.d.
- Antologia poética* (em disco, com a voz do autor e música de Egberto Gismonti). Rio de Janeiro, Som Livre, 1979.
- Na vertigem do dia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980; in *Toda Poesia*, José Olympio, 1987; 2. ed., 2004.
- Toda poesia*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1980; 2. ed., 1981; 3. ed., 1983 (São Paulo, Circulo do Livro, 1980; 2. ed., 1981); Rio de Janeiro, José Olympio, 4. ed., 1987; 5. ed., 1991; 6. ed., 1997 (em co-edição com o FNDE); 7. ed., 1999; 8. ed., 1999; 9. ed., 2000; 10. ed., 2001; 11. ed., 2001; 12. ed., 13. ed. e 14. ed., 2004; 15. ed., 2006.
- Os melhores poemas de Ferreira Gullar*. São Paulo, Global, 1983; 2. ed., 1985; 3. ed., 1986; 4. ed., 1990; 5. ed., 1994.
- Crime na flora ou Ordem e progresso*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1986; 2. ed., 1986.
- Batalhos*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1987; 2. ed., 1987; 3. ed., 1991; 4. ed., 1997.
- Poemas escolhidos*. Rio de Janeiro, Ediouro, 1989.
- O formigueiro*. Rio de Janeiro, Europa, 1991.
- Muitas vozes*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1999; 2. ed., 1999; 3. ed., 1999; 4. ed., 2000; 5. ed., 2002.

INQUENTE

- Um gato chamado Gatiribó*. Ilustrações de Ângela Lago. Rio de Janeiro, Salamandra, 2000.
- O menino e o arco-íris*. Ilustrações de Marcelo Cips. São Paulo, Ática, 2001.
- O rei que mora no mar*. Ilustrações de Rogério Borges. São Paulo, Global, 2001.
- O tombo encantado*. Ilustrações de Ângela Lago. São Paulo, Salamandra, 2003.
- Dr. Urubú e outras fábulas*. Ilustrações de Cláudio Martins. Rio de Janeiro, José Olympio, 2005.

POESIA NO EXTERIOR

- Livro poema*. Herausgeber Verlag, Franzenfeld, Suíça, 1965.
- La lucha corporal y otros incendios*. Caracas, Centro Simón Bolívar, 1977.
- Hombre común* (antologia). Buenos Aires, Calimanto Editorial, 1979.
- Poesía* (antologia). Equador, Universidad de Cuenca, 1982.
- Schmitzges Gedichte (Poemas sajo)*. Frankfurt, Suhrkamp Verlag, 1985.
- Poemas* (antologia). Lima, Col. Tierra Brasileira, 1985.
- Faule Bannnen und andere Gedichte* (antologia). Frankfurt, Verlag Klaus Dieter Vervuert, 1986.
- Dirty poem (Poema sajo)*. Nova York, University Press of America, 1991.
- Der Glanz der Tage* (antologia). Munique, R. Piper, 1991.
- Poema suco*. Madri, Visor Libros, 1997; Bogotá, Editorial Norma, 1998.
- En el séptimo del día (Na sétima do dia)*. México, Editorial Aldus, 1998.
- Poema suco*. Cuba, Fondo Editorial, La Habana, Casa de las Americas, 2000.
- Morgen is weer geen andere Dag*. Amsterdam, Wagner & Van Santen, 2003.
- Obra poética*. Lisboa, Edições Quasi, 2003.

ENSAIO

- Teoria do não-objeto*. Rio de Janeiro, SDJB, 1959.
- Cultura posta em questão*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1965.
- Vanguarda e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1969; 2. ed., 1979; 3. ed., 1984.
- Uma luz do chão*. Rio de Janeiro, Avenir, 1978.
- Sobre arte*. São Paulo, Avenir e Palavra e Imagem, 1982; 2. ed., 1984.
- Etapas da arte contemporânea: Do cubismo à arte neocriativa*. São Paulo, Nobel, 1985; 2. ed., Rio de Janeiro, Revan, 1998; 2. ed., 1999.
- Indagações de hoje*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1989.
- Argumentação contra a morte da arte*. Rio de Janeiro, Revan, 1993; 2. ed., 3. ed., e 4. ed., s.d.; 5. ed., 1977; 6. ed., 1998.
- Cultura posta em questão: Vanguarda e subdesenvolvimento: ensaios sobre arte*. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002.
- Relâmpagos*. São Paulo, Conac & Nuify, 2003.

Sobre arte Sobre poesia. Rio de Janeiro, José Olympio (Coleção Sabor Literário), 2006.

TIATRO

- Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come* (com Oduvaldo Vianna Filho). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- A saúde? Onde fica a saúde?* (com A. C. Fontoura e Armando Costa; Coleção Espetáculo). Rio de Janeiro, Grupo Opinião, 1967.
- Dr. Getúlio, sua vida e sua glória* (com Dias Gomes). Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968 (nova versão sob o título *Vergas*, 1982).
- Um rubi no umbigo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1978.

CRÔNICA

A estranha vida banal. Rio de Janeiro, José Olympio, 1989.

TRADUÇÃO

- Uma rei*, de Alfred Jarry. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1972.
- Cyrano de Bergerac*, de Edmond Rostand. Rio de Janeiro, José Olympio, 1985.
- Fábulas de La Fontaine*. Rio de Janeiro, Revan, 1997; 2. ed., 1998.
- As mil e uma noites*. Rio de Janeiro, Revan, 2000.
- Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes. Rio de Janeiro, Revan, 2002.
- Rembrandt*, de Jean Genet. Rio de Janeiro, José Olympio, 2002.
- Vare Gogh, o suscitado da sociedade*, de Antonin Artaud. Rio de Janeiro, José Olympio, 2003.
- O paraíso de Cézanne*, de Philippe Sollers. Rio de Janeiro, José Olympio, 2003.

FICÇÃO

- Gamação*. São Paulo, Global, 1996.
- Cidades inventadas*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1997.

MEMÓRIAS

Rabo de foguete. Rio de Janeiro, Revan, 1998; 2. ed., 1998.

BIOGRAFIA

Nise da Silveira. Rio de Janeiro, Relume Dumará (Coleção Perfis do Rio), 1996.

Belo Horizonte, 19 de março de 2007.

Comissão Executiva do Supremo Concílio da
Igreja Presbiteriana do Brasil

Rev. Roberto Brasileiro Silva
MD Presidente do Supremo Concílio IPB

Estimado irmão

Cumpra-me o dever encaminhar a esta Reunião CE/IPB o documento assim ementado:

De: JET

Ementa:

Quanto a indicação de livros para Vestibular Unificado, encaminhamento de resoluções da PBHZ

Rogando as mais ricas bênçãos de Deus sobre a vida da Igreja Presbiteriana do Brasil e sua douda Comissão Executiva, ora reunida em nossa Capital Federal, registro meu apreço e consideração.

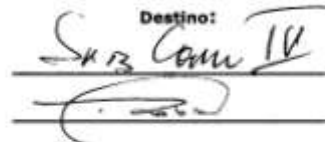
Fraternalmente em Cristo,



Rev. Ludgero Bonilha Moraes
Secretário Executivo do Supremo Concílio da
Igreja Presbiteriana do Brasil

PROTOCOLO Nº 095

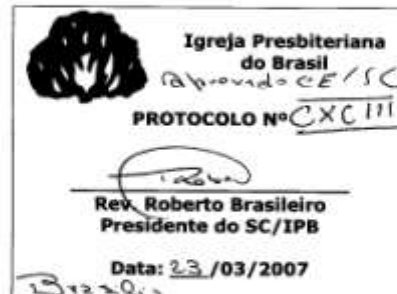
Destino:



Rev. Roberto Brasileiro
Presidente do SC/IPB

Data: 19/03/2007

RELATÓRIO DA COMISSÃO:
Legislação e Justiça I
Sub-comissão IV



Quanto ao documento 065 - 095

Ementa: Referente ao livro indicado pela Comissão do Vestibular para leitura dos candidatos ao Seminários - Quanto a indicação de livros para Vestibular Unificado, encaminhamento de resoluções da PBHZ

Considerando

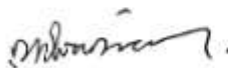
1. Que a JET tomou todas as providências conforme reclamadas pelos solicitantes;
2. Que houve pedido formal de perdão configurando arrendimento.

A CE-SC/IPB-2007 RESOLVE

1. Louvar a Deus pela postura zelosa do Sínodo de Belo Horizonte no trato do assunto em epígrafe.
2. Lamentar o ocorrido
3. Reconhecer que as providências tomadas pela JET com o intuito de corrigir e evitar a repetição dos fatos são satisfatórias.

Sala das Sessões, 23 de março de 2007

Relator Rev. Domingos Dias



Sub-relator Rev. Sirgisberto Queiroga da Costa

Membros

Rev. Roney Protes Faria

Rev. Jorge Correa Filho



Raquel Marques

De: Solano Portela (Mack) [solano@mackenzie.com.br]
Enviado em: sexta-feira, 16 de fevereiro de 2007 18:29
Para: 'Rev. Ludgero Bonilha Moraes'
Assunto: Resposta à correspondência de 11.01.07 ao PBHZ
Anexos: Resposta ao PBHZ.doc; Carta_secretaria.pdf

Caro Rev. Ludgero Bonilha de Moraes,
Digníssimo Secretário Executivo da
Igreja Presbiteriana do Brasil:

Prezado irmão em Cristo:

Encaminhamos pela Secretaria Executiva da IPB cópia de correspondência da diretoria da JET em atenção ao expediente do PBHZ de 11.01.2007, recebido em 13.02.2007, bem como um anexo a esta correspondência, **solicitando o seu encaminhamento à CE-SC-IPB-2007**, considerando que os documentos aos quais estamos respondendo e dando informações adicionais também estão sendo alvo de encaminhamento à CE.

Os originais assinados estão sendo encaminhados por SEDEX.

Na certeza de que Deus estará lhe sustentando nas intensas atividades que antecedem a Comissão Executiva e em todos os aspectos de seu ministério, subscrevemo-nos,

Fraternalmente,

Solano Portela
Presidente
Junta de Educação Teológica da IPB - JET



22/02/2007



**IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL
JUNTA DE EDUCAÇÃO TEOLÓGICA**

Secretaria: Rua da Consolação, 896 - 10º andar - Consolação - São Paulo, SP
CEP 01302-907 - Telefone: (11) 2114.8507 / Fax: 3214.2990
Presidência: Rua da Consolação, 896 - Prédio 29 - Consolação - São Paulo, SP
CEP 01302-907 - Telefone: (11) 2114.8505 / Fax: 3214.3041

São Paulo, 13 de fevereiro de 2007.

Ao Colendo Presbitério Belo Horizonte
a/c Exmo. Sr. Secretário Executivo – Rev. Dercy de Lima
Belo Horizonte, MG

Caros irmãos em Cristo Jesus

Ref.: Resoluções do PBHZ – Docs Nos. 93 e 79.

Acusamos o recebimento de sua correspondência de 11 de janeiro de 2007 anexando as resoluções do PBHZ acima referenciadas, de 15 de dezembro de 2006, e olhamos com satisfação o interesse desse presbitério na educação teológica da nossa igreja, bem como no zelo doutrinário demonstrado em suas resoluções.

Para informação do PBHZ damos ciência das providências e entendimento da JET relacionadas com as duas resoluções e respectivos documentos anexados:

Primeiro Documento:

Quanto ao documento No. 93, que trata da inclusão do livro Poema Sujo, de autoria de Ferreira Gullar no conteúdo programático do Vestibular Unificado da IPB/2006, oficiando à JET "total discordância com o ocorrido", pelos conteúdos que "aberram e afrontam a Fé Bíblica, preceitos e valores da Fé Reformada", apresentando, portanto, "total incompatibilidade com a IPB". O PBHZ requer, em vista do ocorrido e por necessidade, "ações efetivas quanto à JURET" e as especifica:

- Pedidos formais de escusas aos candidatos e à IPB.
- Responsabilização dos autores pela Matéria e pela Coordenação do Vestibular

A Junta de Educação Teológica da IPB, por sua diretoria, posiciona e informa:

1. A JET expressou total discordância quanto ao ocorrido, em posição análoga à resolução do PBHZ. Em sua reunião de 01.12.2006 (ATA 03 2006-2010) a discordância ética e doutrinária, foi redigida e formalizada como pedido de desculpas não somente aos candidatos, como também a todos os seminários e à comunidade presbiteriana, como segue:

"A Junta de Educação Teológica da Igreja Presbiteriana do Brasil – JET, vem a público reconhecer e pedir desculpas à comunidade presbiteriana, em especial aos participantes do Vestibular Unificado/2007 e aos seminários, pela inclusão dos livros de leitura obrigatória de obra não recomendável, que apresenta uma visão de sexualidade que é contrária a tudo aquilo que pregamos e que encoraja a impureza de pensamento oposta ao que deve permeiar a mente do cristão, conforme Filipenses 4:8. Informa, em adição, que providências estão sendo tomadas para que as relações futuras de livros sejam suficientemente examinadas com critérios que visem tão somente a aferição do conhecimento lingüístico, gramatical ou literário dos vestibulandos".

2. A JET deliberou, na mesma reunião de 01.12.2006, que essa posição oficial/nota de desculpas fosse alvo de divulgação pelo coordenador do Vestibular Unificado, Rev. Valdir Ferreira da Cunha, **pelos mesmos meios através dos quais o conteúdo programático do Vestibular Unificado 2007 havia sido divulgado**. Nesse sentido, recebemos relatório em nossa reunião de 09.02.2006 que foram emitidas **2.977** cartas dirigidas a Igrejas e Congregações da IPB; **196** aos participantes do Vestibular Unificado 2007; **780** aos professores e alunos dos seminários presbiterianos e **47** cartas avulsas. Anexamos a carta que foi assim distribuída.

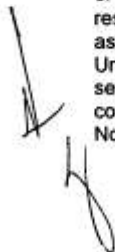
3. A JET deliberou, ainda na reunião de 01.12.2006, que a JURET-BH acompanhasse o caso "com mais precisão" e que tomasse "as devidas providências".

4. A JET recebeu, nesta última reunião de 09.02.2007 (ATA 04 2006-2010) relatório específico da JURET-BH, acompanhado de duas cartas específicas. A primeira, advinda do Coordenador, Rev. Valdir Ferreira da Cunha, "reconhecendo a gravidade do problema e admitindo a responsabilidade neste lamentável incidente ocorrido por descuido, de qualquer forma inaceitável", indicando que não foi "por deliberado propósito e intenção". A segunda, do Rev. Sebastião Guimarães Costa Filho, que relacionou o livro como leitura obrigatória e elaborou as questões, na prova de português, indicando que "foi o responsável pela indicação" e reconhecendo "a infelicidade da aludida indicação, pois trata-se de leitura imprópria". Informou, em adição, o Rev. Sebastião, que sabia ser a obra "famosa", mas não a havia lido. Indica que não teve intenção "de propagar literatura perniciososa" e que cometeu "um descuido lamentável" pois indicou "sem prévio exame, uma obra que não conhecia". Relatório da JURET capeia as duas correspondências, informando que constatou que "o conteúdo da obra indicada" não espelha a posição desses professores, que reconheceram "a imprudência da indicação" e que ela "conflita com os princípios bíblicos e teológicos" deles e do Seminário Presbiteriano Reverendo Denoel Nicodemus Eller. Além de outras considerações, a JURET informa que o Professor Rev. Sebastião Guimarães será mantido na disciplina ministrada, "a partir deste momento sob observação criteriosa da JURET-BH". Consideramos que a responsabilidade foi identificada e assumida e que o assunto foi tratado, com toda convicção e arrependimento que se espera dos servos de Deus.

5. Por último, sobre este assunto, a JET deliberou na reunião de 09.02.2007, formar uma comissão para supervisão, elaboração e aplicação do vestibular 2008 e do chamado "Provão" 2007, no espírito das providências indicadas na Nota Oficial acima aludida, constituída pelos seguintes integrantes:

- Pb. Eli Medeiros – Membro da diretoria da JET
- Rev. Jaime Marcelino de Jesus – Membro da JET
- Rev. Dr. Davi Charles Gomes – Diretor do Centro de Pós Graduação Andrew Jumper
- Rev. Ageu Cirilo de Magalhães Jr. – Diretor do Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição – que coordenará o Vestibular 2008.

6. Concluimos esta questão, portanto, verificando que o pedido de desculpas aludido na resolução do PBHZ foi atendido. Quanto à "responsabilização", tais responsabilidades foram assumidas e nunca transferidas em todas as escalas da elaboração e ministração do Vestibular Unificado, começando pelo professor que realizou a escolha e terminando com a própria JET, sendo reconhecida a perniciosidade da obra e não tendo sido atenuada a incompatibilidade com os princípios e doutrina da nossa denominação. Essa posição consta da já especificada Nota Oficial da JET.



Segundo Documento:

Quanto ao documento No. 29, que emite "posicionamento sobre a validação dos diplomas de Teologia emitidos pelo Seminário Rev. Denoel Nicodemos Eller, por Instituição de Ensino não reconhecida pela IPB".

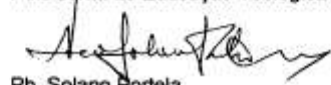
Verificamos que não é solicitada posição desta Junta de Educação Teológica, sendo as três resoluções dirigidas à JURET – BH; à CE-SC/IPB; e aos pastores do PBHZ. Aproveitamos a oportunidade para informar que esta Junta recebeu consulta da JURET-BH, em 01.12.2006, pronunciando-se genericamente sobre **ensino teológico por instituições não reconhecidas pela IPB**, e, mais especificamente, sobre curso de complementação teológica para convalidação de diplomas de bacharel em Teologia.

A JET deliberou posicionar à consulente, JURET-BH, que o ensino teológico ministrado nas dependências do seminário ou patrocinado por esta em outras instalações físicas, **seja para convalidação de diploma ou de outra natureza**, está sujeito à aprovação antecipada de cada JURET, ouvida a JET. Esclareceu, em adição, que estes passos eram destinados a cumprir os termos do RI dos seminários teológicos da IPB, aprovado pelo SC/IPB-2006, e que a função da JURET, nessa apreciação, era a **de verificar a observância da fidelidade à teologia bíblica reformada**, solicitando da JET a aprovação final. Nesse sentido, não há autonomia dos seminários para realização de qualquer convênio ou curso, sem que tais passos sejam trilhados.

Na expectativa de ter contribuído para um melhor entendimento ou esclarecimento desses pontos, firmamo-nos,

Em Cristo Jesus,

Pela Junta de Educação Teológica da Igreja Presbiteriana do Brasil,



Pb. Solano Portela
Presidente



Pb. Gilson Alberto Novaes
Secretário

Cópia:

Exmo. Sr. Secretário Executivo da Igreja Presbiteriana do Brasil, para encaminhamento à CE-SC/IPB-2007.



Igreja Presbiteriana do Brasil
Junta de Educação Teológica

Secretaria: Rua da Consolação, 896 - 10º andar - Consolação - São Paulo - SP, CEP 01.302-907 - Telefone: (11) 2114-4907 / Fax: 1214-2990
Presidência: Rua da Consolação, 896 - Prédio 29 - Consolação - São Paulo - SP, CEP 01.302-907 - Telefone: (11) 2114-8505 / Fax: 1214-3041

Belo Horizonte, 25 de janeiro de 2007

A
Comunidade Presbiteriana:
At. dos Pastor(es), Presbíteros da Igreja ou Congregação.

*"Não sejam envergonhados por minha causa os que esperam em ti,
ó Senhor, Deus dos exércitos, nem por minha causa sofram
vexame os que te buscam, ó Deus de Israel!" Salmo 69.6*

Amados irmãos em Cristo Jesus, graça e paz!

A coordenação do Vestibular Unificado/2007 do curso de Teologia, cumprindo determinação da JET - Junta de Educação Teológica da Igreja Presbiteriana do Brasil, faz chegar ao seu conhecimento a seguinte nota:

"A Junta de Educação Teológica da Igreja Presbiteriana do Brasil JET, vem a público reconhecer e pedir desculpas à comunidade presbiteriana, em especial aos participantes do Vestibular Unificado/2007 e aos seminários, pela inclusão dos livros leitura obrigatória de obra não recomendável, que apresenta uma visão de sexualidade que é contrária a tudo aquilo que pregamos e que encoraja a impureza de pensamento oposta ao que deve permear a mente do cristão, conforme Filipenses 4:8. Informa, em adição, que providências estão sendo tomadas para que as relações futuras de livros sejam suficientemente examinadas com critérios que visem tão somente a aferição do conhecimento lingüístico, gramatical ou literário dos vestibulandos"

Confiamos nas misericórdias de Deus e na benevolência dos irmãos. Que a Graça seja com todos.

Fraternalmente.

Rev. Valdir Ferreira da Cunha
Coordenador do Vestibular Unificado dos Seminários da IPB



PRESBITÉRIO



BELO HORIZONTE

PRESBITÉRIO BELO HORIZONTE - PBHZ

Rua Ceará, 1434, Bairro Funcionários, 30150-311, Belo Horizonte, MG, 3273-7044

Rev. César Guimarães do Carmo

Presidente: revcesargc@ig.com.br
3493-6722 = 9304-3732 – 3493-4237

Rev. Dercy de Lima

Secretário Executivo: revdercy@hotmail.com
3273-7044 = 3484-4199 – 9157-4806

Belo Horizonte, 11 de janeiro de 2007.

Ao Exmo Sr. Presidente da JET

Assunto: **"Posicionamento sobre Livro Indicado pela Coordenação do Vestibular Unificado para os Seminários da IPB"**

Saudações em Cristo Jesus, Senhor da Seara.

O Presbitério Belo Horizonte (PBHZ) em sua 46ª Reunião Ordinária realizada nos dias 14 a 16 de dezembro de 2006, resolveu **oficiar à JET** a total discordância com o ocorrido, livro indicado pela Coordenação do Vestibular Unificado para os Seminários da IPB – (Conforme xérox do **Doc. nº 93, dos Docs. N°s 28 e 33** anexados) requerendo desta JET ações efetivas quanto à JURET, como se segue explicitado no **Doc. N° 93**.

Estamos anexando também o **Doc. nº 79**, referente ao **Doc. nº 29**, Posicionamento sobre validação dos Diplomas de Teologia emitidos pelo Seminário PTRDNE, por instituições de ensino não reconhecidas pela IPB*, documentos endereçados à JURET-STPRDNE e à CE/SC/IPB, para posicionamento e decisão.

Tendo em vista essa resolução, passo à JET cópias dos referidos documentos para análise e resolução.

No aguardo de resposta que se faz urgente, despedimo-nos no temor de nosso Senhor Jesus Cristo.

Rev. Dercy de Lima
Secretário Executivo do PBHZ

46ª Reunião Ordinária - PBHZ
15 de dezembro de 2006 DOC. Nº 93

Despacho 
Presidente: 

Relatório da Comissão de Legislação e Justiça

"Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes". 1
Corintios 15:33

Sobre os documentos 28 e 33 - "Posicionamento sobre Livro Indicado pela Coordenação do Vestibular Unificado para os Seminários da IPB", cujo documento 28 será transcrito na íntegra pelo SE/PBHZ, decide o PBHZ:

- 1- Oficiar formalmente à Jet a total discordância com o ocorrido, a saber: inclusão do Livro *Poema "Sujo"*, de autoria de Ferreira Gullar, no conteúdo programático do Vestibular Unificado dos Seminários da IPB/2006, que aberraram e afrontam a Fé Bíblica, preceitos e valores da Fé Reformada, portanto, total incompatibilidade com a IPB, pelo que requer-se necessariamente ações efetivas quanto à Juret, como segue:
 - 1.1 Pedidos Formais de escusas aos Candidatos e à IPB.
 - 1.2 ~~Constituição~~ ^{AVULSAS} dos responsáveis diretos pela Matéria e pela Coordenação do Vestibular.
RESPONSABILIZAÇÃO
- 2- Encaminhamento dos referidos documentos - 28, 33 - e desta decisão à CE/SCIPB.

Sala das Seções, 15 de dezembro de 2006,

A Comissão
Relator Rev. Ludgero Bonilha Moraes



46ª Reunião Ordinária – PBHZ
15 de dezembro de 2006 DOC. Nº 28

Despacho *[assinatura]*

[assinatura]
Presidente



Belo Horizonte, 14 de Dezembro de 2006

Ao Colendo Presbitério Belo Horizonte

REF. SOLICITAÇÃO PARA QUE O PBHZ SE POSICIONE SOBRE LIVRO INDICADO PELA COORDENAÇÃO DO VESTIBULAR UNIFICADO PARA OS SEMINÁRIOS DA IPB E SOBRE A DECISÃO DA JET QUANTO AO ASSUNTO.

**Sr. Presidente:
Nobres colegas:**

Aconteceu no dia 18 de Novembro deste ano o Vestibular Unificado para o curso de Bacharel em Teologia oferecido pelos seminários da Igreja Presbiteriana do Brasil. Este é o exame para definição daqueles que definitivamente poderão se matricular como alunos regulares no curso em nossos seminários, pré-requisito para ordenação ao Sagrado Ministério.

Nas áreas de Português e Literatura foi indicado um livro de Ferreira Gullar com o seguinte título: "Poema Sujo". As questões relacionadas ao livro objetivam identificar a capacidade do candidato para leitura e interpretação crítica de textos; que ele ainda possa reconhecer os elementos de coesão e fatores de textualidade que lhes dão coerência. As leituras das obras indicadas são obrigatórias.

Quanto à obra "Poema Sujo", primeira listada no programa do vestibular o nome já diz tudo; ou melhor, quase tudo. Eis a definição da palavra encontrada em um dicionário de língua portuguesa: Falta de limpeza; cheio de sujidade(s);

emporcalhado, porco, imundo, sórdido, manchado, conspurcado, maculado, infeccionado, contagiado.

O conteúdo do tal poema faz jus ao seu título. Um emaranhado de descrições abjetas podendo ser classificada facilmente como literatura pornográfica, uma vez que relatam coisas ou assuntos obscenos ou licenciosos, capazes de motivar ou explorar o lado sexual do indivíduo.

Assim o autor do livro, Ferreira Gullar, em entrevista a "ISTOÉ Online" descreve sua obra: Ele é sujo porque "não tem nenhuma reserva moral. Uso palavras que a moral conservadora convencional não aceita. É sujo porque rompe com uma série de valores estéticos...".

A JET (Junta de Educação Teológica) tratou deste assunto em sua última reunião ocorrida na cidade de São Paulo no início de dezembro. Esta douta Junta constatou a gravidade dos fatos: Trará ao conhecimento da IPB escusas pela vinculação deste livro no vestibular. Além disto, determinou a JURET de Belo Horizonte que apure os fatos que produziram a incidência deste lamentável episódio.


Não obstante, ainda que seja função de nossa JURET averiguar as circunstâncias deste tórrido episódio (o Coordenador Geral do Vestibular é o Diretor do nosso Seminário); a JET se furta de cumprir o seu papel plenamente, pois ela é "em última instância" responsável pelo Vestibular Unificado; a ela cabe as providências de responsabilizar os envolvidos neste desdouro.

Entendo que a JURET de Belo Horizonte, pelo bem da educação teológica em nosso seminário, deve necessariamente aquilatar acerca da origem, do mentor e objetivos desta manobra. Não foi um mero descuido – ainda se o fosse, não seria menos trágico. Existem informações que questões do Vestibular foram retiradas do tal livro sujo. Portanto, quem realizou as perguntas para o vestibular tinha conhecimento do conteúdo emporcalhado desta obra, ainda assim, dela formulou questões para mensurar e determinar aqueles que poderiam se preparar para servirem a Igreja Presbiteriana do Brasil como seus pastores.

Diante destas cousas solicito do PBHZ a adoção de medidas cabíveis, para que os propósitos destas ações sejam

identificados e devidamente rechaçados para o bem do Reino do Senhor e da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Nos laços da Cruz.


Rev. César Guimarães do Carmo
Membro Titular da JURET - Belo Horizonte

Em anexo:

- 1. Orientações para o Vestibular Unificado.**
- 2. Porções da Obra "Poema Sujo"**
- 3. Entrevista de Ferreira Gullar concedida à "Época On-line".**